

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**O ORIENTE MÉDIO ANTIGO: EUROCENTRISMO, DEPORTAÇÃO E ENSINO DE
HISTÓRIA**

SAMIR DE BARROS REBÊLO

São Luís – MA

2023

SAMIR DE BARROS REBÊLO

**O ORIENTE MÉDIO ANTIGO: EUROCENTRISMO, DEPORTAÇÃO E ENSINO DE
HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão com vista à obtenção do título de Mestre.

Orientador (a): Profa. Dra. Ana Livia Bomfim Vieira

São Luís - MA

2023

Rebêlo, Samir de Barros.

O Oriente Médio Antigo: eurocentrismo, deportação e ensino de história / Samir de Barros Rêbello. – São Luís, 2023.

139 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST), Universidade Estadual do Maranhão, 2023.

Produto Educacional da Dissertação o *website* “Há muito tempo”. Disponível em: www.hamuitotempo.com.br

Orientadora: Profa. Dra. Ana Livia Bomfim Vieira.

1. Ensino de história. 2. Oriente Médio Antigo. 3. História antiga. 4. Eurocentrismo. 5. Deportação. I.Título.

CDU 37.012:94(5)

SAMIR DE BARROS REBÊLO

**O ORIENTE MÉDIO ANTIGO: EUROCENTRISMO, DEPORTAÇÃO E ENSINO DE
HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão com vista à obtenção do título de Mestre.

Aprovado em: 24 /05 /2023

BANCA AVALIADORA:

Ana Livia B. Vieira

Prof. Dra. Ana Livia Bomfim Viera (orientadora) (PPGHIST/UEMA)

Marcos Vinícius de Freitas Reis

Prof. Dr. Marcos Vinícius de Freitas Reis (arguidora) (PPGHIST/UEMA)

José Henrique de Paula Borralho

Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho (arguidora) (PPGHIST/UEMA)

Todas as jornadas genuínas começam quando saímos do lar aconchegante e colocamos o pé na estrada, e o caminho nos levará ao final, este, porém, é um mistério.

(Samir de Barros Rebêlo, 2023).

AGRADECIMENTOS

A primeira consideração se dirige à Ana Livia Bomfim Vieira, minha orientadora, por me guiar, metodologicamente, e confiar nas minhas capacidades. Agradeço à minha família, especialmente, José Manuel Macário Rebêlo, Vera Lúcia Lopes de Barros, Ana Maria de Barros e Vagner Francisco de Barros Meneses pelo apoio relacionado às minhas ambições e sonhos. Respectivamente, meu pai, minha mãe, minha tia e meu irmão mais velho. Agradeço aos dias maravilhosos ao lado de Gabryelle Alves Brandão, minha parceira. No referente à Unidade Vocacional Integrado Estado do Ceará, localizado no bairro Coheb do Sacavém em São Luís do Maranhão, meus sinceros agradecimentos à Edna Maria de Carvalho Chaves (professora de História), Vânia Nogueira dos Santos (Diretora) e Luís Alex Lopes Correia (Supervisor). Sobre a bolsa de pesquisa, meus agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Por último – mas, não menos importante – estimo a Universidade Estadual do Maranhão e o Programa de Pós- Graduação em História pelo conhecimento compartilhado. Afinal, não somos nada sem o prazer do saber.

O método da ciência, por mais enfadonho e ranzinza que pareça, é muito mais importante do que as descobertas dela.

(Carl Sagan, 2006)

RESUMO

A presente obra dissertativa pretende contribuir para o ensino de História, por meio de um *Corpus Textual (website)* “historiasconectadas.com.br”. A dissertação de mestrado busca diferentes perspectivas, diversidade, inter-relações culturais e conscientização escolar. Os principais temas em questão são relacionados ao eurocentrismo presente no cotidiano do Ensino Básico, e no seio da História Antiga. Analisa-se o etnocentrismo europeu de um ponto de vista geral e, também, específico ao vislumbrar a crise da História Antiga. Por meio das “Histórias Conectadas”, aliada à História Global, desenvolveu-se uma minuciosa pesquisa sobre as relações culturais entre Assíria e Babilônia dos séculos VIII, VII e VI a.e.c., associadas ao fenômeno da *deportação da estátua de Marduk*, a fim de compreender os produtos derivados do intenso contato, em contraste com a visão universalista (eurocêntrica). Faz-se essencial demonstrar como a pesquisa se integra aos parâmetros da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Sobre a convergência ensino e aprendizagem em conformação com a pesquisa científica, levou-se em conta a perspectiva pedagógica de Paulo Freire, visando diálogo, curiosidade, crítica e liberdade e amor pelo ensino. Aplicar o produto educacional, “historiasconectadas.com.br”, no IEMA – Unidade Vocacional Integrado Estado do Ceará, localizado no bairro da Coheb do Sacavém – para o 3º ano do Ensino Médio.

Palavras-chave: Ensino de História; Deportação; Histórias Conectadas.

ABSTRACT

This dissertation intends to contribute to the teaching of History, through a Textual Corpus (website) “historiasconectadas.com.br”. The master's thesis seeks different perspectives, diversity, cultural interrelationships and school awareness. The main themes in question are related to the Eurocentrism present in the daily life of Basic Education, and within Ancient History. European ethnocentrism is analyzed from a general point of view, and also from a specific point of view, when glimpsing the crisis of Ancient History. Through the “Connected Stories”, allied to Global History, a detailed research was developed on the cultural relations between Assyria and Babylon of the 8th, 7th and 6th centuries BC, associated with the phenomenon of the deportation of the statue of Marduk, in order to understand the products derived from intense contact, in contrast to the universalist (Eurocentric) vision. It is essential to demonstrate how the research integrates with the parameters of the National Common Curricular Base (NCCB). Regarding the convergence of teaching and learning in conformation with scientific research, Paulo Freire's pedagogical perspective was taken into account, aiming at dialogue, curiosity, criticism and freedom and love for teaching. Apply the educational product, “historiasconectadas.com.br”, at IEMA – Integrated Vocational Unit in the State of Ceará, located in the Coheb neighborhood of Sacavém – for the 3rd year of High School.

Keywords: History Teaching; Deportation; Connected Stories.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular.

IEMA – Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão.

UFMA – Universidade Federal do Maranhão.

A.E.C – Antes da Era Comum.

APRESENTAÇÃO

Iniciamos o desenvolvimento da pesquisa com a intensão crítica de combater os antigos paradigmas etnocêntricos difundidos no conteúdo e organização do conhecimento escolar no tocante à Antiguidade. Para isso edificou-se na estrutura textual uma análise e crítica geral ao eurocentrismo; relativização do eurocentrismo morfológico nas entranhas da História Antiga e como pensar em outras abordagens, temáticas, propostas descentralizantes.

Desse modo a *deportação da estátua de Marduk*, além do saber construído sobre os templos, textos literários antigos (tabuinhas em escrita cuineiforme), conciliações e guerras entre assírios e babilônios, conferem uma história de integração cultural. Estes grupos humanos estiveram em intenso contato produzindo conhecimento (textos sagrados) tensões, anseios, ambições, traumas, conquistas, informações em contraste com a “superioridade autosuficiente”, citando caso análogo à Grécia Clássica, característica dos discursos etnocêntricos do século XVII, XVIII e XIX, ainda presentes no arcabouço teórico das últimas décadas. É uma história dos povos em “conexão”.

Todo o conhecimento produzido no corpo desta dissertação se integra à Base Nacional Comum Curricular. Os conceitos estabelecidos pela BNCC são a valorização da diversidade, diálogo, interpretação, conscientização e ética. Para levar esse conhecimento e aplicá-lo em uma instituição pública de ensino desenvolvemos um *website* como produto educacional chamado de “historiasconectadas.com.br”. Este recurso é um *Corpus Textual* e permitirá que o conhecimento histórico sobre a Mesopotâmia, sobre cosmovisões, sobre interações humanas produzidas ao longo da dissertação possa ser compartilhado. As informações destacadas assumem a forma de três capítulos. O 1º capítulo se chama *Um parasita no interior da história antiga*; o 2º capítulo, *A deportação da estátua de marduk: lá e aqui mais uma vez*; o 3º capítulo e último, *Antiguidade em sala de aula: da Mesopotâmia ao website “historiasconectadas.com”*.

OBS: O nosso *website* foi estruturalmente atualizado, seu título atual é: <https://hamuitotempo.com.br>. Nosso *site*, atualmente, se tornou mais abrangente. **22/06/2023.**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capa do capítulo didático - 2020.....	18
Figura 2. Capa do livro didático - 2021	19
Figura 3. Cleópatra	30
Figura 4. Deuses do Egito	31
Figura 7. 300	37
Figura 8. Percy Jackson e o Ladrão de Raios	38
Figura 9. Fúria de Titãs.....	38
Figura 10. Imortais	39
Figura 11. Fúria de Titãs 2.....	39
Figura 12. Percy Jackson e o Mar de Monstros	40
Figura 13. A lenda de Hércules	40
Figura 14. Hércules	41
Figura 15. 300: a ascensão do império	41
Figura 16. Príncipe da Pérsia: as areias do tempo	42
Figura 17. Dialetos Arcaicos do Acadiano	52
Figura 18. Localização dos achados arqueológicos	53
Figura 19. O templo de Marduk, Etemenanki.....	57
Figura 20. Estátuas de adoração, acima, pilhadas pelos assírios	63
Figura 21. O cerco de Laquish (704 a.C. – 681 a.C.).....	76
Figura 22. Página do Jovem Nerd	99
Figura 23. Histórias Conectadas 1ª versão.....	100
Figura 24. Área do login (administrador).....	100
Figura 25. Elaborador de postagens e administrador dos comentários	101
Figura 26. Criação e manutenção da postagem.....	101
Figura 27. Processo criativo.....	102
Figura 28. Inserção de itens	103
Figura 29. Adicionando um vídeo do Youtube	103
Figura 30. Página inicial	104
Figura 31. Apresentação do website pelo celular.....	105
Figura 32. As categorias	106
Figura 33. Envio de sugestões.....	106
Figura 34. Caixa de comentários.....	107

Figura 35. O aplicativo	108
Figura 36. O tutorial	108
Figura 37. Segunda etapa do tutorial	109
Figura 38. Terceira etapa do tutorial	109
Figura 39. Quarta etapa do tutorial.....	110
Figura 40. Quinta etapa do tutorial.....	110
Figura 41. Sexta etapa do tutorial.....	111
Figura 42. Sétima etapa do tutorial.....	111
Figura 43. Etapa final do tutorial.....	112
Figura 44. Vista ampla do “Estado do Ceará”	113
Figura 45. Unidade Vocacional Integrado Estado do Ceará.....	113
Figura 46. Área de circulação	115
Figura 47. Auditório	115
Figura 48. Os horários definitivos	116
Figura 49. Turma do terceiro ano (Terceirão).....	120
Figura 50. Professora Edna e o 3º ano do Ensino Médio	120

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
INTRODUÇÃO	15
JUSTIFICATIVA	16
OBJETIVOS	20
METODOLOGIA	20
CAPÍTULO 1	25
UM PARASITA NO INTERIOR DA HISTÓRIA ANTIGA	25
O eurocentrismo: um morador inconveniente.....	25
A História Antiga: crises no fundamento.....	45
CAPÍTULO 2	50
A DEPORTAÇÃO DA ESTÁTUA DE MARDUK: LÁ E AQUI MAIS UMA VEZ	50
Linguagem e cosmovisão.....	50
A representação divina materializada no mundo.....	61
A fúria de Senaqueribe e o fenômeno “godnapping”: sequestro de divindades.....	64
O significado da deportação divina: Marduk.....	69
O retorno de Marduk a Babilônia.....	80
CAPÍTULO 3	87
ANTIGUIDADE EM SALA DE AULA: DA MESOPOTÂMIA AO WEBSITE “HISTÓRIASCONECTADAS.COM”	87
Base Nacional Comum Curricular (BNCC): como se integra à pesquisa.....	87
Paulo Freire: ensinar é dialogar.....	92
Descrição do produto educacional: aprendendo a fazer seu conteúdo.....	98
Aplicação do produto “historiasconectadas.com.br” em sala de aula: ação.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	125

1. INTRODUÇÃO

Um dos principais problemas do ensino de História Mundial e, concomitantemente, da História Antiga é um inquilino inconveniente, o eurocentrismo. Não buscamos desrespeitar ou menosprezar a contribuição materializada pelos nossos antepassados europeus. Visamos contribuir para o enriquecimento do conhecimento histórico abordando o Oriente Médio Antigo. Simultaneamente, procuramos espaços detalhados para compreender outras culturas até então vislumbradas, pelo senso comum literário, como um estágio inicial de civilização, a exemplo a Mesopotâmia.

Aliado a crítica ao etnocentrismo, propõe-se a significação de abordagens diferentes se comparado ao currículo neoliberal mecanicista. Estabelecendo diálogo, razão às diversidades humanas e saberes culturais. Por este motivo voltamo-nos a nova proposta para o Ensino Médio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Portanto, no Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade. Para tanto, define habilidades relativas ao domínio de conceitos e metodologias próprios dessa área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão de um dado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos (BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, 2022).

Os conjuntos elementares trazidas pela BNCC, compreensão, interpretação e ética são estruturas basilares na construção da pesquisa. Tais apontamentos incentivam a abertura de discussões acadêmicas complexas, por exemplo, as tensões entre assírios e babilônios (povos do Oriente Médio Antigo) que se deram de maneiras tão variadas quanto intrigantes. Diante do termo tensão, referimo-nos a deportação das estátuas de adoração, fenômenos às vezes violentos capazes de alterar, ao que tudo indica, os ânimos das cidades, dos templos, da realeza e da população.

Ademais, o objeto desta pesquisa é uma estátua materializada apenas em relevos sobre pedra ou inscrições (traduzidas) em escrita cuneiforme. A estátua em questão é uma representação de Marduk, o deus rei babilônico adorado em quase toda a extensão da Mesopotâmia, os assírios, aliás, também o veneraram. Havia imenso apreço real e simbólico atado à imagem sacra. Suas prolongações ritualísticas reverberavam nos templos, épicos sagrados e na identificação dos reis e do homem livre. Escolhemos Marduk como objeto a ser

pesquisado por algumas razões, foi um deus proeminente entre os babilônios do recorte espaço-temporal por nós estabelecido, século VIII a.e.c até o século VII a.e.c. período da dinastia sargônida, rei Senaqueribe, rei Essaradão e o rei Assurbanipal. Analisou-se, criticamente, o contexto do rei babilônico Merodaque – Baladan (rival de Senaqueribe) e Nabonidus (século VI a.e.c.). Além disso, existem muitas evidências documentais relatando as aventuras, funções e responsabilidades extramundanas desta divindade.

A deportação da estátua de Marduk, realizada pelos assírios, pode ser visualizada como “sequestro”, como “violência direta”, pois, inflingiu dano físico à cultura oprimida, é possível imaginar até como uma “violência indireta”, quer dizer, um golpe desferido nas sensibilidades humanas. Daí, a ideia de aproximar o passado e o presente por meio dos sentimentos próprios das pessoas, dos sujeitos históricos, ou melhor, dos estudantes do 3º ano do Ensino Médio. Do valor conferido a determinados objetos, crenças, linguagens e perspectivas. A escola escolhida foi o IEMA, Estado do Ceará, demarcado no bairro da Coheb em São Luís do Maranhão.

Para realizarmos o estudo respaldado aos parâmetros proposto pelo Mestrado Profissional, aplicou-se um *website* chamado “historiasconectadas.com.br”. Onde se uniu a pesquisa e o ensino/aprendizagem. O desenvolvimento crítico, interpretativo, conscientizador se deu dialogalmente no cenário em que o professor e o estudante interagem juntos na construção do conhecimento histórico, especificamente, a História Antiga do Oriente Médio. Desse modo, incentivamos o apreço pelo que é diferente, dentro de sala de aula, conscientizando, por exemplo, os estudantes sobre os problemas humanitários que a guerra, o conflito ou qualquer conceito de “violência direta” inflinge à humanidade. Além disso, alertamos sobre o eurocentrismo observável nos grandes meios de entretenimento, na História e a conformação de novos olhares éticos.

2. JUSTIFICATIVA

As revisões conceituais, metodológicas, temáticas da História Antiga são características de um problema que se estendeu em longo prazo, o etnocentrismo europeu sodado morfológicamente em suas entranhas. Tal qual a erva daninha mais incômoda, este germe é secular, extraído, lapidado e vendido em todas as instituições imagináveis. Intencionalmente ou não mudou o comportamento das sociedades europeias do Ocidente com relação às demais sociedades do mundo.

O perímetro feito pelos eruditos “iluminados” do século XVII, XVIII e XIX impediu, por centúrias, o desenvolvimento de uma Grécia multicultural, a título de exemplo, no conhecimento histórico geral. A Grécia, seguindo o fluxo iluminista e racional, assumiu não “um”, mas, “o” postulado medular “virtuoso”, “viril” e “modelo civilizacional”. Desde então a História Clássica, Grécia e Roma, seguem a disciplina (escolar) com carga horária superior.

Os estudos clássicos, dessa forma, teriam incorporado os padrões sociais e culturais em que se desenvolveram, fornecendo, em troca, argumentos em favor da noção de uma incontestável superioridade europeia sobre todos os outros continentes. Tal estratégia veio de encontro a uma espécie de justificação das ações imperialistas ou neocolonialistas do período, como se fossem elas “missões civilizadoras” (BERNAL, 2005, p. 13-14).

A Mesopotâmia, neste quadro, é reduzida a uma experimentação, um “laboratório” social progressivo no interior da História Geral. Os sumérios, babilônios ou assírios assumem a posição de cobaias, existindo, meramente, para atestar a civilização que “surgiria” em seguida. A realidade exemplificada está presente nos livros didáticos escolares das instituições públicas e redes de ensino privadas. Também pode ser visualizada como mercadoria comercializada pelas grandes indústrias de entretenimento. A crítica à antiguidade romantizada, a Grécia monocromática e inventada foi uma das principais razões para a elaboração deste trabalho.

A análise detalhada presente no 2º capítulo *A deportação da estátua de marduk: lá e aqui mais uma vez*, confere um ponto de vista das interrelações sociais, não centralizador, mas, conectado. A mesopotâmia não é matéria de experimentação, pelo contrário, “começa” e se “encerra” em si mesma, e, acima disso, pode apresentar argumentos valiosos para o tempo presente, como o valor simbólico, até maior na Antiguidade, conferido as estátuas de adoração, a perda do tutor (Marduk), as mazelas da guerra e destruição. Todavia, até alcançarmos este ponto, passamos por um percurso complexo.

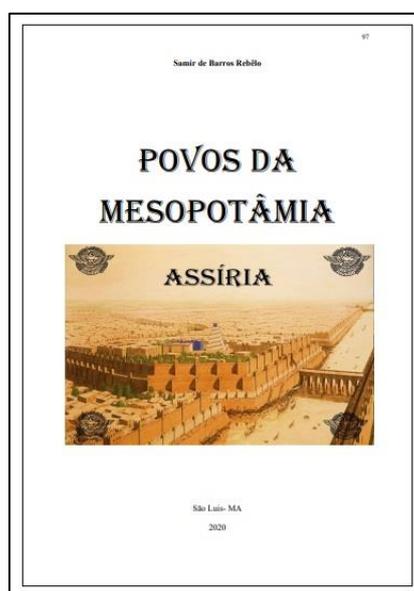
No ano de 2020 desenvolvemos uma obra final, trabalho de conclusão de curso, contendo um extenso conteúdo referente à simbologia presente na guerra assíria, ou seja, uma aproximação com os antigos moradores da Assíria, século VII a.e.c. e da Mesopotâmia. Estudamos os relevos em pedra, inscritos legislativos e “diplomáticos”, paralelamente, nos indagamos se os livros didáticos correspondiam à carga cultural múltipla da Assíria, e a conclusão foi um tanto pessimista. A maioria dos paradidáticos relatava um elemento tradicionalista, a crueldade assíria. A difusão de uma característica estabelecida unilateralmente produz, indiretamente, uma “identidade” geral absorvida pelo leitor, isto é um

problema. Em graus diferentes notamos este problema intrínseco no discurso eurocêntrico, isto é, no conceito criticado desta dissertação.

Ora, embora a guerra realmente fosse um importante segmento político, sagrado e real assírio, ela não englobava a natureza observável desta cultura. Por outro lado, compreendeu-se que o deus Assur (deus da guerra assírio) assumia diversos epítetos que não se referiam exatamente à guerra, o que era comum entre os deuses reis. Durante o governo do rei assírio Essaradão, século VII a.e.c., importantes imprevistos foram realizados em toda a Babilônia, traços políticos visando boa relação entre as duas organizações humanas, Assíria e Babilônia.

Decidimos, em anexo na Monografia, elaborar um *capítulo didático* dividido em tópicos correspondentes aos capítulos do trabalho final. A semente foi plantada, mesmo sem perceber, dentro do nosso subconsciente. Quer dizer, de que modo poderíamos abordar a Mesopotâmia sem parecer irrelevante ou, ironicamente, datado? Como contribuir para a História e mais importante, enquanto História, para a Educação Básica? Acreditamos que foi um processo intenso até a elaboração do projeto de pesquisa aprovado pela banca avaliadora no Mestrado.

Figura 1. Capa do capítulo didático - 2020



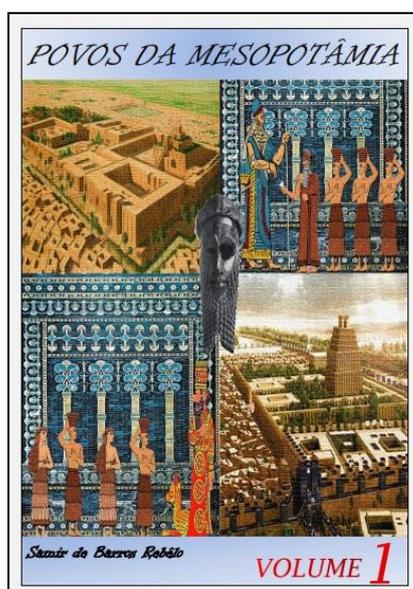
Fonte: autoria própria.

Todavia, os eventos e o cenário investigativo são milenares, e os sujeitos que viviam á 2600 anos atrás, obviamente, estão mortos. Então, como podemos “visitar” algo que nós não vivemos? É em razão disso que contaremos com uma extensa bibliografia, além de fontes transcritas e traduzidas para o nosso idioma e em língua estrangeira transposta para o

português. Todos os itens descritos funcionam como peças das quais utilizaremos para montar uma imagem final. Visitar, nesse caso, pode ser explicado como observar clinicamente o passado com nossas lentes, respeitar suas particularidades e aprender que o passado pode contribuir para a conscientização diante dos problemas contemporâneos, guerras, conflitos, elementos simbólicos legitimadores e a dor da perda.

Após os eventos relatados, uma ideia pareceu interessante e, ambiciosamente, nós nos dirigimos até sua consolidação, a criação de um *livro didático*. Tal obra existe, contudo, após o primeiro e o segundo semestre do Mestrado Profissional, durante a exposição das disciplinas, decidimos abandonar (temporariamente) este formato. Produziu-se algo com a personalidade cibernética do século XXI, um *website* chamado de “*historiasconectadas.com.br*”, pois, com um clique espaços distantes poderiam ser alcançados em curto período. “Histórias Conectadas” foi o nome dado ao canal do *YouTube* que serve como um complemento do produto educacional, tornando nosso conteúdo atual e disponível.

Figura 2. Capa do livro didático - 2021



Fonte: autoria própria.

As páginas serão alimentadas com conteúdo mensal e, posteriormente, semanal. O tempo está, rapidamente, se transformando. A metamorfose tecnológica, às vezes encarada negativamente, não deve ser julgada, porém, a adaptação dos recursos virtuais precisam se tornar, o quanto antes, uma metodologia no interior da instituição pública de ensino. Textos curtos e interessantes, vídeos curtos e empolgantes. Acreditamos ser a melhor forma de começar, porém, é preciso ênfase no seguinte: não existe uma fórmula bem definida para algo se tornar interessante. Deve haver bom ânimo por parte do criador.

Para melhor compreensão ou domínio dos temas tratados nesta obra destacamos todos os objetivos necessários, esqueleto do texto, para manter o leitor integrado, guiado e ciente dos questionamentos, propostas e intenções que partiram de nós. Cada meta estabelecida se complementa ao ressaltar os problemas advindos do eurocentrismo (etnocentrismo), como o 1º capítulo; em seguida, 2º capítulo, apresenta um contraste específico, se comparado ao eurocentrismo, sobre as relações entre culturas do Oriente Médio Antigo, Assíria e Babilônia, apresentando uma visão distinta em que ambos os povos são importantes; E por último, 3º capítulo, a aplicação em sala de aula dos conteúdos trabalhados nesta Dissertação de Mestrado.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral:

3.1.1. Contribuir para o desenvolvimento de um *Corpus Textual (website)* que engloba diferentes perspectivas, multiplicidade cultural, crítica ao eurocentrismo, valorização do Oriente Médio Antigo, inter-relações entre Assíria-Babilônia e conscientização do ambiente escolar.

3.2. Objetivos específicos:

3.2.1. Alertar quanto à interferência do eurocentrismo no cotidiano do Ensino Básico e acadêmico mediante a História Antiga.

3.2.2. Compreender o fenômeno da deportação estatuária divina, em foco o deus Marduk, como uma inter-relação em contraste ao eurocentrismo.

3.2.3. Aplicar o produto, *website*, “historiasconectadas.com.br” no IEMA Unidade Vocacional Integrado Estado do Ceará em confluência com a perspectiva conscientizadora de Paulo Freire.

4. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, investigativa, baseada na leitura bibliográfica especializada, em *sites*, documentos e outras fontes de pesquisa. O estudo desenvolveu-se em duas etapas: uma teórica e a prática docência. Para o desenvolvimento da etapa teórica, julgamos importante utilizar o campo da História Global e, especificamente, as Histórias

Conectadas para entender melhor a *deportação da estátua de Marduk*, retirada da Babilônia pelo rei assírio Senaqueribe e, provavelmente, devolvida no período do governante, também assírio, Assurbanípal.

No que concerne à prática docente, trabalhamos com o Paulo Freire e seu conhecimento crítico impar. Para isso escolhemos a Unidade Vocacional Integrado Estado do Ceará, encontrado no bairro da Coheb do Sacavém em São Luís do Maranhão. A disponibilidade da escola e o encorajamento a utilização de abordagens metodológicas diferentes foram às razões para empregarmos o produto didático em seu interior. Responsabilizamos-nos em realizar, dinamicamente, um produto didático para ser utilizado pelos alunos e professores dessa escola e com possibilidades de ser compartilhada com escolas do bairro ou mesmo da cidade de São Luís.

No dia 13 de Junho de 2022 a Profa. Dra. Regina Helena Martins Faria¹ (Universidade Federal do Maranhão - UFMA), nos disse, em um seminário no curso de História (Universidade Estadual do Maranhão - UEMA), algo muito importante, “não se usa apenas uma única metodologia na pesquisa científica”. Ela, obviamente, não disse que o pós-graduando deve usar métodos levemente, por outro lado, entender que, eventualmente, a pesquisa histórica exige demasiada atenção e refinamento. Tal realidade reverberou na escrita por meio de uma metodologia composta.

Quando imaginamos a possibilidade e, além disso, vislumbramos a oportunidade batendo à porta, sabíamos que abordar um tema tão denso quanto o Oriente Médio Antigo, nos colocaria diante de um grande desafio, pois não seria fácil encontrar um referencial teórico-metodológico que deixasse o caminho perfeitamente pavimentado. A maior parte das referências do assiriólogo brasileiro é, naturalmente, arqueológica, filológica ou histórica estrangeira e é difícil encontrar um “Conceito Geral” sobre “como se produz uma pesquisa dessa natureza”. Todavia, através do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) conhecemos uma bibliografia extensa a respeito do tema, bem como, auxílio, considerações, conselhos e orientações. Chegamos a um consenso, a História Global.

Nela, encontramos a melhor alternativa para transformar uma ideia em algo realizável, através de suas ramificações, que são as “Histórias Conectadas” que permeia, profundamente,

¹ Possui graduação em História Licenciatura (1975) e especialização em História Econômica (1998) pela Universidade Federal do Maranhão, mestrado (2001) e doutorado (2007) em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Universidade Federal do Maranhão, coordenou o Grupo de Pesquisa Sociedade, Memória e Poder, integrou o corpo docente do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História (Mestrado em História Social). Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil e do Maranhão, atuando principalmente nos seguintes temas: estado e poder, aparatos de policiamento, história militar, escravidão, trabalho livre.

o segundo capítulo e necessariamente o terceiro capítulo, quando a aplicação do produto e seus resultados fazem-se precisos. Ora, as “Histórias Conectadas” são como as veias e artérias essenciais para o entendimento das relações entre assírios e babilônios.

O campo da História em evidência, História Global, tem contribuído para uma revisão dos pressupostos historiográficos, o que significa uma reconfiguração da perspectiva até então vinculada à tradicional História Mundial. Na verdade, com muito esforço, existe uma tentativa de desocidentalizar este campo *mundi*, construto cultural unilateral da civilização europeia (SILVA, 2019, p. 475). Precisamos dar espaço à especificidade espacial, temporal e cultural sem recorrer ao “destino” profético originador da Europa Setentrional. Ao mesmo tempo, metodologicamente, a nova História Global não é uma história que, forçosamente, narra à totalidade da História.

A história global, em suas formulações mais sofisticadas, não significa contar a história de tudo no mundo todo. Podemos partir do entendimento de que “global” não é o objeto de estudo, qualquer que seja, mas uma ênfase nas conexões, na escala e, acima de tudo, na integração. Não é difícil imaginar uma história de mercados mundiais ou bolsas de valores numa economia global; uma história de disseminação de tecnologias como o telégrafo, o cabo marítimo ou a internet, conectando diferentes regiões do mundo; uma história de migrações e diásporas de populações sobre o globo; uma história dos hábitos alimentares ou da propagação de doenças mundo afora; uma história da guerra, com batalhas sucedendo simultaneamente em diferentes continentes (MALERBA, 2019, p. 462).

Nós podemos dizer que a nova História Global se preocupa mais com as convergências interculturais, e o que elas podem produzir – tensões, uniões, sentidos identitários, pluralidade – em contraposição ao fomento de uma suposta “superioridade” étnica. Dessa forma, algumas pesquisas buscam aproximar as culturas através de alguns temas interessantes, por exemplo, a “disseminação tecnológica” (DONGLIANG; WERTMANN; *et al*, 2021, p. 1-17)². Esta pesquisa, a nossa, acentua os contatos (violentos e conciliadores) observados com a convergência cultural.

Assim, embora haja exceções que tendam a resgatar a velha história mundial, com frequência os objetivos dessa história global não são somente a escrita de uma história do mundo como totalidade, mas a aproximação gradual dessa totalidade por meio das narrativas-problema e da observação de fenômenos históricos globais, ou de fenômenos locais vistos sob uma perspectiva global (SILVA, 2019, p. 476).

² Em *No borders for innovations: A ca. 2700-year-old Assyrian-style leather scale armour in northwest China* de Patrick Wertmann; Donliang Xu; *et al* (2021), um traje bélico de Yanghai foi analisado através das evidências observáveis, as escamas da armadura de Yanghai e armaduras assírias representadas nos relevos em pedra. A hipótese compreende a transferência tecnológica entre (oeste) Assíria e (leste) Yanghai-China.

O fenômeno em questão se chama *godnap*, em outras palavras, o “roubo”, “sequestro”, “deportação”, “retirada”, “pilhagem”, “transferência” de uma estátua sagrada (um deus ou deusa) de uma cidade para outra. Ocasões diversas, expressas em inscritos, descrevem este acontecimento à semelhança de um trauma, isto é, não realizado pacificamente, na verdade são muitos os registros cuneiformes que relatam a retirada das estátuas de adoração do seu “lugar materno/paterno”.³ O fenômeno da transferência de deidades é uma delimitação coerente, tendo em vista que as evidências conferem antigas tensões envolvendo assírios e babilônios durante os séculos VIII a.e.c. e VII a.e.c.

As Histórias Conectadas correlacionam, consistentemente, ambas as cidades, Assíria e Babilônia. Norberto Luiz Guarinello (2007) em “Modelos Teóricos sobre a Cidade do Mediterrâneo Antigo” afirma em seu artigo o que consideramos ser importante metodologicamente.

Prefiro pensar nas cidades antigas como partes de um sistema, em comunicação permanente, não só entre si, mas também com outras formas de organização social, a oriente e a ocidente. Sistemas de troca política e militar, de apoio e hostilidade, de intercâmbio de objetos, pessoas e idéias (GUARINELLO, 2009, p. 119).

Desse modo, não se trata apenas do estabelecimento superficial entre duas culturas, mas às trocas dos aspectos da “natureza humana”, as emoções⁴, o valor a matéria⁵, os elementos legitimadores⁶ e que produziram contradições por muitos anos. Na verdade podemos dizer que a memória resistiu ferida, mas, permaneceu nos achados. Afinal, a conquista assíria repercutiu ao seu redor, e destaca-se o seguinte: o domínio assírio não foi meramente espacial, foi também psicológico em alguma medida (conjectura). Talvez este seja um grande problema para as demais cidades que circundavam a área de influência assíria, como foi o caso de Babilônia. Entretanto, é prudente citar que as cidades “subalternas” não aceitaram esse domínio com naturalidade por tanto tempo, o que nos alerta sobre algum senso profundo de ligação com sua própria terra natal.

Na prática escolar, ou seja, a aplicação do Produto Educacional, nós escolhemos como Metodologia a sabedoria, experiência e crítica do eterno Paulo Freire (2021) através da grandiosa obra “Pedagogia da Autonomia”. Qualquer professor deve possuir, obrigatoriamente, um exemplar na sua biblioteca pessoal. Sem dúvida, graças às leituras deste

³ Vamos aprofundar esta temática no segundo capítulo “A destruição da estátua de marduk: lá e aqui mais uma vez”.

⁴ Não se retira uma divindade padroeira da cidade sem que isso produza algum fenômeno interno.

⁵ Compreendido, dependendo do objeto, com imensa humanidade e divinização.

⁶ A importância daquele objeto para justificar o poder.

livro e outras fontes encontradas no corpo do texto, nos consideramos aptos a fazer uma aula apreciável e, na mesma medida, questionadora.

O educador que, ensinando geografia, “castra” a curiosidade do aluno em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se [...] O professor que desrespeita a curiosidade do educando [...] transgride os princípios fundamentalmente éticos da nossa existência (FREIRE, 2021, p. 56-58).

Não é preciso enfatizar que Freire (2021) usou geografia em sua explicação, contudo, pode ser qualquer matéria de ensino. “Creio poder afirmar [...] que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina” (FREIRE, 2021, p. 68), a chegada até a escola “Estado do Ceará” não foi concebida como, meramente, “dar aula”, compreendemos sobre a ótica do “fazer aula” enquanto o próprio professor aprende com seus estudantes e vice-versa. Buscou-se seriedade ao ensinar pessoas (naturalmente incomodadas com lacunas) e não paisagens. Houve cuidado maior ainda em identificar a realidade dos estudantes envolvidos, quer dizer, se haveria possibilidade da aplicação do *website* em sala de aula.

Paulo Freire (2022), independente de destacar em “Educação como Prática de Liberdade” questões como a alfabetização, conscientização e valorização da cultura popular, nós consideramos que cabe em nosso contexto, igualmente, citá-lo quando o mesmo diz, “Nunca, porém, abandonamos a convicção que sempre tivemos, de que só nas bases populares, e com elas, poderíamos realizar algo de sério e autêntico para elas” (FREIRE, 2022, p. 134). Se nos responsabilizamos em realizar, dinamicamente, um produto didático no Bairro da Coheb (São Luís), foi preciso entender o que sentiam e dispunham para tornar o estudo o melhor possível, “Por isso é que é próprio da consciência crítica a sua integração com a realidade, enquanto que da ingênua o próprio é a sua superposição à realidade” (FREIRE, 2022, p. 139). Pensamos a Coheb dentro dela.

5. UM PARASITA NO INTERIOR DA HISTÓRIA ANTIGA

O primeiro capítulo se propõe a apresentar uma contextualização sobre o eurocentrismo em si, isto é, revisar os modelos sobre a Grécia Antiga e como se tornou o “exemplo” de humanidade, os postulados centralizadores dos últimos séculos, XVIII, XIX e XX, das retratações étnicas nos filmes e, particularmente, das mazelas eurocêntricas no interior da História Antiga. Acerca das mazelas (crises), busca-se ressaltar as características do eurocentrismo morfológico e o internalismo metodológico.

5.1. O eurocentrismo: um morador inconveniente

A parte mais difícil ao se enfrentar um desafio como este, é primeiro reconhecer sua existência, abandonando a “cegueira” e abstrair. Na infância é fácil impressionar, bastam mostrar, falar, sugerir fábulas, lendas e narrativas fantásticas e aquele indivíduo é laçado por décadas. O motivo dessa fala é a estrutura escolar, como se deu por muito tempo. Como se organizou pelos séculos o conhecimento, arbitrário, seletivo, danoso. É preciso escolher sabiamente as palavras corretas, ensinar jovens não é uma brincadeira descontrolada, parece óbvio dizer isso. Mas, o que ouvem podem acreditar e permanecer dentro deles por um longo período. Não entenda o rigor das palavras com teor incisivo, abstraia pacientemente.

Para compreender o eurocentrismo precisamos considerar sua historicidade, a começar pelo mundo antigo, pelo que consideram a joia mais bela do Ocidente. A Grécia foi motivo de fascínio, e é até hoje, através do espaço-tempo. Contudo, alguns modelos sobre “o que ensinar da Grécia” moldaram formas de enxergar, e a maioria de nós deve reconhecer só de ler ou ouvir. O *Modelo Antigo* e o *Modelo Ariano*. O último é explicado dessa forma: os povos que falavam o indo-europeu invadiram a Grécia pelo norte, o que sabemos sobre ela desde então é o resultado dessa invasão. (BERNAL, 2005, p.14).

O Modelo Ariano detém questionáveis afirmações, a exemplo, a síndrome da “pureza racial”. Daí em diante nós só podemos dizer que o “céu inteiro ficou nublado”, pois, até a linguagem foi compreendida como algo homogêneo, mesmo reconhecendo alguma multiplicidade linguística grega. Provavelmente, alguém ingênuo diria “Qual o problema dessa gente se achar especial?”, mal ela sabe que o problema da pureza é o que está ao seu redor. Logo “a limpeza” se incomoda com “a sujeira” e onde estava “nublado” começa a “chover”, e “enchentes” acabam tomando tudo que estiver defronte. O discurso pode ser tão penetrante em um civil quanto uma ideia foi na mente do orador que a engatilhou. No fim, a ideia apenas precisa ser legitimada.

O modelo Ariano, em contra partida, mesmo admitindo uma quota generosa de “misturas linguísticas”, aponta na direção de que tanto os invasores quanto os nativos foram “racialmente puros”, e que um ramo superior de raça branca é que teria efetuado vitoriosamente a conquista [...] A origem da Grécia, de acordo com o Modelo Ariano, era, por outro lado, retratada como um processo similar a aquele que os germanos (de acordo com a visão do século XIX) teriam levado a termo na destruição do Império Romano: os teutões infundindo, por meio da força bruta, seu vigor nas populações célticas e romanas da Europa (BERNAL, 2005, p. 15).

Antes de haver uma idealização nascente na Europa Ocidental da “Grécia” como o berço da “razão”, “civilidade”, “infância” europeia, havia outro modelo concebido e que perdurou até ser abandonado no início do século XIX. O Modelo Antigo, como se chamava, dava espaço para outros povos na contribuição do desenvolvimento cultural grego – ainda que não fosse bem polida – ao longo do século XVIII. O Oriente Próximo, isto é, Egito e Oriente Médio eram reconhecidos pelas influências religiosas e materiais.

De acordo com este Modelo Antigo, a Grécia teria sido habitada por tribos primitivas – como os pelasgos, entre outros – sendo, posteriormente, colonizada pelos egípcios e pelos fenícios, que construíram cidades e civilizaram os nativos. Os fenícios, por exemplo, introduziram o alfabeto, enquanto que os egípcios ensinaram aos pelasgos coisas como a irrigação, os nomes dos deuses e as formas de lhes prestar culto (Ibidem, p.16).

A partir da massificação do racismo estrutural, séculos XVIII, XIX, (primeira metade do século XX) e do racismo científico, seria absolutamente impossível para “bárbaros”⁷, sequer, tivessem algum envolvimento com a Magna Grécia. Mas, tal mensuração se tornaria mais complexa e resiliente, principalmente, no imaginário coletivo. Os frutos problemáticos são colhidos até hoje. Cabe ressaltar que os pensamentos exclusivistas foram disseminados por ingleses, franceses, mas, precipuamente, pela escola alemã. Houve antissemitismo no século XV, XVI, XVII e perdurou, infelizmente, até a Segunda Guerra Mundial com características sociais, econômicas, políticas, religiosas distintas.

Simplesmente não havia espaço, entre os europeus setentrionais, para africanos, asiáticos, sul-americanos (descendentes de indígenas e pretos). A Grécia perfeita resumia-se a Atenas intocada, imaculada, racional. Logo, esse discurso se transformou em uma macro-visão se levarmos em conta os conteúdos escolares da própria Europa e que foi importada

⁷ É preciso ter em mente alguns conceitos importantes. Quando nos referimos ao termo “bárbaro” fora da percepção grega, nós estamos destacando o discurso dos séculos XVII, XVIII, XIX. Quando nos referimos à Grécia Antiga, não é do nosso desejo emitir juízo de valor, tendo em vista que os mesopotâmicos também usavam termos rígidos para designar o “outro” em sua cultura. Nosso ponto neste 1º capítulo é a ênfase promovida pela cultura europeia ocidental como o “centro da Humanidade”, ou seja, a crítica se volta a esta questão. Outra consideração, a saber, é a valorização demasiada de conhecimentos gregos e romanos específicos (nos currículos escolares) em detrimento de outros saberes importantes, como analisaremos no 2º e 3º capítulo.

para o Brasil. O *Modelo Quadripartite* francês inventado no século XIX, separando a História do Mundo em etapas, História Antiga, Idade Média, Idade Moderna e História Contemporânea. Podemos dizer com segurança que o tempo relativo⁸, como nós conhecemos hoje em dia, foi, convenientemente, tornado em “tijolos”. Tijolos sobrepostos como um “Muro Alto”, fazendo qualquer estudante não enxergar criticidade⁹, mas, está fadado à cronologia¹⁰. Nota-se que a “rigidez” foi tornar o mundo subserviente da Europa.

A História hospedou um viés “efeito dominó”, pois, cada evento do passado é considerado “causa e consequência” para os ditos “fatos” seguintes, como fases em um jogo eletrônico, você só poderá seguir para o próximo nível se passar pelo anterior. Estudá-los, independentemente, é algo impensável para a História Geral da época. A História Antiga não se diferenciou das demais áreas do conhecimento histórico, quer dizer, adentrou às mesmas turbulências ou problemáticas quando comparada às outras disciplinas. Mas, qual viés seria este?

A “Superioridade” foi aceita por, praticamente, todo o povo europeu e norte-americano no século XIX. Referimo-nos, novamente, ao eurocentrismo, elemento sutil e gatuno que se uniu ao pensamento filosófico (DUSSEL, 1993, p. 17), epistemológico e disciplinar do Brasil. Além disso, a ideia de superioridade se tornou tão abrangente, tão ostensiva que europeus ocidentais não poderiam se ajoelhar diante do mundo, pelo contrário, o mundo deveria se curvar para o “estágio definitivo da evolução social”. “Nada existe” ou “não detém legitimidade” se não estiver relacionada ao Velho Mundo.

Ela está situada não só no apagamento dessa contribuição, mas também na negação de que esses povos eram dotados de racionalidade o suficiente para contribuir. Existe também a questão da não-compreensão de racionalidades e saberes não-ocidentais, colocando negros e indígenas, por exemplo, num lugar de inferioridade diante da racionalidade europeia. Esse dualismo, que coloca os civilizados e racionais de um lado e os denominados primitivos e “pré-lógicos” do outro, está embasado numa estratificação racista que coloca os últimos fora da história do poder (ROSA, 2017, p. 15).

O problema de tal verificação é como ela constrói a História Antiga, em suma, um vetor desenvolvimentista para a Europa-Occidental, geralmente, assumindo uma relação íntima “diferenciadora” com o poder (SILVA, 2000, p. 81). A função desta área, Antiguidade, não dizia respeito à importância da contribuição do “outro”, mas, para uma diferenciação cultural

⁸ Durante o século XIX ninguém sequer imaginava que o tempo fosse relativo. Tal concepção foi fundamentada por Albert Einstein em 1930.

⁹ Pesquisar por “Repensando a noção de tempo histórico no ensino” de Elza Nadai e Circe Maria Fernandes Bittencourt (1990).

¹⁰ Cronologia deriva de “Cronos”, titã grego responsável pela agricultura e pelo tempo em si.

caucasiana hegemônica. A distinção não é respeitosa, uma vez que o “outro” é uma nota de rodapé explicando a gênese da “minha” própria cultura, ao mesmo tempo, em que o “eu” se torna “melhor” por isso.

Através do romantismo (século XVIII), cientificismo (século XIX) nacionalismo (século XIX-XX) este “germe” centralizador solidifica as identidades alemãs, francesas, inglesas e italianas observada durante a Iª Guerra Mundial e a IIª Guerra Mundial. Todo o processo de construção identitária parece artificial (uma necessidade para legitimação própria). Apenas os povos brancos usufruíram do ideal consolidado nesta época, e a consideraram verdade. Sem referenciar, devidamente, a participação das outras culturas em nossas vidas, sacralizou um tema, “os escolhidos” como no caso grego e romano. Enrique Dussel (2005) em “Europa, modernidade e eurocentrismo” propõe a relativização desta “Europa definitiva” elaborando uma revisão do seu significado.

Em primeiro lugar, a mitológica Europa é filha de fenícios, logo, de um semita. Esta Europa vinda do Oriente é algo cujo conteúdo é completamente distinto da Europa definitiva (a Europa moderna). Não há que confundir a Grécia com a futura Europa. Esta Europa futura situava-se ao Norte da Macedônia e ao Norte da Magna Grécia na Itália. O lugar da futura Europa (a moderna) era ocupado pelo “bárbaro” por excelência, de maneira que posteriormente, de certo modo, usurpará um nome que não lhe pertence, porque a Ásia (que será província com esse nome no Império Romano, mas apenas a atual Turquia) e a África (o Egito) são as culturas mais desenvolvidas, e os gregos clássicos tinham clara consciência disso. A Ásia e a África não são bárbaras, ainda que não sejam plenamente humanas. O que será a Europa moderna (em direção ao Norte e Oeste da Grécia) não é a Grécia Originária, esta fora de seu horizonte, e é simplesmente o incivilizado, não-humano. Com isso queremos deixar muito claro que a diacronia unilinear Grécia-Roma-Europa é um invento ideológico de fins do século XVIII romântico alemão; é então uma manipulação conceitual posterior do modelo ariano racista (DUSSEL, 2005, p. 24).

Logo, durante os séculos as mudanças dos significados atribuíram ao continente europeu à posição chave do mundo, o centro do globo. A tendência do racional (na percepção dos séculos passados) é um incômodo perseguidor, dessa forma, “através do esforço da razão, liberar os seres humanos dos mitos primitivos e do pensamento simbólico, emancipando-os da imaturidade e abrindo caminho para um novo desenvolvimento histórico para a humanidade” (CORRÊA, 1997, p. 278). Não seria surpreendente, embora repudiável, que mesmo no seio social atual escutássemos o menosprezo pelo que é diferente, muitas vezes, “inferior”.

Qualquer prática ao desmentir a igualdade humana é nefasta e construto de uma ideologia segregacionista perversa (olhar contemporâneo). O racismo, por exemplo, “coisifica” o sujeito de tal modo, intencionalmente, transformando-o em algo desumano.

Libertar a humanidade dos “mitos primitivos” é tão hipócrita quanto útil, ora, posto que se necessitou criar um mito para explicar os motivos, os porquê, as respostas para alguns considerarem-se senhores dos outros (servos).

A raça não passa de uma ficção útil, de uma construção fantasista ou de uma projecção ideológica cuja função é desviar a atenção de conflitos antigamente entendidos como mais verossímeis – a luta de classes ou a luta de sexos, por exemplo. Em muitos casos, é uma figura autónoma do real, cuja força e densidade podem explicar-se pelo seu carácter extremamente móvel, inconstante e caprichoso. Aliás, ainda há bem pouco tempo, a ordem do mundo fundava-se num dualismo inaugural que encontrava parte das suas justificações no velho mito da superioridade racial. Na sua ávida necessidade de mitos destinados a fundamentar o seu poder, o hemisfério ocidental considerava-se o centro do globo, o país natal da razão, da vida universal e da verdade da Humanidade. Sendo o bairro mais civilizado do mundo, só o Ocidente inventou um “direito das gentes” (MBEMBE, 2014, p. 27).

São características do racismo as seguintes premissas: a necessidade de justificar suas ações baseado em algum mito fundador, “somos o resultado da democracia ateniense”; inferiorizar o diferente, pois, não compartilha do mesmo “gene” biológico-cultural, “não são parte de nós”; são infantis e não civilizados, incapazes de raciocinar pelo clima quente (BARBATO, 2015, p. 72) de onde vivem. Muitos absurdos compõem as engrenagens do preconceito. Não há racionalidade no racismo e “superioridade”, com efeito, é a maior mentira da humanidade.

Ora, qualquer historiador sério sabe que nem sempre foi assim, isto é, o Ocidente europeu como conhecemos não era tão importante como muitos imaginam (FARIAS; MARIA, 2019, p. 580). Nos séculos VII-XI d. e. c. os povos árabes por anos controlaram o mediterrâneo, aliás, todo o norte da África e sul da Península Ibérica foi ocupado por muitos povos árabes (muçulmanos), até mesmo grupos étnicos judaicos (ALVARO; SANTOS, 2018, p. 102).

A descrição das sociedades não ocidentais, em sua maioria, vista pela lente de preceitos eurocêntricos, relatam um sentimento, sobretudo, depreciativo. Todos os povos “não civilizados” são sinónimos de um “ser hospitalizado” em estado “vegetativo”. Sua condição é de retardo, imóvel ou estagnado no tempo (BORTOLUCI, 2008, p. 199). Aspectos económicos, políticos, demográficos, religiosos ou tecnológicos, geralmente, são fatores comparativos usados para criar uma ideia do poder hegemónico pendendo para o lado dominador “melhor desenvolvido”. Os discursos eurocêntricos, mesmo que tenham atingido proeminência nos séculos passados, não podem ser ignorados apenas porque fazem parte de

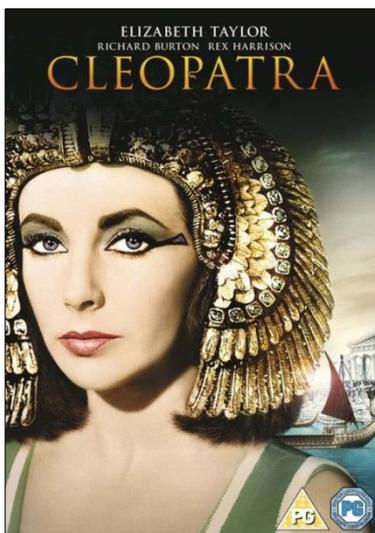
um determinado contexto. O motivo é simples, esse problema ainda paira nas sociedades contemporâneas, é preciso criticá-lo (no agora).

A crítica aos discursos eurocêtricos deve adquirir uma função crítica permanente, passando a fazer parte de nossos aparatos teóricos (e políticos, dada a importância dos temas tratados) cotidianos e assumindo um papel de ponto de partida crítico para uma análise de dinâmica entre pensamento e política e, fundamentalmente, para o estudo dessas sociedades. Estudo, este, entendido como um verdadeiro esforço intelectual de compreensão imbuído de um momento ético de transformação dessa realidade (BOROLUCI, 2009, p. 107).

Há quem diga que revisitar certos termos é uma atitude que reforça a permanência do termo em si, todavia, estamos apontando a localização deste “inimigo” quase invisível – estruturado de maneira tal que pode acabar passando despercebido. Sendo assim, criticar permanentemente pode ser um remédio a longo prazo.

Anos expondo a Antiguidade como, basicamente, branca introjetou no imaginário popular a ideia (considerada real) que o passado pertencia a um grupo seletivo de pessoas. A força deste discurso, constantemente disseminado pelas mídias, normalizou esta imagem étnica em todos os espaços possíveis artificialmente. Os exemplos mais óbvios que podemos lembrar são alguns filmes. O primeiro foi produzido em 1963, chamado de “Cleópatra” e dirigido por Joseph L. Mankiewicz. Todo o elenco é formado por pessoas brancas. Nesse caso, a segregação é historicamente explicável, tendo em vista, o contexto racial nos Estados Unidos dos anos 60.

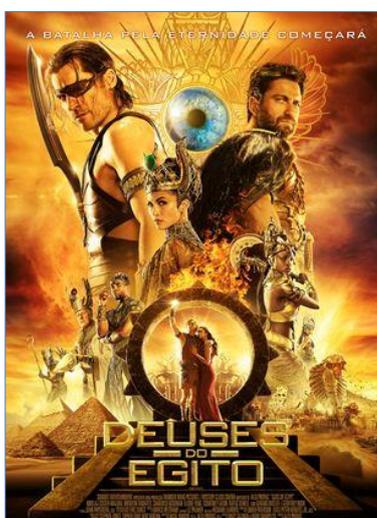
Figura 3. Cleópatra



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Cleopatra-DVD/dp/B00C2UN5WQ>

Em 2016, 53 anos depois, um novo filme ambientado no Egito foi lançado, se chamando “Deuses do Egito”. Dirigido por Alex Proyas, conseguiram repetir o feito de cinco décadas atrás, porém, dessa vez não havia justificativa para o elenco – com exceção do falecido Chadwick Boseman (eternizado como Pantera Negra, 2018) – inteiro ser ocupado por atores brancos ao invés de dar espaço a artistas pretos. O filme falha em respeitar a narrativa da rivalidade (cosmovisão egípcia) entre o deus Hórus (filho de Osíris) e Seth (irmão de Osíris).

Figura 4. Deuses do Egito



Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-207730/>

Representação incoerente, julgado conforme “verdade unilateral”, sobre um passado representado por caucasianos. Obviamente, o julgo de uma visão capaz de considerar-se “melhor” criou ferramentas distintivas poderosíssimas, “eu mereço ser lembrado, mas, ele não”. Diminuindo o autóctone, apagando as raízes africanas pretas, mesmo inconscientemente. Porém, não acreditamos na ingenuidade das grandes indústrias cinematográficas.

Com muito esforço esse cenário está mudando, lentamente. Talvez a palavra mais consciente, implicando em mudanças, seja “coerência”, representar o passado no presente com responsabilidade. Diríamos que é mais confortável analisar o passado através da ótica das conexões, movimentações e interações entre os povos. Essas relações podem assumir formas múltiplas, conflitos, interesses egoicos, tratados de paz, alianças comerciais. A humanidade é um fluxo interativo incessante, e, por isso, não faz sentido supervalorizar uma cultura específica, não no Mediterrâneo.

O passado é inegavelmente plural. As críticas desenvolvidas até então não são tentativas de transformar a pessoa branca em inimiga, isso seria ridículo. Também não compactuamos com alguma ideia mal interpretada de ataque infundado e covarde para com a cultura greco-romana. Negar o passado como um Egito Preto, a exemplo, é covardia na mesma proporção. Agora, mais do que nunca, por possuímos tal consciência, é preciso lutar por espaço e visibilidade. É preciso confrontar o euro-centrismo e o racismo presente, discretamente, nessa ideologia.

Mesmo em obras produzidas na metade do século XX os traços preconceituosos ainda permaneceram fortes. Os povos em África, por exemplo, não estavam isentos do olhar menosprezador. Um etnólogo chamado Maurice De lafosse (1870-1926) é considerado um importante africanista, este estudou arduamente a formação das culturas do Sudão, mesmo assim, não conseguiu abster-se dos pensamentos “armadilha”. De lafosse não entendia, ou, provavelmente, não aceitava que no século IV d.e.c. tivesse existido um povo preto tão estruturalmente coeso em Gana. De lafosse acreditava que o primeiro reino de Gana havia sido fundado por judeus-sírios que chegaram de Cartago (MACEDO, 2008, p. 15).

Ora, dos séculos XIX a XX é muito comum encontrarmos autores muito abertos sobre aquilo que acreditavam e diziam, ou seja, “expressões como 'povos sem História', 'povos selvagens' ou 'povos infantis'” (MACEDO, 2008, p. 15) são facilmente observadas em tom escarnico sobre as culturas retratadas. As teorias difamatórias ganharam corpo e significância por meio do racismo científico, que no início do século XX era explícito, como, por exemplo, o antropólogo francês Charles Letourneau (1901). A opinião do antropólogo se baseia na conduta moral do africano, diferente, ocioso e sem nenhuma expectativa sobre o amanhã, como se o seu modelo comportamental fosse reprovável ou extremamente básica. Para ele são crianças.

Em suma, temos o direito de afirmar que, salvo raras exceções, o negro conserva, ao longo de sua vida, muitos dos traços morais que caracterizam a infância. Em particular, ele permanece leve, versátil, tonto, incapaz de prever; vive dia a dia, preocupado sobretudo em satisfazer as necessidades do momento, sem jamais lamentar o passado, nem se preocupar com o futuro. Um príncipe de Karagoue, Roumanika, de cuja relativa inteligência Speke se orgulha e que, além disso, pertencia à raça etíope, queria que os viajantes que retornassem aos seus Estados lhe trouxessem um certo pano bordado com ouro e prata, brinquedos de criança, caixas surpresa, soldadinhos de brinquedo, bonecas, fantoches [...] Em suma, fazer o trabalho de um homem, de um homem mentalmente amadurecido, capaz de lembrar e prever: ora, esta é uma operação psíquica, da qual a maioria dos negros é incapaz, pelo menos em seu país e no exterior. Pois estou longe de acreditar na incurável debilidade mental das raças anteriormente inferiores. As raças agora superiores estão longe de serem superiores em todos os

aspectos de sua natureza e de sua civilização (LETOURNEAU, 1901, p. 114-115. Tradução nossa).

A afirmação de Charles Letourneau é uma impressão típica de uma época em que liberdade, voz, educação e acesso eram reservados aos detentores do poder, em outras palavras, a burguesia. O conhecimento em si, limitado a fragmentos de percepção, era uma caricatura social. Comparativamente, o “outro” só será, de fato, “digno” de reconhecimento se for minimamente parecido com o “eu”.

Diversos pensadores trabalharam intensamente no combate à desqualificação da cultura preta, como o caso de Cheik Anta Diop. Seu objetivo principal era contribuir para a construção de uma narrativa histórica que pudesse abordar o papel dos povos negros “coerentemente” representados. A sua luta foi apresentar uma África multifacetada e não estava atrás ao dito “avanço europeu” (DURÃO, 2017, p. 33). A Antiguidade Africana também foi defendida por Diop (1955) em sua obra “The African Origin of Civilization” onde no capítulo II intitulado de “A falsificação da História Moderna” expõe uma série de evidências desmistificando um Egito fabuloso (inventado). Aponta a própria Esfinge como um exemplo à luz do dia e impossível de ser escondido das sociedades.

Na Verdade, esta hipótese é difícil de ser reconciliada com a realidade da Esfinge, a qual é a imagem de um Faraó tendo a cabeça de um Negro. Esta imagem está lá para todos verem; dificilmente pode ser descontada como um documento atípico, nem relegada ao depósito de um museu para removê-la da perigosa meditação daqueles suscetíveis de aceitar evidência factual (DIOP, 1955, p. 85).

Todos os meios educacionais conhecidos, as letras, as ciências e artes foram engolidos pela perspectiva da “superioridade” greco-romana. Esse mundo grego, tradicionalmente, é “resgatado” como o advento quase divinizado para nossa democracia (DURÃO, 2017, p. 39). A ironia é que existem tantos temas maravilhosos, a saber, sobre a Grécia, e que foram esquecidos propositadamente ou sequer foi palco de interesse, a história das mulheres, dos pescadores¹¹, dos estrangeiros, da servidão, etc. A própria noção democrática ateniense é questionável.

O mundo continua girando e, cada vez mais, é evidente a grande participação multicultural histórica para conformação de ideias, tecnologias, conhecimentos¹² observáveis como um “eco” encontrando nossos ouvidos. Talvez esta seja a característica mais fundamental da humanidade, afinal, a necessidade do outro para inovar, ou melhor, repensar

¹¹ Ver “O mar, os pescadores e seus deuses” de Ana Livia Bomfim Vieira (2011).

¹² Pesquisar por “Quem descobriu a pólvora” de Ubirajara da Silva Valença (1987).

nossas condições. Cada povo contribuiu na superfície deste planeta efêmero. A percepção sobre essas contribuições, positivas ou negativas, é relativa às gerações subsequentes. Em todo caso, o discurso fundido no interior das “células” da história humana, isto é, a noção rasa de “superioridade” sempre gerou desgraça para muitos.

Muitos séculos anteriores à Era Comum, os egípcios detinham sapiência sobre medicina, matemática, engenharia, arquitetura, astronomia, literatura e filosofia. Tal conhecimento não foi ignorado pelos seus vizinhos (gregos e romanos), que beberam desta fonte. Foi inconcebível para uma massa intelectual engolir o fato de um grupo humano africano tivesse cultura para o desenvolvimento epistêmico no Mediterrâneo (JÚNIOR, 2021, p. 5).

Na região do Saara e Sudão podemos visualizar o aparecimento sistemático de escritas Akan e Madin (NASCIMENTO, 2008, p. 29-36). A escrita meroítica (localizada no Sudão) precede os hieróglifos egípcios, tornando sua existência importante sobre muitos aspectos. O advento da escrita em África é muito antigo e não necessariamente se trata do Egito em si (NASCIMENTO, 2008, p. 68). Também é possível fazer considerações relacionadas a temas diferentes, a exemplo, constataram-se na extensa região conhecida como Sahel produções de cerâmica e o uso de tecelagem e fiação, “A olaria foi desenvolvida a primeira vez no Sahel por volta de 9000 – 8000 a.C., fazendo daquela uma das primeiras regiões do mundo” (MACHADO, 2015, p. 47).

As culturas africanas ofereceram tanto para a História Humana, por isso nossa angústia é explicável. Acreditamos na sensatez das palavras ao afirmarem o quão gratificante seria se essas narrativas fossem abordadas honestamente, ou seja, visibilidade (Mídia) coesa para África e Ásia. O fruto seria o aprendizado sobre o passado por meio das sensibilidades humanas, imaginação e memória. Dizer não, em casos sérios, para o unilateralismo e visar à diversidade deste mundo. Embora a contribuição das críticas ao eurocentrismo ressalte, igualmente, o valor dos povos africanos, não significa que é uma forma de etnocentrismo “arrogante”. Não se assume aqui uma postura universalista, como se as experiências egípcias resumissem, por exemplo, o *Homo sapiens sapiens*. A intenção do afrocentrismo, segundo Vieira (2006), é diferente.

Já o Afrocentrismo, consiste na construção de uma perspectiva teórica radicada na experiência africana. Ela difere do eurocentrismo, porque propõe o resgate e a reconstrução de um centrismo africano, mais não assume uma postura universalista, ou seja, o afrocentrismo não propõe que seus elementos sejam universais e aplicáveis a outras experiências humanas. A tarefa acadêmica afrocentrada consiste em estudar, articular e afirmar aquilo

que diferencia o ponto de vista africano, identificando ao mesmo tempo, os postulados supostamente universais do eurocentrismo (VIEIRA, 2006, p. 4).

O denso estudo ligado a Mesopotâmia, Oriente Próximo e Oriente Médio Antigo não se difere, essencialmente, do pressuposto afrocêntrico. Embora a utilização do termo “cêntrico” (central/centralismo), até certo modo, seja incômoda. Trata-se da visibilidade (valorização) cultural de si mesmo sem precisar silenciar a História de outros povos. Porém, enxergamos complicações nesse termo. É preferível usar termos como “afro-valorização” e “contribuição asiática”, não garantindo erros interpretativos.

Os povos do Oriente Médio Antigo são, geralmente, lembrados por visões conceituais intrigantes e relativos, tais quais, “o berço da civilização”. A ótica ortodoxa pode ser interpretada dessa maneira: um bebê acabou de nascer, aliás, se encontra em um quarto hospitalar onde será observado pelos médicos até que digam o momento certo de sair. O bebê será entregue aos pais e poderá crescer, será útil para a sociedade e poderá quem sabe descansar em paz. O bebê é a Mesopotâmia; o quarto hospitalar é a cronologia (virá antes da Grécia Antiga com destino profético); os médicos são os estudiosos (tradicionalistas) acadêmicos que decidirão seu rumo; os pais são os professores em sala de aula; o crescer significa como será abordado (servir aos propósitos de outro povo); a utilidade é óbvia, para quem servirá (estabelecimento de um discurso); descansar, quais qualidades podem advir deste momento, lembranças ou esquecimentos.

A Mesopotâmia é tratada, nos didáticos, como um mero produto em um sistema complexo, sem alma ou sem matéria para refletirmos sobre a própria condição humana, a História deveria expressar essas qualidades na vida das pessoas. Não estamos dizendo que a Antiguidade é matéria, absolutamente, necessária para vislumbramos nosso lugar no mundo, mas, certamente pode ajudar. O eurocentrismo, ao olhar seu próprio umbigo, esqueceu-se de dar à Mesopotâmia o espaço necessário para enxergarmos melhor seu propósito hoje em dia, como inúmeras outras culturas. Constatamos ser este um grande problema.

Nas guerras médicas entre gregos e persas¹³, influenciados pelas tensões conflitantes, é possível que as incertezas, raiva e o medo afloraram sentimentos adversos, a repulsa pelo estrangeiro. Então diferenciações foram comuns, em termos de valor. A perspectiva grega transformava o forasteiro em “bárbaro”. Por um lado, o cidadão ateniense livre, por outro lado, o estranho tirano¹⁴.

¹³ A Pérsia se localiza no atual Irã.

¹⁴ Pesquisar pela tragédia “Os Persas” de Ésquilo, autor grego do V século a.C.

Presta atenção: tive a impressão de ver em vestes impecáveis duas donzelas: uma vinha em peplos pérsicos, enquanto a outra envergava trajes dóricos. O porte e a formosura de ambas superavam os das mulheres atuais. Irmãs, a uma coube residir na Hélade, a outra foi morar na região dos bárbaros [...] Os **bárbaros**, sem exceção, temeram, equivocando-se na avaliação, pois gregos não entoavam o hino de um peã de fuga, mas incitavam o ânimo à premência bélica [...] Os súditos asiáticos recusam seguir ditames persas, recusam pagar tributos que os **déspotas** impõem, recusam venerá-los genuflexos: o brio imperial aborta (VIEIRA, 2019, p. 34- 45-53. Adaptação nossa).¹⁵

O drama acima pode ser interpretado como uma angústia do próprio Ésquilo sobre os males que poderiam surgir em sua terra natal (Atenas), os excessos do poder. Talvez a obra “Os Persas” pudesse servir como um retrato da sua própria realidade (VIEIRA, 2019, p. 12). É possível, também, que Ésquilo estivesse realmente tentando provocar compaixão no seu público alvo, heleno. A “desgraça” do povo persa, causando desconforto na sensibilidade do povo ateniense. De todo modo, a imagem do estrangeiro (oriental) é “pior” que a do sujeito (grego) da peça. Contudo, esses retratos não são encontrados apenas na Hélade (Grécia), existem casos a leste onde os personagens das inscrições (escrita cuneiforme) reprovam os hábitos alheios, são fontes sumérias (Mesopotâmia) e hititas (Anatólia).¹⁶ Reiteramos que a problemática para nós, não se encontra na cultura (antiga) em si, afinal não é nosso papel julgá-las, mas, na forma como foram utilizadas a posteriori.

Essas distinções cristalizam-se em um todo imaginário, poderosíssimo, onde existe a “Europa” modelo de perfeição moral e a “Ásia” tirana e perigosa (GOODY, 2008, p. 30). O imaginário, às vezes, contemporâneo e, paralelamente, constrangedor. As pessoas esqueceram ou não tiveram a oportunidade de conhecer os grandes fluxos comerciais, linguístico, ritualístico, literário e técnico entre os povos da época. Ao invés disso, foram influenciadas a crer na Grécia “grandiosa” e imbatível em detrimento do Oriente frágil e “irrelevante”.

Por exemplo, o suposto declínio do Império Persa no reino de Xerxes (485-465 a.e.c.) decorre dessa visão centrada na Grécia e em Atenas; essa interpretação não surgiu de documentos elamitas de Persépolis, nem acadianos da Babilônia, nem aramaicos do Egito, e está longe de evidências arqueológicas [...] Na verdade, os persas eram tão “civilizados” quanto os gregos, especialmente em sua elite. Constituíram-se no principal caminho pelo qual o conhecimento, vindo das sociedades literárias do Oriente Médio antigo, foi transmitido aos gregos (GOODY, 2008, p. 30).

Devemos ser cautelosos quando assumimos uma posição, principalmente, quando ela se traça a rigor unilateral. Por isso, quando visualizamos uma Grécia, Pérsia ou até mesmo uma Assíria, ou Babilônia, Ocidente ou Oriente é preciso estar “carregado” de senso

¹⁵ Os persas de Ésquilo é uma peça teatral grega narrada do ponto de vista ateniense.

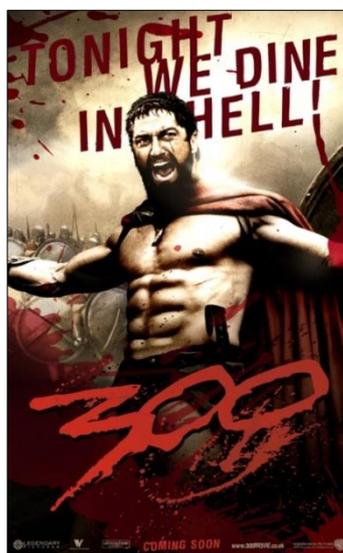
¹⁶ A Anatólia se localiza na região da atual Turquia.

questionador para analisar o que pode ser superado eticamente, como o eurocentrismo. Aliás, há uma diferença entre um “crítico sensato” e o “crítico chato”: o primeiro é mais consciente e visa à resolução de um problema, motivando o desejo questionador e ético; o segundo até o mesmo pode querer, contudo, não consegue resolver questões sem provocar deslizes, desnecessariamente. Nessa dissertação gostamos de pensar que somos o primeiro caso.

Apesar dos quadros midiáticos (cinematográficos) na página 27, acreditamos que vale considerar alguns outros exemplos, a fim de ressaltar a existência da predominância do olhar ocidental. Concomitantemente, relatar como o Oriente é negligenciado, embora nos últimos cinco anos isso esteja mudando gradualmente. Décadas atrás, a quantidade de filmes “Blockbusters”¹⁷, lançados nas grandes mídias, afirmavam muito e afirmam sobre o que a população aprendeu a gostar. É importante dizer isto ao leitor, não existe nada de errado em sentir apreço pela história europeia, parte do que nós somos, em alguma medida, se desenvolveu séculos atrás em Europa.

Em 2006 lançava “300” dirigido por Zack Snyder, retratando fantasiosamente as guerras médicas entre a Pérsia e Esparta. Neste ponto, faz-se necessário fazer um levantamento quantitativo dos filmes lançados nas últimas décadas que tratam sobre mitos e cultura ocidental.

Figura 5. 300



Fonte: <https://vortexcultural.com.br/cinema/critica-300/>

Os espartanos são descritos quase como super-heróis combatendo uma ameaça “terrível” e “monstruosa”, facilmente compreendida pelo público geral como os vilões, afinal,

¹⁷ Filmes de grande orçamento na produção e divulgação.

era assim que a maioria de nós visualizava. Em 2010 os cinemas recebiam “Percy Jackson e o ladrão de raios”, uma adaptação dos livros do autor norte-americano Rick Russell Riordan narrando à vida dos deuses e semideuses gregos no mundo contemporâneo. No mesmo ano lançava “Fúria de Titãs”, uma rerepresentação do herói grego Perseu, o matador da Medusa.

Figura 6. Percy Jackson e o Ladrão de Raios



Fonte: <https://w20.b2m.cz/post/ver-filme-percy-jackson-e-o-ladrao-de-raios.html>

Figura 7. Fúria de Titãs

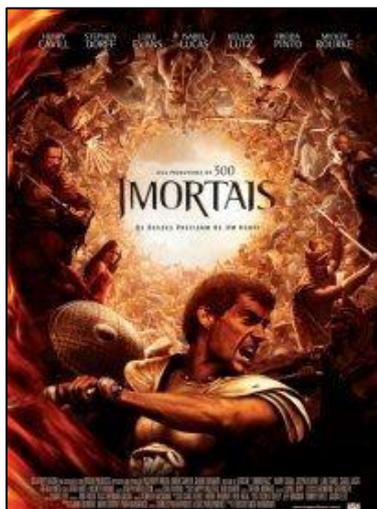


Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-127950/>

2011 foi ano em que “Imortais”, dirigido por Tarsem Singh, pôde ser assistido por todos os públicos maiores de idade. O enredo reconta o mito de Teseu, derrotando criaturas mitológicas, desposando a sacerdotisa e superando o labirinto do minotauro, além disso, Teseu foi compreendido pelo público como um semideus (ele não era um semideus). A

sequência “Fúria de Titãs 2” trouxe Perseu às telas novamente, a nova ameaça foi o titã Cronos.

Figura 8. Imortais



Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-140459/>

Figura 9. Fúria de Titãs 2



Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-181289/>

“Percy Jackson e o mar de monstros” foi a continuação, em 2013, e adaptação do “Best-seller” (com o mesmo título) de Rick Russell Riordan. É claro que se trata de uma reimaginação da cultura helenística. 2014 estreou o filme “A lenda de Hércules” dirigido por Renny Harlin, e no mesmo ano outra adaptação estrelada por Dwayne Johnson (The Rock) chamada apenas de “Hércules”.

Figura 10. Percy Jackson e o Mar de Monstros



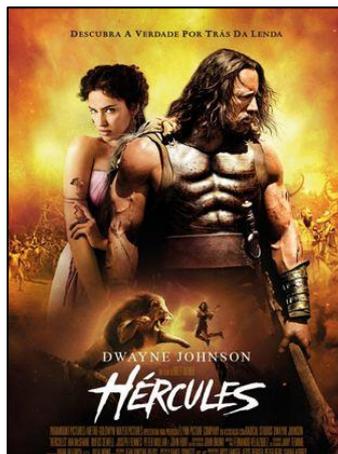
Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-191035/>

Figura 11. A lenda de Hércules



Fonte: <https://www.imdb.com/title/tt1043726/>

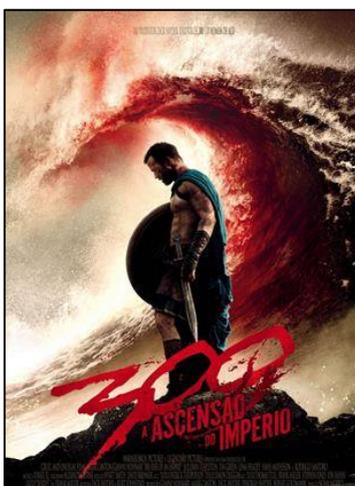
Figura 12. Hércules



Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-138335/>

A sequência “300, a Ascensão de um império” foi para os cinemas em 2014, narrando o ponto de vista dos atenienses. A visão é parecida com aquelas narradas por Ésquilo, é claro respeitando as distâncias territoriais e temporais, uma idealização dos gregos, e uma idealização maior ainda quando o tempo é o presente, como no filme. Os ocidentais tentaram, de forma frustrada, conceber um filme sobre a Pérsia em 2010. A fantasia “Príncipe da Pérsia”¹⁸ narra a história do príncipe Dastan (Jake Gyllenhaal) traído por seu tio Nizam (Bem Kingsley), partindo em uma aventura para alterar o tempo e salvar seu reino. Não respeitaram os traços étnicos do povo persa.

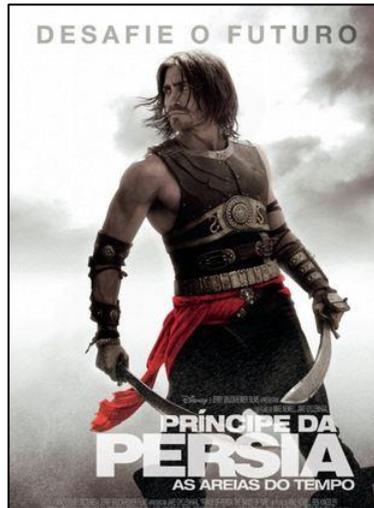
Figura 13. 300: a ascensão do império



Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-181022/>

¹⁸ Adaptação cinematográfica, produzida pela Walt Disney, do jogo “Prince of Persia: the sands of time” (2003) da empresa de videogame Ubisoft. O jogo também não se preocupou em levar em conta representações étnicas consistentes.

Figura 14. Príncipe da Pérsia: as areias do tempo



Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-126678/>

Então é fácil saber o que vende no Ocidente. As retratações adentram nas camadas mais profundas da mente humana, assistindo de novo e novamente até tornar-se verdade ou, levianamente, “A verdade”.

Mas, se a Grécia aparenta proeminência como os filmes sempre retratam, o mesmo não pode ser dito pelo olhar sagaz do historiador. Os cretenses (Grécia) foram mais dependentes do estrangeiro que o senso comum pode imaginar. Estavam ligados comercialmente ao Oriente Próximo, comercializavam estanho e cobre para produção de bronze (GOODY, 2008, p. 30). “Ligações culturais também ocorreram; há evidências de relações com o Egito (como em uma pintura numa tumba no vale dos Reis, datada de aproximadamente 1.500 a.e.c., que indica a existência de relações entre Europa, África e Ásia)” (GOODY, 2008, p. 30).

Silva (2019) afirma “A história Antiga, até os anos de 1980, podia ser seguramente considerada parte de uma história europeia” (SILVA, 2019, p. 477) e, certamente, não é um exagero. A História Universal era vista até pouco tempo como um aglomerado de temas importados e, convenientemente, tratados como “fatos essenciais” para a evolução da “Humanidade”. Além disso, seguiam uma fórmula cronológica que considerava aspectos “civilizacionais originais” sobre os povos, quer dizer, a Mesopotâmia foi o “começo”. Depois vem o favorecimento entorpecente, “quase desintoxicante”, pela cultura greco-romana que desemboca em direção à cristandade e, em seguida, no ocidente europeu.

Um exemplo marcante que retrata sem enrolações um discurso civilizacional, pseudo-evolucionista¹⁹ e, de certo modo, ultrapassado é a obra “Babilônia: a Mesopotâmia e o nascimento da civilização” de Paul Kriwaczek (2018)²⁰ que reproduz características conceituais que encontramos em obras do século XIX.

De seus primórdios misteriosos e obscuros até seu final bem-documentado, a antiga Mesopotâmia funcionou como uma espécie de laboratório experimental da civilização, testando, amiúde até destruí-las, muitas formas de rebelião, desde as personificações primitivas de forças naturais até o sacerdócio completo nos templos [...] Às vezes, é como se toda a história antiga tivesse servido de exercício simulado, de ensaio geral para a civilização que veio depois – a nossa, que se originaria na Grécia da Atenas de Péricles, após a derrocada do último império mesopotâmico, no século VI a.C., a nos trataria até onde estamos hoje (KRIWACZEK, 2018, p. 26).

Tal visão é recorrente em muitas obras estrangeiras, principalmente, quando a área do estudioso não é História particularmente. O fato do autor não ser um historiador não é um problema, todavia, é muito importante que este indivíduo demonstre algum laço com a natureza historiográfica. Ademais, sua escrita é para as massas, tornando a leitura um processo bastante agradável. Por outro lado, a carga ideológica presente nesse trecho é poderosa, e se perpetua em diversas facetas, na crença da inferioridade cultural, da supremacia étnica, da barbárie, etc. Talvez, até mesmo Paul Kriwaczek (2018) não percebesse o problema em sua afirmação.

Consideramos demasiado pejorativo e arbitrário comparar culturas levemente. Seria no mínimo coerente exigir dos mesopotâmicos de milênios atrás que fossem uma república ou democracia? Além disso, são conceitos delicados e contextualizados, impensáveis sobre outras circunstâncias. Por exemplo, como exigir que um povo vivendo de subsistência, e isso lhe basta, descubra à pólvora, ou melhor, quem decidiu qual povo é “o melhor”, “avançado”, “mais evoluído”? Quem decidiu que a Bomba Atômica é a marca da superioridade humana? Não faz sentido. Que a “tirania” seja, exclusivamente, um fenômeno oriental? Ora, serem reduzidos a um protótipo de uma “civilização”? Alguém saberia nos dizer em toda sua complexidade o que é realmente civilidade? Até onde sabemos é uma convenção. Esse território é no mínimo extremamente complicado.

¹⁹ No campo das ciências biológicas o conceito de evolução não significa uma melhoria propriamente dita. As mudanças genéticas (mutações) são aleatórias e às vezes podem ser prejudiciais para uma espécie.

²⁰ Foi odontólogo, jornalista, diretor, roteirista e produtor da BBC. Nasceu em 1937 (Viena) e faleceu em 2011.

O Brasil não foge “à regra”. É preciso que os estudiosos revejam suas posições acerca do que consideram por “evolução”, pois, em “História Universal: volume 01” de Haddock Lobo (1981) é possível visualizar o mesmo discurso adocicado.

A principal finalidade de um livro de História Universal consiste em apresentar, às pessoas ávidas de saber, o que se conhece, com bastante segurança, sobre a vida da Humanidade, e em fazê-lo de maneira clara, concisa e, principalmente, compreensiva [...] Nenhuma pessoa por mais extraordinária que fossem a sua memória e capacidade de leitura, poderia conhecer e relembrar uma centésima parte, sequer, dessa incalculável multidão de dados. Vários intelectuais, entretanto, vêm se esforçando por selecionar, entre as lembranças de outras eras, os fatos cruciais. Assim são chamados os acontecimentos que influíram decisivamente, na evolução da espécie humana, nas relações entre as pessoas e no seu maior ou menor domínio das forças da natureza (LOBO, 1981, p. 7).

Sobre a esta obra de Haddock Lobo (1981), ninguém teria habilidade necessária para descrever uma narrativa globalizante com precisão, lembrando cada período humano, suas interferências, nisso concordamos. Selecionar recortes não é uma escolha aleatória tomada por uma atitude meramente vã, é o que podemos fazer (limitação). Por isso, historiadores da História Global, atualmente, repensam novas abordagens. Acreditamos que atualizar métodos foi o caminho mais benéfico possível nos últimos anos.

Entretanto, o distanciamento de 41 anos nos permite observar e analisar sua obra inserida em seu contexto histórico. Bem, em 1981 existia um forte sentimento com relação à História Universal ser um veículo agregador da cultura europeia. As sociedades humanas evoluem, e ao contrário da perspectiva biológica, a histórica universalista considera evolução como sempre bem-vinda, isto é, nasce uma cidade-estado com leis na Mesopotâmia, tempos depois surge uma sociedade de liberdades (democracia) ateniense. No final o resultado é o esperado “afastamento da selvageria”. É, sem dúvida, neste processo que a exclusão ganha forma.

A liberdade, por exemplo, é um conceito tão complexo quanto idealizado e tão antigo a necessidade de mão-de-obra se fez em nossa história. Grande parte das sociedades antigas conheceu o sistema de servidão (escravista)²¹, e com a força do trabalho humano, considerado prática inferior pelo grupo dominante, abasteciam a economia. “As leis que cercavam a escravidão na Atenas clássica são um reflexo do fato de que a posse de escravos era uma convenção social proeminente” (BERNARDO; PORTER, 2019, p. 54). Então a liberdade

²¹ Prudentemente, indico ao leitor que procure por “Escravidão antiga e moderna” de Ciro Flamarion Cardoso, Marcelo Rede e Sônia Regina Rebel de Araújo (1998). O texto nos apresenta uma série de discussões acerca das diferentes formas de escravidão e servidão, e sua aplicabilidade aos determinados contextos históricos. Destaca-se também dificuldade em conceituar “escravidão” e nos problemas de usar esse termo em períodos que não lhe conferem sentido.

traduz-se no poder escolher, uma dádiva concedida ao cidadão: homens atenienses maiores de 18 anos, filhos de pais e mães atenienses. Os privilégios não se estendiam, na mesma medida, as mulheres, escravos e estrangeiros.

Qualquer material nomeado “História Universal” é um compilado de narrativas previamente selecionadas com intenção singular. Ademais, geralmente delimitadas por um currículo etnocêntrico. Não é ético negligenciar, silenciar ou desprezar qualquer povo que contribuiu para a construção do conhecimento como conhecemos. Devemos entender melhor como nos conectamos; devemos, no íntimo, aniquilarmos os sentidos infrutíferos, caducos e maliciosos do suposto “berço dourado”. Difícil, não? Somos mais de sete bilhões de pessoas no Planeta e não é possível fechar os olhos para essa realidade. É necessário conhecermos o “germe” que nós estamos combatendo.

5.2. A História Antiga: crises no fundamento

A formação da História Antiga, enquanto área do saber, passou por algumas conturbações, na verdade, da própria História em si. A influência eurocêntrica esteve presente em seu seio, e internalizada na morfologia da disciplina por anos. Em “História Antiga e História Global: afluentes e confluências” Fábio Augusto Morales (2020) e Uiran Gebara da Silva (2020) contextualizam para os leitores “elementos centrais” da História Antiga em formação.

Entende-se o primeiro elemento, “eurocentrismo morfológico”, como todo o contexto da Idade Antiga que poderiam relatar experiências sociais múltiplas, e ao invés disso são alteradas para compor apenas a percepção civilizacional europeia. Para a disciplina, as narrativas gregas e romanas ganharam um espaço fundamental, enquanto as sociedades mesopotâmicas e egípcias tiveram um papel bem menor.

O apreço pela Grécia Antiga ou Roma Antiga foi uma tendência durante o século XIX. Na obra “Compendio de Historia Universal: volume I Historia Antiga” de Justiniano José da Rocha (1860), aos olhos de um erudito da época, o valor da Grécia é incontestável. De todas as “nações” do passado, nenhuma foi mais importante para a História “Universal” como a Grécia.

De todas as nações da antiguidade a que mais brilho lançou na historia foi de certo essa que occupava a pequena região, formando duas penínsulas contíguas, e limitada ao norte pela Thracia e pela Macedonia. Se Roma dominou o mundo pelas armas e impoz-lhe pela força suas leis, sua lingua, seus costumes, a Grécia o dominou pelas letras, pelas artes, pela admiração do seu heroísmo; engrandecidas pelos seus historiadores, as façanhas das suas guerras, as occurrencias da sua politica, as virtudes dos seus heróes

formam a melhor e mais brilhante parte do que se chama história clássica (ROCHA, 1860, p. 42).

A Antiguidade é conhecida pelos distorcidos “berços civilizacionais” e “origens da civilização”, transformando importantes contextos e culturas em algo amplamente periférico (MORALES; SILVA, 2020, p. 127). Se fizermos um recorte entre 1998 a 2008, 10 anos, a maioria dos sumários dos livros de História (Escolas Públicas e Cursos Pré-vestibulares) tem o mesmo roteiro.

Em “Novo Curso do Estudante Globalizado: 1º e 2º Graus Concursos e Vestibulares” (1998) A História Geral é dividida em História Antiga, História da Idade Média, História Moderna e História Contemporânea. O Índice se divide em “Antiguidade Oriental”, amplamente generalizado, citando em parágrafos minúsculos organização política, atividades econômicas, religião e desenvolvimento cultural. Os povos orientais são abordados apressada e superficialmente, quer dizer, em duas páginas relatam Egito, Mesopotâmia (Assíria e Babilônia), Pérsia, China e Índia. Em contrapartida, no mesmo índice, a Grécia é estudada especificamente. Roma também possui seu espaço reservado. Ambos, “Antiguidade Grega” e “Antiguidade Romana”, são capítulos únicos, ironicamente, possuem generalizações temporais.

Para fechar a “cronologia oficial” todos os temas seguintes estão ligados à história da Europa e América do Norte. A História do Mundo se passa basicamente em dois continentes enquanto os demais assistem a tal história acontecer “inertes”. Idade Média Ocidental; Idade Média Oriental (Império Bizantino/cristandade); As Cruzadas; A Igreja na Idade Média – Renascimento Cultural e Urbano; O Novo Mundo; A Reforma e a Contra Reforma; O Renascimento; Formação das Monarquias – Absolutismo – A Evolução Política na Europa; Independência dos Estados Unidos da América do Norte; A Revolução Francesa; As Nacionalidades – As Unidades Italiana e Alemã; A América Contemporânea e as Nações Latino-Americanas; A Guerra de 1914-1918: Causas, Consequências e Tratados; O Período Entre Guerras – A Revolução Russa, O Fascismo, O Nazismo; Guerra Civil Espanhola; A Segunda Guerra Mundial: Causas, Consequências e a Participação do Brasil; O Mundo Contemporâneo. A presença do Brasil ou América Latina neste “currículo/discurso” é efêmera. É por isso que se chama euro-centrismo morfológico.

Entende-se o segundo elemento, “internalismo metodológico”, como grande valorização de um determinado “termo” utilizado como unidade analítica. Tais unidades são variadas, existem autores (as) que abordam “nações”, outras (os) operam os termos “império”, “civilização”, “etnia” ou “região”. No século XIX a função dos documentos antigos era

enaltecer o ideal “nacional” a exemplo. Visualizando o panorama, isto é, articulando tais “termos” ou “conceitos” à ampla narrativa, História Universal, é possível perceber a História reduzida a uma série de fases serventes (MORALES; SILVA, 2020, p. 127). A escrita na Mesopotâmia, o comércio fluante fenício, o monoteísmo hebraico, a democracia e razão grega, a república romana e o cristianismo. Alguns fatores são escolhidos para justificar a urgência do “Civilizado”. Esse produto histórico encaixado cronologicamente “explica” o mundo “Ocidental europeu”.

Em “Encontros com a História” de Vanise Ribeiro (2008) e Carla Anastasia (2008), os capítulos da Unidade II “Povos do Oriente Antigo” são carregados destes termos e conceitos que sutilmente erguem um palco evolutivo para a tão sonhada “civilização”. Logo na página inicial um título sugestivo chama atenção “Mesopotâmia: o berço da civilização”, ademais, assim como no livro anterior, não existe um capítulo que aborde, minuciosamente, as culturas mais uma vez generalizadas em um só capítulo “As antigas civilizações orientais” (ANASTASIA; RIBEIRO, 2008, 46).

A afirmação pode parecer empolgante “os inventores da escrita”, porém, é um véu cobrindo uma mensagem. Reduz-se a Mesopotâmia a um “berço da humanidade” laboratorial; os povos sumérios à escrita, aparentemente sua contribuição se limita a tal fato; a Babilônia e Assíria por conformarem “impérios” em seu tempo. Os povos do Vale do Hindu (Índia) são vistos não muito diferentemente do Egito, isto é, mediante uma perspectiva burocrática com divisão de castas. E para encerrar o povo Hebreu retratado pelo viés da “diáspora”. O tópico em que foram bem-sucedidos, pela nossa visão, foi ao retratar os fenícios em interação²² com outros povos como os gregos, ressaltando a dinamicidade encontrada no Mediterrâneo (ANASTASIA; RIBEIRO, 2008, p. 63).

As culturas gregas e romanas, sem dúvida, alimentaram às artes, a literatura, a arquitetura, a ciência e é inegável como foram importantes na construção da identidade ocidental. O cerne da questão está em como usam esses povos para produzir narrativas excludentes, que se encerra numa Europa/Ocidental/Definitiva e presente nas duas culturas à gênese da “verdadeira” humanidade. A última unidade deste livro se chama “Civilizações da

²² Acreditamos ser importante dizer que as “Histórias Conectadas” não devem ser entendidas como dogmas metodológicos, por mais óbvia que seja esta afirmação. A “interrelação” é **uma perspectiva** coerente. Evidentemente que estudos específicos relacionados às peculiaridades de um **tema**, por exemplo, “a interação entre o campo e as cidades” (sociedade espartana), “as relações de gênero no interior de uma sociedade” (sociedade suméria) podem ser anasiladas, **iniciando** e se **encerrando** em si mesma, sem, necessariamente, dispor das interações entre povos distintos. Porém, diante da História Global às Histórias Conectadas assumem um papel relevante ao contribuir com a pluralidade cultural e controlar o recorte espaço/temporal sem prejudicar o pesquisador ou as confluências com a História Global.

Antiguidade Clássica – Grécia e Roma – e Império Bizantino” dividida em três capítulos, “Grécia Antiga”, “Roma” e o “Império Bizantino”. O encerramento se dá com o capítulo final desenvolvendo o cristianismo, disseminando-o por toda a Europa, desencadeando a unidade religiosa ocidental.

As experiências históricas que julgavam não explicar o surgimento dos franceses, italianos, ingleses, alemães, húngaros, suíços e das suas instituições eram descartadas ou marginalizadas em meras citações quando ou se necessário. Novas perspectivas surgiram com um esforço em repensar a temporalidade linear de teor etnocêntrico. O culturalismo, pós-estruturalismo, pós-modernismo são exemplos dessas tendências que buscaram renovar a História (MORALES; SILVA, 2020, p. 128).

Períodos considerados marginais, como o Egito proto ou pós-dinástico, a Grécia pré ou pós-clássica, a Itália monárquica ou tardo-antiga etc., receberam direitos de cidadania plena, junto das histórias de mulheres, escravos, camponeses, bárbaros e todos os outros grupos que não refletiam as projeções narcísicas do Ocidente (MORALES; SILVA, 2020, p. 130).

Os estudos sobre gênero conquistaram um espaço fundamental. Em “As tragédias de Ação das Mulheres Transgressoras em Atenas no V século a.C.” Talita Nunes Silva (2011) se esforça com destreza em desconstruir a idealização do comportamento feminino por meio de uma comparação com a transgressão, em *Ésquilo*, destas mulheres em Atenas (SILVA, 2011, p. 11). Obras sobre a temática da escravidão também estiveram e estão em evidência, tal qual, “A legitimidade da Escravidão na Antiguidade por meio do Código de Hamurábi e seus efeitos para formação do Estado” de João Pedro Leal da Cruz Lisboa (2019) e Roberto da Freiria Estevão (2019) que analisam a ligação entre escravidão, o Estado e Sociedade, bem como, explorando os aspectos econômicos, religiosos, políticos e culturais (LISBOA; ESTEVÃO, 2019, p. 1).

A renovação trouxe novos espaços para temas importantes, ricos e transformadores. Novos olhares para a História Antiga e, paralelamente, respostas completamente inéditas. Os estudos sobre o mediterrâneo deixam sua roupagem estática, egocêntrica e destino-manifesto para se tornar matéria excepcional das inter-relações, em suma, Egito, Grécia, Suméria, Babilônia, Levante, Anatólia, etc. As influências asiáticas na cosmogonia grega serviram como combustível da importância do papel da Ásia da formação da História Ocidental. Na rede educacional, mudanças de paradigmas são semelhantes à “esperança”, motivando professores na busca por um ensino qualitativo.

A crítica voltada ao etnocentrismo europeu continua no próximo capítulo, porém, assume uma forma contrastante, isto é, enriquecendo o quadro onde os povos e as cidades estão em convergência humana, através de guerras, do sagrado (estátua de Marduk), das artes textuais e iconográficas. Em suma a perspectiva observada nesta dissertação é uma alternativa construtiva e agregadora, sem reter parâmetros centralizadores, em outras palavras, respeitando a diversidade, sensibilidade, apresentando um contraste teórico-metodológico respaldado na História Global e Histórias Conectadas. A investigação ressalta a importância de pensar o mundo como inúmeras linhas se cruzando e produzindo algo pelo fenômeno do contato. É uma História das relações dos povos, e não da legitimação de si próprio.

6. A DEPORTAÇÃO DA ESTÁTUA DE MARDUK: LÁ E AQUI MAIS UMA VEZ

No segundo capítulo visamos pesquisar aspectos culturais da Mesopotâmia, notadamente, Babilônia e Assíria dos séculos VIII, VII, VI a.e.c. Externar os fatores linguísticos necessários para contextualizar a escrita cuneiforme chamada ao longo do texto de *inscrições*. Abordar os épicos sagrados (cosmovisão) a fim de estabelecer pilares sobre as deidades e a identidade mesopotâmica. Desenvolver o conceito de templo, suas funções e significações e como se relacionam com os deuses. As “Histórias Conectadas” constroem uma estrada metodológica sobre a inter-relação entre assírios e babilônios nos tópicos ligados à deportação. Esmiuçar o fenômeno do “Godnap” ou *Deportação da estátua de Marduk*, sua natureza, sua retirada da Babilônia na época do rei assírio Senaqueribe, e a devolução da imagem no reinado dos seus descendentes, os reis Essaradão e Assurbanipal. O segundo capítulo pode ser vislumbrado como uma alternativa, em contrapartida, a visão etnocêntrica universalista.

6.1. Linguagem e Cosmovisão

Embora não exista uma forma perfeita para entendermos a cosmovisão do Oriente Médio Antigo, podemos, certamente, analisar os fragmentos daquele passado longínquo e edificarmos a história, ao menos, o mais próximo do desejável. Procedemos da seguinte forma para contextualizar o rico universo material e imaterial dos babilônicos e assírios.

Quando encontramos barreiras ao estudar a Antiguidade, geralmente, acontece no instante a que somos apresentados aos elementos fortemente enraizados, ao passo de gerações, na cultura em evidência – um exemplo disso são as cosmovisões e suas representações. Referimo-nos à mania que a História ainda insiste em guardar nos “arquivos da terminologia”, a busca pelas origens, nesse caso, de certos traços culturais. Esta procura é semelhante a alguém contando quantos grãos de areia existem numa praia. Não temos a ambição de buscar origens nesse trabalho. Expressamo-nos desta maneira, pois, para haver cosmovisão é necessário haver “compreensão” (simbolismo, linguagem, etc.), e sobre este tema ninguém sabe exatamente como se deu em nossa espécie. Na antiga Mesopotâmia a oralidade era comumente praticada nas grandes artes da memória, antes da escrita e após o advento desta, o que significa que certos assuntos já eram contados diversas vezes antes de serem inscritos nos tabletas (escrita cuneiforme).

Mesmo quando os contos de criações universais começaram a ser registrados em documentos primários, as cópias e traduções ao longo de milênios distorceram talvez um

terço, metade ou grande parte do sentido real daquela mensagem. Não quer dizer que sua essência se perdeu para sempre, se este fosse o caso não haveria traduções de grego antigo, latim, sumério, acadiano, egípcio ou hebraico. Principalmente, quando ciências se unem para alcançarem um fim em comum, história, filologia, linguística histórica, arqueologia ou bio-arqueologia (em ocasiões que envolvem restos mortais), agora conseguimos entender uma parte daquele passado com propriedade.

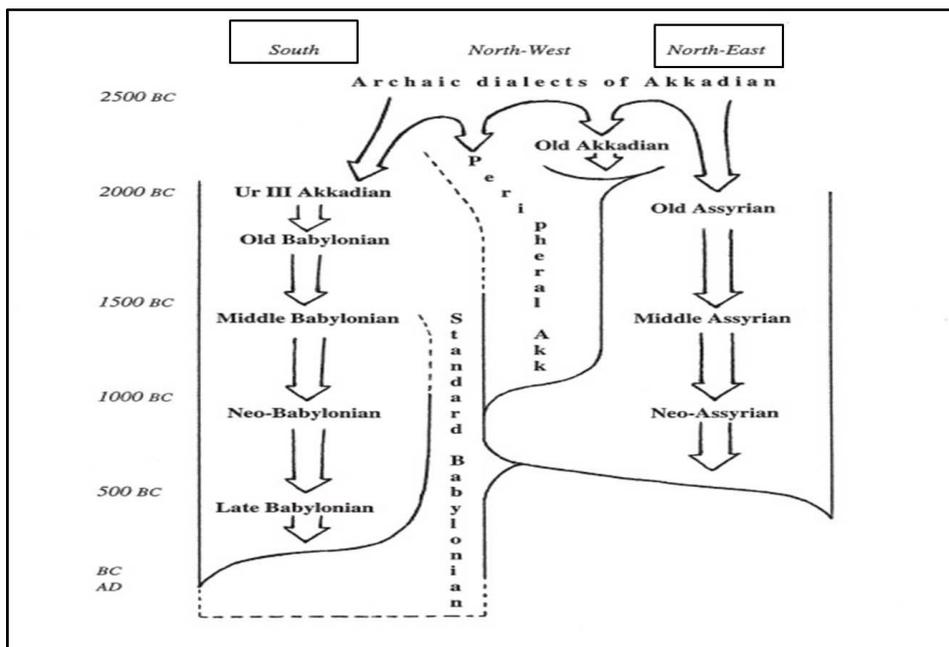
O leitor precisa ter em mente que dois milênios atrás uma Estátua não era apenas um artefato ou uma construção feita levianamente, havia um significado invisível ao olhar passageiro da modernidade. Esse olhar era encharcado por dúvidas e sede insaciável por respostas, onde a imaginação se tornara mais livre quanto mais o mistério se edificava no horizonte. A crença em divindades, talvez, foi uma grande revolução para questionamentos do espírito humano, diga-se de maneira reflexiva.

O deus babilônico Marduk será nosso “protagonista”, e, por isso, é inteligente saber antecipadamente qual a importância deste “Ser” para os antigos babilônicos ou assírios. O primeiro registro utilizado, a fim de descrever a notoriedade divina para os mesopotâmicos (babilônicos e assírios), foi um poema intitulado como “Enuma Elish”. Este famoso épico foi descoberto – em fragmentos – por Austen H. Layard, George Smith e Hormuzd Rassam nas ruínas da proeminente biblioteca do rei assírio Assurbanipal (668 a.e.c. – 630 a.e.c.) na cidade de Nínive, no século XIX, especificamente nos anos de 1840 e 1876 (HEILDEL, 1963, p. 1).

O poema, propriamente dito, foi inscrito em língua acadiana²³ por meio de sete tabletas de argila. Durante o primeiro milênio o acadiano foi difundido entre os inscitos assírios. Havia duas variações “semíta-oriental” substanciais na Mesopotâmia, uma localizada no sul da Mesopotâmia e outra na Assíria. Embora existissem algumas semelhanças em relação ao babilônico e o assírio, sua gramática e vocabulário possuem diferenças nítidas para que o observador possa considerá-las diferentes (GEORGE, 2007, p. 31). A língua é um organismo vivo, e se modifica com o passar dos séculos. Sentimo-nos na obrigação de exemplificar as mudanças no acadiano e suas variações.

²³ **Acadiano** é nome dado (presentemente) ao antigo dialeto semítico oriental. **Semítico** é a família das línguas asiáticas ocidentais, tais qual hebraica, ugarítico, aramaico, árabe e amárico. Para saber mais pesquisar por “Babylonian and Assyrian: A history of Akkadian” de Andrew George (2007).

Figura 15. Dialectos Arcaicos do Acadiano



Fonte: (GEORGE, 2007, p. 36. Adaptação nossa).

Nós sabemos que existia um “Acadiano Antigo” que precedeu as duas variações por nós destacadas, além de uma variação “Acadiana Periférica”. O motivo para citarmos com ênfase duas delas, a babilônica e a assíria, se dá pelo nosso recorte temporal, séculos VII a.e.c - VI a.e.c. Os dialetos arcaicos da língua acadiana são divididos pelas regiões Sul, Noroeste e Nordeste da Mesopotâmia, abordaremos apenas duas regiões (Ibidem, p. 36).

No Sul, o acadiano foi difundido na terceira dinastia de Ur por volta do ano 2000 a.e.c., na região da Suméria. Entre o ano 2000 a.e.c. até o ano 1500 a.e.c. o dialeto permaneceu em transformações, no período chamado “Babilônico Antigo”. No recorte “Média Babilônia” 1500 a.e.c. até 1000 a.e.c. ainda podemos relatar o uso deste dialeto em desenvolvimento, assim como, no tempo “Neo-babilônico” que se estende de 1000 a.e.c. á 500 a.e.c. Quando finalmente se “encerra”, provavelmente, no período “Babilônico Tardio” em 500 a.e.c. (Ibidem, p. 36). No Nordeste observou-se o acadiano disseminado na “Antiga Assíria” – 2000 a.e.c. á 1500 a.e.c. – e, posteriormente, na “Média Assíria” – 1500 a.e.c. á 1000 a.e.c. O “acadiano assírio” se enfraquece entre os eles durante os séculos IX e VII a.e.c, no chamado “Neo-assírio”, 1001 a.e.c. até 601 a.e.c aproximadamente (Ibidem, p. 36). Em contrapartida, o aramaico era cada vez mais aceito como língua principal.

Na antiga capital da Assíria, Assur, alguns escavadores alemães encontraram tabletes fragmentados contendo a versão assíria da cosmovisão, anteriormente, representada pela cultura babilônica. Esse achado se deu nos anos de 1902-1914. As tábuas desenterradas foram

o tablete I, o tablete VI e o tablete VII. Em 1924-1925 uma versão neo-babilônica foi trazida à luz do dia, duas tabuinhas, o tablete I e o tablete VI nas escavações em Kish financiadas pela Universidade de *Oxford* e pelo *Field Museum* de Chicago. As duas estavam pouco danificadas. Alguns anos depois a escola alemã desenterra a tábua VII neo-babilônica em Uruque (Uruk) localizada na Suméria, um fragmento considerável (HEIDEL, 1963, p. 1-2).

Figura 16. Localização dos achados arqueológicos



Fonte: (Adaptado do GoogleMaps.com)

Para todos os efeitos, acessar estas fontes, por exemplo, nas últimas décadas abriu espaço para diversas discussões sobre o mundo antigo. A ênfase, agora, é dada aos detalhes, aos sentimentos, aos elementos periféricos, a subjetividade dos povos, aos poucos, substitui um fetiche pelas “origens”. Essa liberdade concedida pela imaginação alimenta nossa vontade em buscar respostas num horizonte nebuloso.

É que o espetáculo das atividades humanas, que forma seu objetivo específico, e, mais que qualquer outro, feito para seduzir a imaginação dos homens. Sobretudo quando, graças a seu distanciamento no tempo ou no espaço, seu desdobramento se orna das sutis seduções do estranho (BLOCH, 2001, p. 44).

Com o distanciamento temporal inerente à Antiguidade, esta procura é ainda mais instigante, como um desafio que compete ao historiador e a recompensa é construir uma narrativa que possa satisfazer nossas questões. Sobre a cultura babilônica, ou no tocante a Assíria, nem tudo pode ser exatamente como parece. Ora, em fontes imagéticas os animais podem representar deuses (se combinados com outros motivos artísticos), cenas de guerra são ritualísticas, objetos não são inanimados ou encarados como meras retratações superficiais. Os deuses estavam “mais próximos” da humanidade se comparado agora, especificamente no Ocidente, onde a indiferença em relação ao sagrado assume uma identidade cética.

Recorrendo a este viés, o “Enuma Elish” não é apenas um mito de criação, mas, um modo reflexivo para questões que sempre foram intrínsecas à humanidade “por que estamos aqui?”, ou seja, a vida e a morte, o dia-a-dia em sua plenitude.

O “Enuma Elish”²⁴ externa muitos sentimentos que possivelmente funcionavam como espelhos das pessoas que viviam no contexto do primeiro milênio a.e.c. O texto, subjetivamente, revela ira, sofrimento, angústia, alegria e medo. Objetivamente, exalta uma narrativa engrandecendo o deus Marduk por meio da assembleia dos deuses na qual decidirão o futuro do mundo. As inscrições das tábuas dizem, resumidamente, o seguinte:

1º Tablete

Os deuses primordiais são Apsu, o pai que representa as águas doces e Tiamat, a mãe que representa as águas salgadas. Apsu e Tiamat, ambos consideraram sensato destruir os demais deuses gerados por eles mesmos.²⁵ Apsu é assassinado em seguida. Tiamat se enfurece e prepara uma armada de monstros para terminar o que começou (PONTES, 2010, p. 72).

2º Tablete

Tiamat então faz uma descrição dos seres que vingarão seu marido morto (ARAÚJO, 2018, p. 2). Estes seres são “deuses” que se aliaram a Tiamat. Kingu se torna o líder através da escolha desta assembleia divina e Tiamat diz:

Eu te fiz grande na assembleia dos deuses, O domínio sobre todos os deuses, eu dei [na tua mão] e que tu sejas altamente exaltado, tu, minha esposa único! [Que] teu nome se torne maior do que (aqueles de) [os Anun]naki! (ALOMIA, 1987, p. 30. Tradução nossa).

2º Tablete

O medo se exacerba entre os deuses rivais quando o discurso de Tiamat alcança Anshar. Ele pede ajuda à Ea e Anu para enfrentar a Mãe primordial, todavia, o plano se encerra em fracasso. Os demais deuses e Anshar se reúnem para pensar uma forma de vencer Tiamat. Ea é surpreendido por uma ideia dentro de sua mente, decide que seu filho Marduk pode ser um candidato ideal para derrotar Tiamat. Marduk aceita confrontar a furiosa deusa mãe das águas salgadas, com certas condições (HEILDEL, 1963, p. 6).

Se eu for seu vingador, Se eu domar Tiamat e (assim) salvar sua vida, você deve convocar a Assembléia de todos os deuses, você deve pronunciar meu poder supremo! Todos vocês devem se sentar - voluntariamente - na Upshukinakku (decidir) que (a partir de agora) meu comando, em vez de o

²⁴ Para ter acesso à tradução usada nesta dissertação do “Enuma Elish” procurar por “The Babylonian Genesis: The Story of Creation” de Alexander Heidel.

²⁵ Os dois juntos criam os demais deuses, Mummu representa um terceiro tipo de água, a chuva. São gerados outros dois deuses, Lahmu e Lahamu, bem como, Anshar e Kishar. Os últimos trazem à vida Anu, que representa o céu, que a sua imagem cria Ea/Enki, as águas subterrâneas.

seu, será todo poderoso! O que quer que eu crie, não será alterado (por outro [deus]), Meus pedidos pessoais não serão revogados ou alterados ([por eles]!) (ALOMIA, 1987, p. 31. Tradução nossa).

2º Tablete

Anshar envia o deus mensageiro Gaga (Kaka) com o intuito de convocar uma reunião extraordinária, pois, as condições só poderiam ser levadas a sério se todos os deuses estivessem juntos. Algumas divindades ignoravam as calamidades. Gaga relata tudo o que está acontecendo e todos os deuses então choram na assembleia divina (HEILDEL, 1963, p. 7).

3º Tablete

Os deuses fazem um banquete. Todos bebem e se embreagem até seus problemas “desaparecerem” (ALOMIA, 1987, p. 33).

4º Tablete

Marduk é nomeado rei pelas outras divindades (KING, 1902, p. 17). Ele então se prepara para o combate, leva seu poderoso arco e sua clava. Sua aparência é como o ressoar da tempestade e se dirige até Tiamat e Kingu. Kingu e seus seguidores ficam confusos diante do esplendor de Marduk e Tiamat é morta. Seu coração foi destruído e é derrubada diante de Marduk que se glorifica. Com o corpo do “Mar” o novo rei faz o céu e a terra, o universo (HEILDEL, 1963, p. 8).

5º Tablete

Neste momento Marduk estabelece todas as funções para cada criatura viva (ARAÚJO, 2018, p. 6), desde os grandes deuses, os calendários estelares, os dias, os meses, até o sol e a lua (PONTES, 2010, p. 72).

6º Tablete

Kingu é sacrificado – o fardo dos deuses derrotados, usados como força de trabalho, estava alto demais – e através do seu sangue a humanidade nasce com o único papel de servir as divindades (KING, 1902, p. 24). Os deuses constroem Esagila (o templo de Marduk) e declaram Marduk o deus mais poderoso, assim a cidade Babilônia é fundada na cosmovisão (HEILDEL, 1963, p. 10).

7º Tablete

Os deuses exaltam os 50 nomes de Marduk (PONTES, 2010, p. 73).

Diferentemente de um *Blockbuster* produzido por estúdios como a *Marvel (The Walt Disney Company)* que visa as lucrativas bilheterias do Cinema Mundial, criando filmes de heróis para entreter um público alvo. Um conto de criação, embora aborde temas como o

heroísmo, detém um sentido extremamente próprio. O “Enuma Elish” fala sobre o universo visto e sentido pelos antigos mesopotâmicos. Não foi uma “fantasia” ou “mentira” inventada para as gargalhadas, alegrias e tristezas babilônicas. Até onde suas memórias reverberam no tempo, os antigos mesopotâmicos consideraram suas crenças como verdadeira.

A explicação que davam para o mundo que viam, ouviam, sentiam, tocavam, experimentavam, saboreavam ou temiam era baseada na natureza dos seres criadores de cada fragmento paisagístico já concebido. As divindades criaram as águas, criaram os céus e a terra, paralelamente eram parte ou o todo de sua criação. Tiamat, o mar; Apsu, as águas doces; Ea, as águas subterrâneas (lençóis freáticos); Anu, os céus. Marduk deixa de ser um filho coadjuvante para se tornar o senhor todo-poderoso, a partir das suas escolhas molda todo o universo usando o corpo abatido de Tiamat. Os céus e a terra agora ganham um novo “rosto”, uma “revitalização” que se inicia com ele.

Além de a cosmogonia explicar eventos de natureza épica, como os desastres naturais, tempestades e enchentes, este, especificamente, retrata duas situações legitimadoras, a construção do templo de Marduk (Esagila) e a fundação de uma Babilônia atemporal. Embora o termo “Religião” esteja em estágio de relativização, sendo, por ventura, mais oportuno usar “Cosmovisão” no contexto da Antiguidade, acredito que Mircea Eliade (1959) explica este sentimento didaticamente.

É, contudo, o mito cosmogônico o que constitui a escala de valores, por causa do seu tema central. Os mitos cosmogônicos são uma realidade, a história santa dos povos reveladores da criação do mundo e do homem; expressam de forma simbólica os princípios que regem o cosmos e a vida humana. Contando uma história sagrada, o mito cosmogônico contém uma mensagem fundamental: a revelação da atividade criadora divina e a mensagem normativa, orientadora da atividade do homem religioso (ELIADE, 1959, p. 23-96 apud SANTOS, 1993, p. 67)²⁶.

A Babilônia não é apenas uma cidade, é o lar do rei dos deuses babilônicos. Este entendimento tornava sua existência uma joia tanto em termos eruditos, quanto político sagrado. Apesar da consagração e fama, as percepções dos outros povos não consideravam, necessariamente, a “Babilônia Sagrada” com tamanha paixão. Na verdade, várias vezes esta condição não foi um empecilho para sitiarem e combaterem a cidade, como no século VII a.e.c., quando o rei assírio Senaqueribe invadiu e destruiu parte da Babilônia.

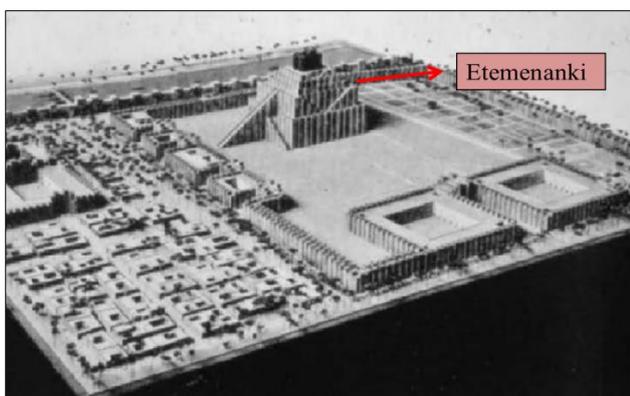
O Épico ainda cita Esagila assim chamado o templo sacro de Marduk. O “E” prefixo presente nesta palavra é uma herança suméria, e significa “casa” – diversos templos em

²⁶ ELIADE, Mircea. *Initiation, rites, sociétés secrètes*, Paris, Gallimard, 1959, pp. 23-96. In: ELIADE, Mircea. *Aspectos do Mito*, p. 9-167.

Babilônia carregavam essa carga cultura em seus nomes (KOSUH, 2008, p. 4). Um templo não somente foi uma construção de tijolos cozidos sobrepostos que se ligavam com betume. Era a moradia da divindade. Havia pessoas que concentravam seu tempo para prestar cuidados aos deuses, eram alimentados, vestidos, adornados, interpretavam presságios, realizavam rituais e, obviamente, acreditavam nos entes (KOSUH, 2008, p. 4).

Existiam alguns limites para acessar o templo, por exemplo, o altar – onde se localizava a estátua da divindade – só poderia ser visitado por pessoas cuidadosamente selecionadas, como os sacerdotes (Ibidem, p. 3). Daí nós podemos entender o quão sublime uma parcela da população conferia significado para seu deus. O templo e a cidade tinham um entrelaçamento tão abstruso e sutil que pareciam confundir-se “Glorificando a cidade, ele a confunde tanto com o reino divino quanto o templo [...] de uma maneira que é típica da visão do mundo antigo” (LEISTEN, 2021, p.1). Esse é o caso do Etemenanki – outro templo dedicado a Marduk – construído como um Zigurate. Marduk era respeitado em toda a Babilônia, e sua posição fincada no centro da cidade ressalta seu poder.

Figura 17. O templo de Marduk, Etemenanki



Fonte: (SALLABERGER, 2007, p. 267. Adaptação nossa).

A ideia disseminada “o deus habita o templo” somada à sua aparência apoteótico-intimidadora aos olhos do babilônio comum, provavelmente, contribuiu para visualizar um lugar de contato com o sagrado. Não nos referimos a um modo tolo de impressão, pelo contrário, sugerimos que fosse uma experiência contemplativa sobre a vida em sua magnitude.

O templo era a abertura de acesso ao alto, assegurador da comunicação com o mundo divino; era o espaço que delimitava os dois territórios a sua fronteira, e ao mesmo tempo simbolizava o local onde o céu e a terra se encontram – a montanha sagrada [...] Todas as cidades e os seus lugares santos são, pois, identificados aos topos das ditas montanhas. As próprias

idades mesopotâmicas se julgavam situadas no centro do mundo (SANTOS, 2003, p. 195-196).

Antônio Ramos dos Santos (2003) descreve, indiretamente, uma situação psicológica interessante, pois, o Etemenanki é visualmente um construto que “toca o céu”, quase outro mundo observável. Marduk diferente das outras divindades, parecia intocável. Segundo a cosmovisão, a humanidade foi forjada para servir. Ele é o rei do cosmos e o patrono de Babilônia, mas, quanto maior e abrangente ele se torna (hierarquicamente), mais distante fica aparentemente. Como as pessoas comuns o viam? Sendo este deus tão recluso a certas cerimônias e pessoas seletas (reis e sacerdócio).

Até entre os deuses a palavra ordem de Marduk “não pode ser alterada”. Acesso restrito a privilegiados, todavia, só se revelava à população através do festival de ano novo, o *Akitu* (DUPLA; PETRUSKI, 2017, p. 38). A simples menção do seu nome poderia acarretar bênçãos ou maldições, ao menos é o que conjecturamos. Se Marduk estava isolado no interior de um santuário de maneira tal que não poderia ser visto por pessoas comuns, como esse deus estaria presente na vida das pessoas? Possivelmente, através do nome delas. Algumas cartas da época em que Babilônia era governada por Hammurabi, no século XVIII a.e.c., descrevem situações corriqueiras de problemas jurídicos que alcançavam o poder do rei, porém, queremos apenas focar o nome de um cidadão daquele período.

A Sin-iddinam diz: assim (falou) Hammurabi: Quanto à entrega de cevada, rendimento do campo de Ibni-Amurru, que está na mão de **Etel-pî-Marduk**, a Ibni-Amurru, sobre o qual ele te escreveu, assim tu (declaraste): “**Etel-pî-Marduk** disse-me o seguinte: Juntamente com o campo de Ibni-Amurru, cultivei um outro campo (BOUZON, 1986, p. 62. Adaptação nossa).

Nomear alguém utilizando as nomenclaturas das divindades foi uma prática bastante comum entre reis e súditos por séculos. Os nomes babilônicos não fugiram dessa tradição. As crianças que nasciam eram geralmente chamadas por seus pais consoante o deus que adoravam “assim os nomes babilônicos consistiam em pequenas frases como Marduk-apla-iddina ‘Marduk me deu um herdeiro’, Ina-Esagil-shuma-ibni ‘Em Esagil [...] ele criou um nome [...]’” (SALLABERGER, 2007, p. 268. Tradução nossa). De certo modo, o venerado sempre acompanhava o devoto.

Os templos eram detentores de uma carga sagrada tão séria que o retirar de um tijolo cozido significaria, em termos de “causa e efeito”, uma maldição ou consequências ruins (LEISTEN, 2021, p. 5). Tal crença poderia ser absorvida por parte da população que não se permitiam cruzar os limites. Em contrapartida, nas inscrições assírias que remontam o tempo

do rei assírio Téglat-phalasar I (1112 a.e.c – 1074 a.e.c.) as evidências apontam que mesmo algo considerado divino poderia, possivelmente, ser profanado.

Se uma mulher, [seja] a esposa de awilu ou filha de awilu, entrou em um templo, roubou do templo algo pertencente ao santuário, (deixe) ser encontrado [em sua mão], ou foi produzido [contra] acusações ou condenações, [apreenderemos] as evidências e questionaremos o deus. Como ele vai mandar [tratar a mulher], a gente vai tratar ela (CARDASCIA, 1969, p. 93, tradução nossa).

De todo modo, a presença metafísica, no consciente e inconsciente, não se anulava, presumivelmente, mesmo com o distanciamento da estátua de Marduk em relação aos seus crédulos. Seria difícil se desvincular das deidades, isto é, se Shamash é o deus sol, como andar sobre a luz do dia sem sentir a presença desta entidade? Em todas as partes que o olhar babilônio fragmentado se direcionava encontravam seus adorados. Eram diversos, parte da natureza visível e invisível. É intrigante compreendê-los, até mesmo sedutor. Tiamat, a água salgada; Anu, o céu; Ishtar, o amor sexual e a guerra; Marduk, o deus mais poderoso.

Assur – deus da guerra assírio – possui características muito parecidas com Marduk. Supõe-se que para um ser cósmico lhe era idealizada uma função específica, que o tornava necessário para o povo. Esses dois assemelham elementos variados, possuidores de muitas virtudes ou qualidades, na teoria representam algo singular e, na prática das inscrições possuem diversas facetas. Talvez ao longo de gerações suas “faces” venham se integrando às expectativas do contexto em que se inserem. No século VII a.e.c. Assur foi homenageado pelo rei assírio Assurbanipal, por meio de um hino onde o deus é elogiado.

1. O muito grande, o proeminente entre os deuses, o que sabe tudo;
2. O venerável, o notável, o Enlil dos deuses, o que decreta os destinos,
3. Assur, o grande senhor, o que sabe tudo,
4. Que eu exalte a reputação de Assur e enalteça o seu nome.
5. Que eu invoque o todo-poderoso e louve o seu horóismo.
6. O competente, de vasto entendimento, sábio dos deuses, nobre [...]
7. [...] Assur, cuja ordem chega longe,
8. [...] Cujas palavras não podem ser alteradas, cuja ordem permanece firme.

(CAMELO, 2007, p. 166-167. Adaptação nossa).

Em outros casos, Assur é representado de acordo com sua natureza específica, aquilo que lhe garantia, supostamente, a identidade como um deus, sua especificidade, em outras palavras, a guerra, as armas, os exércitos. O mais interessante sobre essa inscrição é que o autor não considera os guerreiros como pessoas próprias ou com um rosto aparente, o exército

era uma extensão de Assur. Esta inscrição data da época de Tiglath-Pileser I (1114-1076 a.e.c.).

Com o apoio do deus Aššur, meu senhor, peguei minhas carruagens e guerreiros (e) parti para o deserto. Marchei contra os Aḫlamû-araméus (a-na ŠÀ aḫ-la-mì-i KUR.ar-ma- ia.MEŠ), inimigos do deus Aššur, meu senhor, saqueei desde os confins da terra Sūḫu até o cidade Carquemis da terra Ḫatti em um único dia. Eu os massacrei (e) levei de volta seus despojos, posses e bens incontáveis. O resto de suas tropas, que fugiram das armas do deus Assur, meu senhor, atravessou o Eufrates. Atravessei o Eufrates atrás deles em jangadas (feitas de peles de cabra infladas), conquistei seis de suas cidades ao pé do Monte Bešri (URU.MEŠ-šu-nu ša GİR KUR.bé-eš-ri), queimadas, arrasadas, (e) destruí (eles, e) trouxe seus saques, posses e bens para minha cidade Aššur (FALES, 2019, p. 60-61. Tradução nossa).

Na antiga Mesopotâmia havia mais de 40 deuses, agrupavam-se em famílias, havia casamento entre eles, alguns eram substituídos (destronados) dependendo do povo governante. A existência de inúmeras deidades no passado, possivelmente, permitiu – no imaginário antigo – a valorização excessiva de uns em detrimento de outros. Não é insensato afirmar que determinados deuses receberam mais atenção.

No período de Sargão (Sharru-kin), o rei mais antigo da dinastia acadiana (séculos XXIV-XXIII a.e.c), a sacerdotisa Enheduana – uma de suas filhas – inscreveu (escrita cuneiforme) umas das obras mais importantes da Antiguidade, principalmente, se considerarmos a valorização feminina. *Nin-me-shara*²⁷ (Senhora dos dons exaltação de Inana) foi criada, muito provavelmente, durante o contexto histórico de Lugalane rei, governante de Ur, quando se rebelou contra o reinado de Naram-Sin (descendente de Sargão) e expulsou Enheduana de Ur (FLORES; SCANDOLARA, 2022, p. 19). A súplica de Enheduana detém características intrigantes, observa-se a reunião de revolta e decepção para com o deus lunar Nana, ela era sua sacerdotisa.

Quando a mim Nana me descuidou
deixou-me à perdição de ataques assassinos
Ashimbabar²⁸ não disse o veredito
e daí se dissesse? E daí se não dissesse?
afeita a triunfos expulsa fui do templo
fugi feito andorinha a vida devorada
forçada a atravessar espinhos de acácia nos montes
a justa tiara de En²⁹ me foi tomada
deram-me adaga e espada “A tua cara” me disseram

(FLORES; SCANDOLARA, 2022, p. 59)

²⁷ Para ter acesso à tradução usada no corpo do texto pesquisar por *Inana: antes da poesia ser palavra era mulher* de Guilherme Gontijo Flores (2022) e Adriano Scandolara (2022).

²⁸ Epíteto de Nana, “o que se ergue reluzente”. FLORES; SCANDOLARA, 2022, p. 78

²⁹ Significa “sacerdotisa”. *Ibidem*, p. 16.

Enheduana é preenchida por ira, como a inscrição evidencia, não consegue entender porque o deus lunar não a ajudou quando ela mais precisou de auxílio. Ela perdeu seu lar e, também, seu título (função) de sacerdotisa. Não é de se impressionar que ela tenha voltado, posteriormente, sua adoração à deusa Inana – deusa do amor sexual (Ibidem, p.79). Este é um indício sério da maleabilidade, em termos de crença, da adoração aos diversos deuses existentes na Antiguidade, conferindo ênfase a visão dita anteriormente, que poderia haver deuses mais amados ao invés de outros – uns que “causavam” frustrações e outros que pareciam mais eficientes – convenientemente. É possível que uma divindade pudesse permanecer por muito tempo no imaginário popular, sacerdotal ou real (realeza).

Talvez para um *Awilum* (cidadão livre) que dependia dos rios ou da chuva para frutificar seus campos, trazendo à tona as colheitas, um deus como Kaka (mensageiro) não seria tão eficaz se contraposto a um deus das águas doces (Enki). Ishtar (deusa guerreira e do sexo) era importante para a procriação/fertilidade da humanidade e dos animais domesticados. As inscrições nos dizem que Marduk, seguramente, era venerado por toda Babilônia, templos construídos em seu nome e seus cidadãos usavam sua alcunha. Todavia, às vezes os deuses proeminentes se revelavam mais deuses da realeza e do sacerdócio.

Produziu-se, na Antiguidade, o que chamaríamos de ídolos. O invisível pode não ter sido o suficiente para suprir a sede humana por respostas “O simbolismo religioso é uma linguagem de renovação que permite ao *homo religiosus* o entrar directamente em contato com o divino” (SANTOS, 1993, p. 66). Não bastou olhar para os céus ou para os mares e rios, não bastou ver as sementes brotarem da terra. A intimidade fez-se presente para que a sensibilidade pudesse aflorar profundamente, ou seja, as estátuas – elementos simbólicos – renovaram a adoração aos deuses e os aproximaram dos homens.

6.2. A representação divina materializada no mundo

As imagens de adoração são expressões longínquas, e se observarmos atentamente o percurso humano neste mundo veremos que suas raízes não foram arrancadas da nossa memória afetiva. Os ritos e atividades festivas ainda permanecem, mesmo possuindo significados e significantes distintos. A estátua de Santo Antônio em Barbalha – Ceará – inaugurada em 2022 foi recebida com festa pelos devotos e curiosos.³⁰ Então é óbvio que as imagens, uma exteriorização simbólica, não perderam sua relevância social.

³⁰ ESTÁTUA DE SANTO ANTÔNIO EM BARBALHA, CE - INAUGURAÇÃO 2022. 2022, vídeo (8:39 min). Publicado pelo canal André do Cariri. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pNJk2SsaW_s&ab_channel=AndredoCariri. Acessado em: 04/03/2022.

No Oriente Médio Antigo sua significação pendia à própria existência que concebiam, isto é, fazia parte, literalmente, de suas vidas como a realidade conhecida. Tal ideia confere a estatuária divina um sentido, quiçá, mais importante do que poderia ter para nós uma estátua hoje em dia. Os elementos envolvendo as imagens dos deuses eram acompanhados por ritos que as tornavam extremamente importantes para a sociedade do primeiro milênio a.e.c.

As estátuas das divindades foram manifestas em estilo antropomórfico. Dado sua necessidade para a veneração, eram encontradas no interior dos templos, em seu “coração” (uma área particular). Se perguntássemos para alguém que observa uma estátua sem um olhar sensível, poderia até mesmo chamá-la de “coisa inanimada” ou para a própria ciência exata, um punhado de ferro, mármore e pedra. Para os babilônios e assírios as estátuas estavam cheias de “vida”, eram “entes vivos” (HUROWITZ, 2003, p.147).

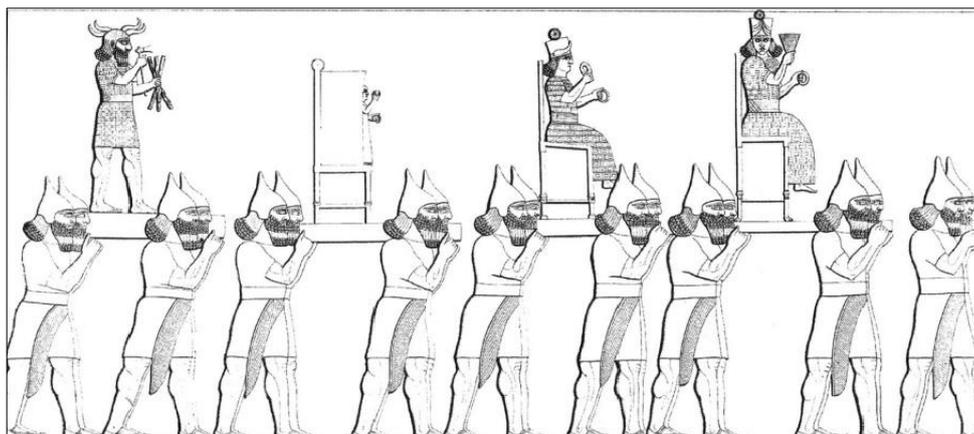
Os rituais acompanhavam a estátua por toda a sua vida. Desde o seu nascimento até sua possível “morte” tais manifestações simbólicas, no mundo, recebiam diversos cuidados especiais. No processo criativo do objeto as mãos humanas deveriam estar desvinculadas de qualquer senso criador, ou seja, não foram os homens que geraram as estátuas dos deuses.

Portanto, é um equívoco supor que, ao fazer uma estátua, as pessoas acreditavam que estavam fazendo um deus. Em vez disso, a estátua forneceu um ponto de acesso ao deus que já existia, mas, estava fora de alcance e controle do suplicante [...] Como seu principal ponto de acesso ao divino, as pessoas tendiam a identificar a simbiose estátua-divindade como seu deus e tratá-la de acordo, com cuidado e petições, mesmo que teoricamente imaginassem o deus como muito mais do que sua imagem. Tratá-lo como menos seria minimizar seu ponto de acesso e, portanto, seu acesso (HUNDLEY, 2015, p. 206-207. Tradução nossa).

Primeiramente devemos considerar isto, a criação do deus era acompanhada por rituais importantíssimos, isto é, o *mis pi* “Abertura da boca” e o *pit pi* “Lavagem da boca”. Eram rituais que agiam em conformidade. O primeiro ritual consistia em levar até a boca da estátua (talvez nariz) sabores e aromas (mel, cedro e cipreste), desse modo, o deus estaria pronto para cheirar e comer. O segundo ritual equivalia à purificação da deidade com água especial para que ela pudesse ir de encontro aos outros deuses no templo (HUROWITZ, 2003, p. 147).

Os materiais usados na manufatura das imagens eram preciosos, isto é, artigos de luxo, portanto, raros de se conseguir, por exemplo, madeiras especiais, prata, lápis-laluzi e ouro. Hoje sabemos que os objetos de adoração divina, propriamente ditos, são praticamente umbráticos (MONTE, 2013, p. 46), embora, ainda existam em representações pictóricas e inscrições (relevos em pedra).

Figura 18. Estátuas de adoração, acima, pilhadas pelos assírios



Fonte: (HUNDLEY, 2015, p. 207).

“Lavagem da boca” ou “enxaguar a boca” é o ato de purificação considerando todo o ritual, enquanto a “abertura da boca” funcionava como um complemento que foi incorporado de tal modo que não pôde ser separado da prática (HUROWITZ, 2003, p. 147). Não foram os homens que geraram as estátuas divinas, o “enxague da boca” simbolizava essa ideia. Ora, homens não poderiam criar deuses, apenas os deuses geraram deuses, assim como, criaram os homens a partir do sacrifício de Kingu. Geralmente, o ritual era realizado seguindo uma ordem de eventos.

Nascimento autogenético no céu [...] Apresentando a estátua a Ea, seu pai [...] contando a estátua entre os deuses, seus irmãos [...] a origem de sua madeira em uma floresta sagrada [...] fabricação da estátua por deuses [...] realização de todas as ações rituais pelos deuses [...] paternidade divina e nutrir a estátua [...] Samas determinando capacidade da estátua de comer e ouvir [...] negação do papel do artesão humano no processo de fabricação [...] ritual de decepar as mãos dos artesãos (HUROWITZ, 2003, p. 150. Tradução nossa).

A “abertura de boca” servia para um propósito evidente, se a estátua estava viva ela precisaria ser alimentada para se manter satisfeita. O que geralmente entendemos é que deuses carecem de mortalidade, entretanto, em algumas culturas esta ideia difere. No “Enuma Elish” Apsu (água doce), Tiamat (água salgada) e Kingu foram tombados (morte). Para os mesopotâmicos, aparentemente, deuses poderiam morrer (mesmo sendo imortais) então se não alimentassem suas estátuas, seus deuses poderiam padecer famintos, esquecidos, negligenciados? É possível, no imaginário. Porém, a intenção provável poderia ser barganhar com o deus ou deusa, um sistema de trocas.

Quem permitiu que a divindade recém-nascida pudesse comer (saborear), ouvir (cantigas, bajulações ou súplicas) e cheirar (incensos e perfumes) foram outras divindades, na

perspectiva mesopotâmica. É provável, também, que essas relações fossem basicamente para agradar o deus (deusa) e evitar sua insatisfação, reconhecendo que ele (ela) não morre de fome, mas, se irrita se não for feita a sua vontade (obrigação dos homens). Um sistema de trocas baseado em serviço e recompensa, o deus é alimentado e, conseqüentemente, protege seu povo.

Existe outra ideia, embora seja conjectura, a hipótese do porquê acreditavam estarem alimentando seus deuses. Alimentos perecíveis são expostos aos efeitos biológicos, sua conservação é precária e podem ser decompostas por micro-organismos não conhecido pelos antigos babilônicos ou assírios. O perecimento desses alimentos passava a ideia de findar, talvez devorada pelos deuses. Pode ser, contrariamente, que tinham certeza da diferença entre ser comido (por algo ou alguém) ou está, simplesmente, apodrecendo. De qualquer forma, os deuses necessitavam desta atenção, principalmente, se sua insatisfação o levasse a abandonar seu templo ou cidade, acarretando conseqüências graves.

As divindades exerciam influências sobre e entre toda a sociedade, seria um tanto quanto imaturo imaginar os deuses exteriores como meramente frutos da imaginação humana. Os antigos criam neles e isso era o bastante. O invisível se tornou visível para interferir na vida das pessoas, desconsiderar esse fenômeno é ingenuidade. Depois do ritual de “lavagem da boca” e “abertura da boca” as estátuas dos deuses eram então colocadas nos templos para finalmente habitarem seu lar, purificados. Os únicos momentos que saíam de lá era no “Festival do *Akitu*”³¹ ou quando eram tomadas por povos estrangeiros (MONTE, 2013, p. 47).

6.3. A fúria de Senaqueribe e o fenômeno “godnapping”: sequestro de divindades

O roubo das estátuas veneradas é uma expressão antiga considerando a história do Oriente Médio Antigo. Tal fenômeno ganhou ainda mais significado quando o rei assírio Senaqueribe (VIII a.e.c. - VII a.e.c.), como indicam as evidências, pilhou a estátua de Marduk em Babilônia. Estes itens eram confiscados pelos conquistadores estrangeiros, e em momentos de tensão e rebelião eram práticas capazes de desferir um poderoso golpe nos inimigos.

Se as imagens foram utilizadas como ferramentas de barganha, intimidação, humilhação, poder ou glória, certamente, é relativo e, antes, é necessário que para um evento

³¹ Festival que ocorria uma vez por ano, e, provavelmente, consistia em fazer uma procissão com as estátuas dos deuses ao redor da cidade. Ainda é debatido o significado, fenomenal, do *Akitu*. A ideia mais aceita diz respeito à ordenação do cosmos, semelhante ao “Enuma Elish” como uma encenação da batalha entre Marduk e Tiamat. Procurar por “The Babylonian Akitu Festival: Rectifying the King or Renewing the Cosmos?” de Benjamin D. Sommer (2000).

tão radical se concretizasse alguma explicação convincente deveria anteceder-lá. O contexto histórico em que reinou Senaqueribe foi bastante conturbado com a explosão de diversas revoltas por todo o domínio assírio.

Quando pensamos o passado, às vezes, um estudioso no “tempo presente” distancia excessivamente os sujeitos históricos em graus de ignorância e sensibilidade. Sobre o reinado de Senaqueribe é possível que diversos fatores se conciliaram para a construção da personalidade desta figura. Seu pai Sargão II morreu em combate e seu corpo não foi encontrado (ROAF, 2006, p. 182). O evento em questão pode ter fincado um dano psicológico relevante no príncipe coroado rei pouco tempo depois.

No mundo antigo, quando situações ruins aconteciam e danos sérios eram infligidos a alguém, a culpa geralmente recaía ao próprio sujeito danificado, ou seja, ele cometeu uma falha ou causou a insatisfação dos deuses. Partindo deste ponto de vista, Senaqueribe é coroado rei em 704 a.e.c., neste ínterim, visita o oráculo para entender o que seu pai fez de errado, após esse evento se muda para Nínive e ignora o nome de seu pai nas inscrições (ROAF, 2006, p. 182), como se quisesse estar limpo de uma podridão.

Após passar por uma série de dificuldades, concentrou a maioria dos seus esforços contra a Babilônia. As evidências mais notórias sobre este assunto são inscrições (cilindros fragmentados) encontradas em Nínive e Assur. Seu conteúdo explica, através da perspectiva assíria, as campanhas iniciais de Senaqueribe contra Marduk-apla-iddina (Merodaque-baladan) rei babilônico. O recorte é de aproximadamente 704 a 702 a.e.c. Nos primeiros embates contra seu inimigo babilônico aliado aos Caldeus e Elamitas, rivais do rei assírio, os magnatas vassalos de Senaqueribe foram derrotados.

(21-22) Ele (Marduk-apla-iddina) viu meus governadores provinciais, então saiu do Portão Zababa com todas as suas forças e lutou com meus magnatas na planície de Kish. O inimigo prevaleceu sobre meus magnatas no meio da batalha e eles (meus magnatas) foram incapazes de resistir a ele. Eles enviaram seu mensageiro para mim na planície de Cutha pedindo ajuda (GRAYSON; NOVOTNY, 2012, p. 33. Tradução nossa).

Em 704 a.e.c. obteve uma vitória importante contra Merodaque-Baladan, rei babilônico, em Kish (NIKIPROWETZKY, 1982, p. 102). Diante das circunstâncias descreveu a guerra como extremamente feroz, comparou sua investida aos leões, e assemelhou sua ferocidade a um dilúvio³². A inscrição também retrata a impiedade no campo de batalha, a fuga dos inimigos é uma constatação da covardia e medo a partir do ponto de vista assírio.

³² O dilúvio é outra narrativa de caráter cósmico que ocorreu – para os antigos mesopotâmicos – em tempos imemoriais. Este épico é chamado de Atrahasis, seu enredo descreve a ira dos deuses enviando uma enchente

(25-26) Eu me enfureci como um leão e fiquei furioso como o dilúvio. Com meus guerreiros impiedosos, parti para Kish contra Marduk-apla-iddina (II) (Merodaque-baladan). Além disso, ele, (aquele) malfeitor, viu de longe a nuvem de poeira da minha força expedicionária e o medo caiu sobre ele. Ele abandonou todas as suas forças e fugiu para a terra Guzummānu. (27-29) Derrotei Tannānu, junto com as tropas elamitas, caldeus e arameus que estavam ao lado dele e vieram em seu auxílio, e dispersei suas forças. Capturei vivo Adinu, um sobrinho de Marduk-apla-iddina (II) (Merodaque-baladan), junto com Basqanu, um irmão de lati'e, rainha dos árabes, junto com suas tropas. Peguei os carros, carroças, cavalos, mulas, burros, camelos (e) camelos bactrianos durante a batalha (GRAYSON; NOVOTNY, 2012, p. 34. Tradução nossa).

A Babilônia, talvez, mais que qualquer outra cidade mesopotâmica, era considerada uma cidade sagrada e estratégica para diversos povos. Foi morada (atacada e conquistada) por sumérios, acádios, assírios, persas, macedônios, então sua reputação era ímpar (ROAF, 2006, p. 178). Ora, não é de se espantar que os reis da época pudessem se sentir tão felizes ao adentrar com a vitória dentro da cidade.

(30-33) Com um coração alegre e um rosto radiante, corri para a Babilônia e entrei no palácio de Marduk apla-iddina (II) (Merodaque-baladan) para tomar conta das posses e propriedades ali. Abri seu tesouro e tirei ouro, prata, pedras preciosas, camas, poltronas, uma carruagem de procissão, para família real sua com armações de ouro (e) prata, todos os tipos de posses (e) sem número, um tesouro substancial, (junto com) sua esposa, suas mulheres do palácio, mordomos, eunucos, cortesãos, atendentes, cantores, cantoras, servos do palácio que animaram sua mente principesca, tantos quantos foram, (e) seus atendentes do palácio, e eu contei (eles) como saque (GRAYSON; NOVOTNY, 2012, p. 34. Tradução nossa).

A prática do aprisionamento da família real inimiga era bastante comum, por exemplo, a captura do sobrinho de Marduk-apla-iddina vivo poderia servir como barganha. Embora a Assíria detivesse uma glória, neste dia, contra Merodaque-baladan, diante das evidências existentes, é possível que esta tenha sido a última vez que Senaqueribe vislumbrou a Babilônia com um olhar radiante.

Pouco tempo depois, Senaqueribe nomeou Bel-ibni (babilônio) como rei vassalo da Babilônia, “provavelmente esperando que as pessoas não se rebelassem se alguém do seu próprio povo estivesse no trono” (FRAME, 2008, p. 26). Além disso, havia outras formas de administrar o ímpeto dos súditos, mas, este rito se confunde entre política, coerção, “diplomacia” e mística.

Os tratados Adê nos dizem muito sobre o funcionamento das mudanças de reinados. Serviam mais como tentativas, ocasionalmente fracassadas, de impedir que alguma revolta ou

para destruir os humanos. Procurar por *Myths from Mesopotamia: creation, the Flood, Gilgamesh and others* de Stephanie Dalley (2009).

traição ocorresse a partir do hábito que envolvia restringir a ousadia dos inimigos pelo medo. Conferindo todo o poder nas mãos dos deuses e estabelecendo um pacto de lealdade entre um governante e seu súdito. O conteúdo deste Adê confere a um vassalo a obrigação de proteger os filhos de Senaqueribe, e se o protetor não exercesse sua função como tal seria alvo das maldições divinas.

(Começo destruído) [...] no coração [...], pode [Aggur, Mullissu, Serua], Sin, Nikkal, Samag, [Nur, Anu, Antu, Ililil, Adad, Sala, [Kippat-mati, Igtar do Céu, Igtar de Nínive, Iltar de Arb]ela, Iltar assírio, [Zababa, Babu, Ea, Belet-ili, Kakk] a, e Nerigal, os deuses [da capela de Akitu...] amaldiçoam você com uma indissolúvel e dolorosa [maldição, que eles... seu [...] em todos os [e... Capela Akitu [...] (quebrado) rcv.? [Você jura que irá..., o que Senaqu]eribe, rei da Assír[ia, seu senhor], designou para você; você jura que [se você ouvir] coisas impróprias, você vai [falar, indo] a Senaqueribe, rei da Assíria, [seu senhor], e se dedicando totalmente ao rei, seu senhor; você jura que protegerá [Essaradão, o príncipe herdeiro do Palácio da Sucessão, e] os outros príncipes [que Senaqueribe, rei da Assíria, indicou] a você. <Quem quer que peca contra a redação deste tratado,> [pode Asgur, Mullissu, Serua], Sin, Nikkal, Samas, Nu[r, Anu, Antu, Illil, Adad, S]ala, Kippat-mati, [IStar do Céu, Igtar de Nínive], Istaro de [Arbela, Estrela Assíria, Zababa, Ba]bu, Inurta, Nusku e [..., os deuses da Capela de Akitu... maldição com] uma maldição indissolúvel e dolorosa [...] na cidade de Assur [...] (Resto destruído) (PARPOLA, 2010, p. 179, tradução nossa).

Sempre há espaços para possibilidades, nesse caso, é possível que o mesmo rito, descrito acima, também foi realizado entre Senaqueribe e Bel-ibni. Nessas ocasiões a linha que separa interesses próprios da “confiabilidade” é tênue demais, em outras palavras, Senaqueribe foi traído por alguém que acreditava ser de sua confiança (NIKIPROWETZKY, 1982, p. 102). Três sucessões acontecerem no recorte de um ano e meio, primeiro, Ashur-nadin-shumi (filho primogênito de Senaqueribe) assumiu o lugar de Bel-ibni (acusado de traição), Nergal-ushezib (alta posição entre as famílias babilônicas) tomou o poder e foi derrotado pelos assírios seis meses depois, contudo, Senqueribe não conseguiu conter o fervor em Babilônia governada por um caldeu chamado Mushezib-Marduk que fez perdurar as rebeliões por seis anos (FRAME, 2008, p. 26).

Ashur-nadin-shumi foi deposto e executado por elamitas, inimigos da Assíria, aliados dos babilônios (REDE, 2018, p. 90). Além disso, os babilônicos eram persistentes e se recusavam a ceder, grande parte do contingente guerreiro assírio era constituída por mercenários (ROSSI, 2008, p. 49) que precisavam ser pagos, estamos discorrendo sobre altos custos que a guerra traz, inerentemente, consigo. Pressionado por todos os lados; inimigos externos, babilônios, elamitas, egípcios, israelitas e árabes; perda parental, seu filho assassinado, tinha também outros herdeiros que precisavam ser protegidos; despesas e pressão

interna. A morte de Ashur-nadin-shumi, conjecturamos, pode ter sido uma força motriz para o alicerce da ira vindoura do rei, principalmente, se considerarmos uma sociedade patriarcal.

Podemos arriscar dizendo o seguinte, partindo de uma perspectiva psicológica, Senaqueribe chegou ao limite da sanidade. No ano de 689 a.e.c. o rei Senaqueribe invadiu a Babilônia e destruiu impiedosamente partes significativas da cidade, principalmente, seus santuários (MIEROOP, 2003, p. 3). Nesse ponto os acontecimentos ficam cinzentos, pois, os deuses babilônios também eram venerados pelos assírios e isso não os impediu de destruir as estátuas de devoção locais (MONTE, 2013, p. 47) e tomar para si a estátua de Marduk (FRAME, 2008, p. 27).

Os indícios apontam que a estátua foi levada³³ para Assíria, e, como se procedeu posteriormente, a estátua foi devolvida, renovada, durante o governo de Assurbanipal, mas, possivelmente, como veremos, havia planos para a devolução desde Essaradão. É possível, sim, que tenha sido danificada/destruída no processo.

Em outra campanha, marchei rapidamente contra a Babilônia, pois havia decidido conquistá-la. Como uma tempestade que se aproxima eu me soltei, como uma neblina eu a subjuguei. Cerquei a cidade com máquinas de cerco e rampas, e [eu a agarrei] sozinho. Saque [Danificado]³⁴. Seu povo plebeu e nobre eu não poupei. Com seus cadáveres enchi as praças da cidade. Levei vivo Shuzubu, rei da Babilônia, junto com sua família e [oficiais] para minha terra. A riqueza daquela cidade prata, ouro, pedras preciosas, bens e valores eu distribuí entre meu povo e eles tomaram. As mãos do meu povo agarraram os deuses que moravam lá e os esmagaram. Eles levaram seus bens e objetos de valor. Adad e Shala, os deuses de Ekallate, a quem Marduk-nadin-ahhe, rei de Babilônia, no reinado de Tiglath-pileser, rei da Assíria, tinha levado à Babilônia, depois de 418 anos eu tirei da Babilônia e voltei para Ekallate. Destruí a cidade e suas casas, do alicerce ao parapeito, devastei e queimei. Arranquei os tijolos e a terra das paredes internas e externas (da cidade), dos templos e do zigurate, tanto quanto havia, e os joguei no canal Arahtu. Cavei canais no meio daquela cidade, inundeí-a de água. Fiz desaparecer seus próprios fundamentos, e destruí-o mais completamente do que uma enchente devastadora. Para que nos futuros dias o local daquela cidade e seus templos não sejam reconhecidas. Eu dissolvi totalmente com água as fiz como terras inundadas (LUCKENBILL, 1924, p. 83-84. Tradução nossa).

O “*Godnapping*” era uma prática muito antiga, as primeiras menções datam do século XXI a.e.c., em meados de 2040 a.e.c., durante o reinado de Su-ilisu em Isin (Suméria). O texto propriamente dito não relata o ato de roubar a estátua, mas, enfatiza seu retorno. A volta do deus da lua Nanna de Ansan (Pérsia/actual Irã). O então rei Su-ilisu recuperou a estátua de

³³ Não é consenso acadêmico se Marduk foi, definitivamente, destruído ou levado intacto para Assíria. As evidências mais convincentes sugerem que a estátua foi danificada, provavelmente, durante o reinado de Senaqueribe.

³⁴ Quando o termo “danificado” aparecer entre colchetes, trata-se do estado fragmentado (danificado) da inscrição.

adoração e edificou um templo para servir como sua moradia (JOHNSON, 2011, p. 35). Em 1595 a.e.c. a estátua de Marduk da Babilônia foi tomada pelos hititas, sabemos desta passagem devido à inscrição do rei cassita de Babilônia Agum-kakrime II. Neste documento Agum-kakrime diz ter retornado a estátua de Marduk e sua esposa Sarpanitum para Babilônia, tudo graças à participação do deus Samas (Sol) no ritual de adivinhação. As estátuas de culto foram reformadas e levadas para Esagila (JOHNSON, 2011, p. 36). Tais práticas ocorreram durante toda a história da Mesopotâmia, entre os hititas, assírios e babilônios.

6.4. O significado da deportação divina: Marduk

A ligação que construímos com “vontades maiores” é tão remota quanto delicada, em momentos inoportunos quase sempre o ser humano abraçou, como um porto seguro, a imagem de algum ser aparentemente maior do que ele. Este sentimento transmite uma ideia protecionista, por vezes temor também, que é interessante de se imaginar. As respostas, nas sociedades antigas, em sua maioria eram dadas mediante profecias, adivinhações, oráculos, por meio do sagrado, pois, era o que enxergavam diferentemente de nós.

A dor advinda da frustração ou desolação ao ver seu deus patrono partindo para uma terra estrangeira, talvez fosse tão impactante quanto à destruição da cidade. Observamos esse cenário caótico com a destruição da Babilônia pelo rei Senaqueribe no ano de 689 a.e.c. Por meio bibliográfico, documental, textual (inscrições, tábuas com escrita cuneiformes) construir-se-á uma narrativa capaz de expressar o significado da deportação divina, quando uma estátua adorada como deus era levada para muito longe do seu lar. Considera-se na pesquisa o ponto de vista dos assírios e babilônios.

Comumente nas inscrições assírias, inscritas em acadiano, a glorificação da guerra é central, bem como, as conquistas derivadas deste fenômeno. Porém, Shana Zaia (2015) recentemente nos apresentou outras possibilidades interpretativas acerca da visão dos dominadores em *State-Sponsored Sacrilege: “Godnapping” and Omission in Neo-Assyrian Inscriptions*. O palco é montado e Senaqueribe protagoniza um episódio sutil de alguma sensibilidade, isto é, ao invés de ignorar as divindades locais como quem zomba da cosmovisão alheia, ele se vê com medo das consequências dos seus atos.

Quando conciliamos alguns atos de caráter ritualístico conseguimos visualizar um panorama complexo. Por exemplo, as previsões astronômicas³⁵ poderiam ser suficientes para

³⁵ Citação completa e tradução nossa: “Ao rei, meu senhor: seu servo Issar-âumu-Ëreâ. Boa saúde para o rei, meu senhor! Que Nabû e Marduk abençoem o rei, meu senhor! Sobre o que o rei, meu senhor, me escreveu: “Por que você nunca me disse a verdade? Quando você (na verdade) vai me contar tudo o que há nisso?” — Aâûr, Sin,

inquietar um rei de maneira tão perceptível que este buscaria o máximo de informações possíveis que pudesse aliviar sua tensão. O rei Essaradão, filho de Senaqueribe, surpreendido por um mau presságio vindo de um eclipse, coloca um substituto³⁶ no trono para receber o mau agouro no lugar do “legítimo” rei (ROAF, 2006, p. 189). Esse mesmo tipo de insegurança pode ser notado em inscrições focadas no tema da abdução dos deuses. Senaqueribe parece perturbado quando omite seu próprio nome das inscrições que relatam a deportação-abdução da estátua de adoração (ZAIA, 2015, p. 22). Como se dissesse nas entrelinhas que não foi responsável pelos atos contra os deuses, mas, seus soldados.

Ordenei arqueiros, carruagens (e) cavalos do meu contingente real para enfrentar o rei da terra do Elam... Eles marcharam para Uruk (e) levaram as divindades Shamash de Larsa, a Senhora do Templo Rēš, a Senhora de Uruk, Nanāia, Ušur-amāssa, Bēlet-balāti, Kurunam, Kaššitu, (e) Palil, os deuses que vivem em Uruk (ZAIA, 2015, p. 31. Tradução nossa).

Em alguns momentos o panorama sagrado parece nebuloso, arbitrário ou confuso. Havia um respeito inegável com relação às divindades, basta analisar seu palco de influência nas sociedades antigas, conjuntamente, isso não impedia a deflagração de violência contra as imagens sacras, o que reforça a ideia da união sensível entre o adorador e o adorado, sentimentos circunstanciais como raiva e contentamento, deuses mais influentes se comparado aos outros. Não visualizamos essa ideia como “intolerância religiosa”, é, provavelmente, uma relação diferente, muito local, íntima e familiar. Qual vantagem alguém poderia ter se provocasse a ira das representações naturais vivas, a natureza em si? Por que um agricultor perturbaria Enki? Ou uma sacerdotisa de Ishtar lhe causaria desgosto? Então sentir medo do invisível faz sentido em relação à época.

Após a morte de Senaqueribe em 681 a.e.c. – assassinado em uma conspiração (JONES, 2019, p. 88), provavelmente, elaborada pelos próprios filhos que desencadeou uma

Âamaã, Bel, Nabû, Júpiter, Vênus, Saturno, Mercúrio, Marte, Sirius, e... sejam minhas testemunhas de que eu nunca inverídico ... (...) Se Marte, retrógrado, entrar em Escorpião, não negligencie sua guarda; o rei não deve sair ao ar livre em um dia ruim. Este presságio não é da Série (éã.qar); é da tradição oral dos mestres (ãa pî ummani). Quando Marte, além disso, retrocede da Cabeça de Leão e toca Câncer e Gêmeos, sua interpretação (piãru) é esta: Fim do reinado do rei da Terra à Oeste. Isso não é da série; é não-canônico (aæi'u). Esta supracitada é a única área que é considerada ruim se Marte retroceder lá. Onde quer que possa retroceder, pode fazê-lo livremente, não há uma palavra sobre isso. E a questão do planeta Júpiter é a seguinte: se ele sair do seio de Leão, isso é sinistro. Está escrito na série da seguinte forma: Se Júpiter passar por Régulo e se adiantar a ele, e depois de Régulo, pelo qual passou e de quem se adianta, ficar com ele em seu cenário, alguém se levantará, matará o rei e tomará o trono. Esta área supracitada é a única área que é considerada ruim se Júpiter retroceder lá. Para onde quer que se volte, pode fazê-lo livremente, não há uma palavra sobre isso. (...).” Pesquisar pela obra *Divination and interpretation of signs in the ancient world*. Buscar pelo capítulo 13, *Divination and oracles at the Neo-Assyrian palace: The importance of signs in royal ideology* de Cynthia Jean, 2010, p. 269. Contextualização para previsões astronômicas.

³⁶ Para saber mais sobre a substituição de reis quando um eclipse trazia consigo um mau presságio pesquisar por *Mesopotamian Astrology* de Ulla Koch-Westenholz, 1995, p. 112.

série de levantes contra a Assíria (SIDDALL; STEPHANIE, 2021, p. 45) – Essaradão foi coroado rei por volta de 671/670 a.e.c. Durante 10 anos travou diversas guerras para controlar as rebeliões que eclodiam, um exemplo foi batalha à nordeste de Nínive contra seus irmãos mais velhos (PORTER, 1993, p. 24).

Essaradão apresenta um discurso peculiar sobre o evento que desencadeou a destruição de Babilônia, sua justificativa elabora uma narrativa em que suas ações são corretas. Os verdadeiros culpados do sofrimento vindouro são os babilônios. A mentira exacerbou o coração dos moradores, ignoraram seus deuses, viraram às costas para os ritos sagrados, profanaram o santuário dos Seres Cósmicos, dessa forma, Marduk fica irado e castiga seu próprio povo.

Naquela época, no reinado de um rei anterior, maus presságios ocorreram na Suméria e na Ácadia. As pessoas que moravam lá estavam respondendo sim para não (e) estavam mentindo. Eles levaram seus deuses para longe, negligenciaram suas deusas, abandonaram seus ritos, (e) abraçaram (ritos) bem diferentes. Eles puseram as mãos nas posses de Esagil, o palácio dos deuses, um lugar inacessível, e venderam a prata, o ouro (e) pedras preciosas pelo valor de mercado para a terra de Elam [...] O Enlil dos deuses, o deus Marduk, ficou zangado e conspirou maldosamente para nivelar a terra (e) para destruir seu povo (JOHANDI, 2016, p. 142).

O conceito de bondade ou maldade para os mesopotâmicos carregavam traços visivelmente ramificados, ou seja, não enxergavam as coisas via um único “buraco no muro”, mas, por vários desses “buracos” e a paisagem do outro lado é seu mundo. Isto significa que diferentemente da cultura judaico-cristã – que pondera sobre uma dicotomia bastante consolidada, Deus é absolutamente bom e o diabo é absolutamente mal “Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal” (GÊNESIS, p. 5, cap. 3, ver. 22). – as crenças mesopotâmicas politeístas são transformistas e plurais em direcionamentos convenientes.

Ora, Marduk como o patrono dos deuses na visão de um antigo babilônico poderia ser conveniente para proteção, poderia ficar irado e proclamar maldições ou poderia virar às costas e partir para uma terra estrangeira (como é o discurso assírio). Os deuses possuem “vontade própria” e devem ser homenageados sempre que os homens e mulheres terrenos puderem fazê-lo. Na sexta tabuinha da “Épopeia de Gilgamesh” a deusa Ishtar – da guerra e do amor – assedia Gilgamesh dizendo.

À beleza de Gilgámesh os olhos lançou a majestosa Ishtar: Vem, Gilgámesh, meu marido sejas tu! Teu fruto dá a mim, dá-me! Sejas tu o esposo, seja eu tua consorte! [...] Em nossa casa quando entres, O umbral e o requinte beijem teus pés! Ajoelhem-se sob ti reis, potentados e nobres, O melhor da montanha e do vale te seja dado em tributo (BRANDÃO, 2021, p. 79-80).

Em resposta Gilgamesh diz.

Qual esposo teu resistiu para sempre? Qual valente teu aos céus subiu? Vem, deixa-me contar teus amantes: Àquele da oferenda [estropiaste] seu braço; A Dúmuzi, o esposo de ti moça, Ano a ano chorar sem termo deste; Ao colorido rolieiro amaste, Nele bateste e lhe quebraste a asa: Agora fica na floresta a piar: asaminha!; Amaste o leão, cheio de força: Cavaste-lhe sete mais sete covas; Amaste o cavalo, leal na refrega: Chicote com esporas e açoite lhe deste, Sete léguas correr deste, Sujar a água e bebê-la deste, E a sua mãe Silfli chorar lhe deste; Amaste o pastor, o vaqueiro, o capataz, Que sempre pão feito nas brasas para ti amontoava, Todo dia te matava cabritinhas: Nele bateste e em lobo o mudaste (BRANDÃO, 2021, p. 81).

Ishtar fica irada pelo repúdio de Gilgamesh, em resposta tenta se vingar do rei. O conteúdo oculto nessas inscrições não reduzem os deuses a meros mortais. Contudo, aproximam os deuses à semelhança da natureza humana, tal como nós, são detentores de virtudes e defeitos reféns às circunstâncias.

O deus Marduk não se afasta do viés circunstancial. Para os babilônios sua intervenção assume outra roupagem. Durante o reinado de Marduk-apla-iddina II – que atuou como governante do grupo caldeu de Bit-Yakin e da Babilônia quando o avô de Essaradão ainda estava vivo, Sargão II, em 722 a.e.c. (SANTOS, 2013, p. 10) – a Assíria precisou de esforços evidentes para conseguir frear a intervenção de Marduk-apla-iddina II. Apenas no final do reinado de Senaqueribe, sua influência conheceu o enfraquecimento.

Para explicar sua aversão ao jugo assírio a seguinte inscrição faz menção a Merodaque-baladã II, expondo uma justificativa associada ao elemento sagrado.

Naquela época, o grande senhor Marduk ficou extremamente zangado com a terra de Akkad e por [7 (?) anos], o inimigo do mal, o Subarian, governou a terra de Akkad, até que os dias foram cumpridos e a hora chegou. O grande senhor Marduk foi apaziguado com a terra de Akkad com a qual ele estava zangado. Ele olhou favoravelmente para Merodaque-baladã, rei de Babilônia, o príncipe que o reverenciava... Ele falou, por sua própria boca: Este é realmente o pastor para reunir o (rebanho) disperso (COGAN, 2009, p. 166-167. Tradução nossa).³⁷

No discurso, Marduk é a peça central e o único ponto semelhante entre a narrativa sobre Marduk-apla-iddina II e Essaradão. Marduk assume o papel decisivo na conquista da Babilônia pelos assírios. A diferença é, basicamente, como os eventos se concluem, para Essaradão (assírio) o povo é culpado pela ira de Marduk logo a conquista da Babilônia é permitida pelo deus. A inscrição sobre Merodaque-Baladã diz que Marduk ficou zangado com a terra de Akkad (Babilônia), mas, foi apaziguado e voltou seu apoio ao seu povo, coroando o

³⁷ Akkad é um termo que designa a Babilônia, enquanto “Subarian” é assírio/Assíria.

então líder dos caldeus. O deus é conveniente às situações específicas de ambos os sujeitos nos discursos.

Outra versão da perspectiva “anti-assíria” reverberou muitos anos depois. Durante o período Neo-babilônico, 623 a.e.c. – 539 a.e.c., a Babilônia conheceu um momento de estabilidade, onde a maioria dos reis focaram suas políticas-religiosas em programas de reconstrução (BEUALIEU, 1989, p. 1). Um dos governantes mais famosos do então contexto foi Nabonidus (556 a.e.c. – 539 a.e.c.). Um dos registros que rememoram os inimigos “Subarian” é a “Estela de Nabonidus”. Narra um evento bastante trágico para a Babilônia, sua destruição pelo rei Senaqueribe. A inscrição apresenta Marduk como a causa para a instabilidade do reinado de Senaqueribe e seu assassinato.

Ele (Senaqueribe) planejou o mal; ele pensou em crimes [contra] o país; ele não teve misericórdia do povo [da Babilônia]. Com más intenções ele avançou sobre a Babilônia, ele transformou seus santuários em lixo; ele tornou a planta baixa irreconhecível; profanou os ritos de culto. Ele levou o senhor Marduk para longe e o trouxe para a cidade de Ashur. De acordo com a ira do deus, ele agiu (assim) contra o país. A ira do senhor Marduk não foi aplacada. Por 21 anos, ele estabeleceu sua residência na cidade Ashur. (Quando) os dias se cumpriram (e) chegou a hora, a ira do rei dos deuses, o senhor dos senhores, se acalmou e ele se lembrou de Esagil e Babilônia, sua residência senhorial. O rei de Subartu (Senaqueribe), que de acordo com a ira de Marduk, havia devastado o país, seu próprio filho o derrubou (COGAN, 2009, p. 167-168. Tradução nossa).

A maior parte das inscrições abordadas são indícios de um conflito de narrativas para justificar a legitimidade do governante que assumiu o trono, bem como, a significância do seu poder. Havia diferenças subjetivas entre esses povos e a maior evidência para tal ponderação é a insatisfação babilônica (dominada) ao longo do contexto Neo-assírio, 934 a.e.c. – 623 a.e.c., que não se rendeu ao domínio “estrangeiro”.

Ambas as sociedades acreditavam em diversos deuses e deusas, desenvolviam sensibilidades mais refinadas para determinados deuses ao invés de outrem e consolidaram um sistema governamental semelhante. O que os separa pode ser um sentimento de pertencimento, em outras palavras, o lar e sua divindade mais amada. Aprendemos acima que o templo se confundia com a cidade, o templo era a morada dos deuses. O Esagila era lar de Marduk, bem como, o Etemenanki, então por que este deus não poderia ser confundido com a cidade? Um sentimento enraizado na própria Babilônia.

A imagem venerada (Marduk) poderia funcionar, no passado, como um impulso para alimentar o sentimento em questão. O vínculo Marduk-Templo-Babilônia pode ser um indicativo desta ideia, afinal, por que Essaradão teria valorizado tanto a reconstrução desses

símbolos durante o seu reinado? Ocultando³⁸ o nome de seu pai das inscrições reais, com excesso, como enfoca Barbara Nevling Porter (1993) em *Images, Power, Politics: Figurative Aspects of Esarhaddon's Babylonian Policy* destacando os diversos planos políticos de restauração da Babilônia pós-Senaqueribe.

O “caos” é um dos conceitos mais explorados pelos antigos babilônios (mesopotâmicos). Sendo assim, uma vez que algo não estivesse em seu devido lugar, a chance para o infortúnio era alta. Frear os ânimos dos deuses pode ter sido uma prática quase corriqueira. Não é surpreendente existirem documentos, tabuinhas, esculturas ou cilindros descrevendo parte da natureza desse prisma cultural conceitual. Alguns indicativos são dois inscritos de caráter literários chamados pelos nomes “A profecia de Marduk” e o “Épico de Erra”.

“A profecia de Marduk”³⁹ é uma produção literária babilônica, porém, as tábuas sobreviventes, onde contém o registro, são neo-assírias. Seu conteúdo glorifica Nabucodonosor I (1125 a.e.c. – 1104 a.e.c.) em detrimento do Elam (terra estrangeira). Resumidamente, o texto exalta as viagens de Marduk aos seguintes lugares, Hatti (capital hitita), Assur (capital assíria) e Elam (território elamita). Além disso, existem sugestões quanto às visitas – apesar de não haver referências de indivíduos históricos no próprio inscrito – estarem associadas a eventos genuínos quando Marduk foi retirado da Babilônia e levado para outras terras longínquas (SUGIE, 2014, p. 107). O autor (anônimo) estabelece Marduk como o narrador de sua própria jornada, algo próximo a uma autobiografia.

Parte do registro retrata as consequências do afastamento entre o deus e sua base territorial. O cenário caótico ecoa por quase todo o texto e nos intriga quando investigamos, questionamos e ponderamos sobre o trauma perfurador no seio da sociedade babilônica. Marduk descreve não só a partida dos deuses como também narra a negligência com os templos, proliferação de doenças, pragas e todas as dificuldades expelidas pelo caos.

Eu sou Marduk, grande senhor, senhor dos destinos e das decisões eu sou. Quem tomou a estrada/caminho? Fui ao local. Eu voltei. Fui eu quem ordenou que eu fosse para a terra de Elam. Eu realmente ordenei a partida de todos os deuses. Fui eu que cortei as ofertas de alimentos dos templos. Eu fiz os deuses Šakkan e Nisaba subirem para o céu. O deus Siris fez com que o interior da terra ficasse doente. Os cadáveres das pessoas bloqueavam os portões. Irmão consumiu irmão, amigo abateu amigo com armas, cidadãos livres estenderam as mãos para plebeus (para implorar). O cetro ficou curto,

³⁸ Uma forma de agradar os babilônios removendo da história o nome do rei que destruiu a Babilônia. Essaradão visava uma aproximação estável com seus vizinhos babilônicos.

³⁹ “Embora seja designada como “profecia”, não apresenta qualquer indicação de ser produto de atividades proféticas ou oraculares. O título “Profecia de Marduk”, portanto, parece enganoso. No entanto, essa nomenclatura convencional é mantida aqui por falta de uma melhor” (SUGIE, 2014, p. 107. Tradução nossa).

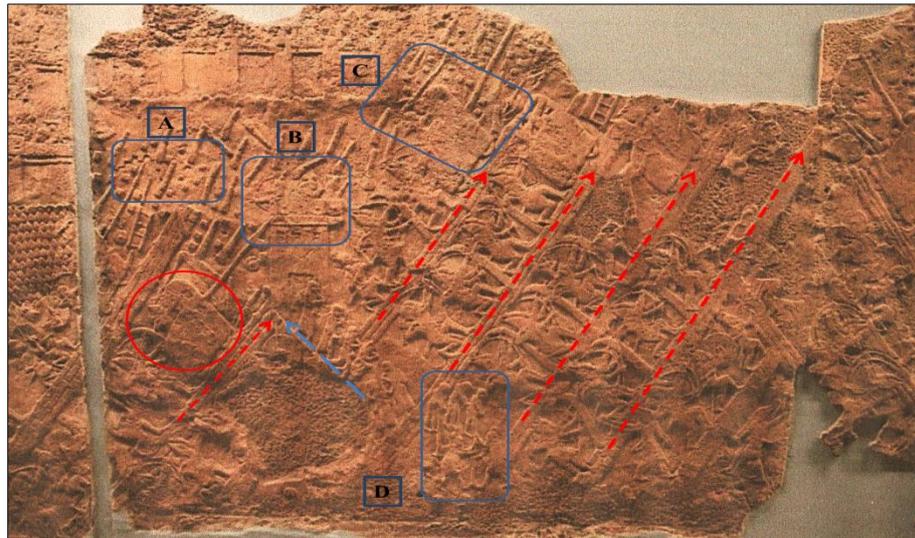
os erros causaram dificuldades na terra,... os reis diminuíram a terra. Leões cortam caminhos. Os cães eram raivosos e mordiam pessoas; aqueles que foram mordidos não viveram, mas morreram. Preenchi meus dias; Enchi meus anos. Eu desejava ir para minha cidade Babilônia e Ekur-Sagila. Falei com todos... Falei: Entregue seu tributo, terras, para a Babilônia? [Vá relatar para o único lugar?] (JOHNSON, 2011, p. 380. Tradução nossa).

Há descrições interessantes para análise, contudo, apenas duas delas são as mais intrigantes. O (A) deus/deusa (?) Siris, assim como, Ningišzida e Nin-kasi estão associados à cerveja, aos campos, a vegetação e ao crescimento e decadência (BRISCH, 2011)⁴⁰. A frase “o interior da terra ficasse doente” abre margem para interpretação. A agricultura foi, certamente, um pilar essencial para o desenvolvimento dos povos mesopotâmicos, ademais, a sua dieta era diversificada e dependendo da gama de fontes alimentares que poderiam recorrer, seriam úteis para sua sobrevivência. Para aqueles que dispunham de muitos recursos alimentares, através do cultivo, as frutas foram essenciais em sua dieta (vitamina C). A tâmara, o figo e o trigo possuíam um valor calórico semelhante, isto é, tâmara seca, figo seco e pão eram irrecusáveis, principalmente, quando os recursos não eram abundantes (ELLISON, 1978, p. 204). Pois, a incapacidade produtiva referente aos alimentos poderia agravar o estado de fome, gradualmente, o desespero e a morte.

“Os cadáveres das pessoas bloqueavam os portões”, o fragmento em questão sugere um possível cenário: talvez a alusão ao belicismo, o assassinio de inúmeras pessoas retratadas nas inscrições de maneira alegórica. Corpos acumulados sem ritos funerários até então, desesperador. Em alguns relevos em pedra podemos observar a presença de certos elementos peculiares, por exemplo, pessoas supostamente comuns. Prisioneiros de guerra, deportação de pessoas em massa e sacrifícios são geralmente representados na documentação imagética, como na figura 21.

⁴⁰ Pesquisar nas referências por *Ancient Mesopotamian Gods and Goddesses - Ancient Mesopotamian Gods and Goddesses* (upenn.edu). Site financiado pela UK Higher Education Academy.

Figura 19. O cerco de Laquish (704 a.C. – 681 a.C.)



Fonte: (AMIN, 2017, p. 10. Adaptação nossa).

Na seta azul-tracejada observamos prisioneiros ou fugitivos, é provável que sejam civis em fuga (aterrorizados) ou indivíduos exercendo alguma função, específica, para os exércitos. Guerreiros são comumente lembrados nas fontes. No retângulo (D) pessoas são empaladas. Os demais símbolos geométricos adaptados por nós, destacam soldados. Nosso ponto é o seguinte, não seria absurdo supor uma chacina desenfreada contra todos os tipos de pessoas.

A presença de mortos nas descrições, se mal tratados, poderia causar a proliferação de doenças. A peste, geralmente, no imaginário mesopotâmico era causada por deuses irados ou por criaturas malévolas. Estes seres negativos eram retratados como ventos malignos, algo que não pode ser visto, mas, está lá (NIAZI, 2014, p. 2).

O tratamento dessas doenças era baseado numa concepção ritualística, quer dizer, o deus irado precisaria ser apaziguado, o ser maligno afastado, previsões eram feitas para conseguir contornar certas situações. Normalmente utilizavam amuletos, encantamentos e adivinhações ou, empiricamente, através do uso de drogas para afastar males (CILLIERS; RETIEF, 2007, p. 5). O caos é um espelho, a ira do deus e o infortúnio da cidade (vice-versa). No final desta parcela do texto observamos parentes contra parentes, ricos pedindo ajuda aos pobres e a situação na totalidade era perturbadora.

O “Épico de Erra” – também chamado de “Canção de Erra”, “Erra e Ishum” ou “Mito de Erra” – é considerado uma espécie de *best-seller* da Mesopotâmia pela quantidade de registros, tal qual a Epopeia de Gilgamesh, que sobreviveram às adversidades do tempo (TAYLOR, 2017, p. 1). A tabuinha principal, pertencente à Assur (cidade), detém um formato

de amuleto (para proteção), além disso, as demais tabuinhas vieram, respectivamente, de Assur/Ashur e Babilônia (DALLEY, 2000, p. 282). No geral o poema é composto por cinco tábuas, I, II, III, IV e V. O tablete I, IV e V se encontram em estado de conservação utilíssimo, no entanto, a II e III são pedaços descontínuos, ou seja, existem lacunas (BISPO, 2010, p. 297). Mesmo havendo algumas danificações, não significa que as tabuinhas II e III são inúteis.

A “Canção de Erra” talvez seja um dos exemplos mais contundentes sobre como um comportamento impensável, diríamos insensato, pode resultar em um efeito cascata terrível. O enredo se inicia, na tábua I, com Erra planejando a desgraça de Marduk, isto é, fazê-lo sair de sua morada e destruir seu povo. Logo após, Erra discursa para o rei dos deuses, tentando convencê-lo em reparar sua estátua divina, os acessórios, adereços, a coroa, etc. Marduk então o alerta sobre as consequências em deixar o seu trono.

Eu farei o príncipe Manduk irado, e eu o chamarei de sua habitação, e eu subjuguarei (seu) povo. “Guerreiro Erra voltou seu rosto para Shuanna, cidade do rei dos deuses. Ele entrou em Esagila, palácio do céu e da terra, e ficou na frente dele (Marduk). Ele fez sua voz ser ouvida e falou (para) o rei dos deuses”. Por que a elegância, o adereço de vossa senhoria que é cheio de esplendor como as estrelas do céu, se suja? A coroa de vossa senhoria que fez E-halanki brilhar como E-temen-anki – sua superfície está manchada! O rei dos deuses fez sua voz ser ouvida e falou. Dirigiu as suas palavras a Erra, guerreiro dos deuses, Guerreiro Erra, sobre aquele feito que dissestes que faria: Há muito tempo atrás, quando eu estava zangado e me levantei da minha morada e providenciei o Dilúvio. Levantei-me da minha morada, e o controle do céu e da terra foi desfeito. Os próprios céus eu fiz tremer, as posições das estrelas do céu mudaram, e eu não as devolvi aos seus lugares. Até Erkalla tremeu; o sulco rendimento diminuiu, e para sempre (?) foi difícil extrair (um rendimento). Mesmo o controle do céu e da terra foi desfeito, as fontes diminuíram, a água do dilúvio retrocedeu. Voltei, olhei e olhei; foi muito doloroso. A descendência (restante) das coisas vivas era minúscula, e eu não as devolvi ao seu estado (anterior) [...] O dia claro se transformará em escuridão. Uma tempestade se levantará e cobrirá as estrelas do céu. Um vento maligno soprará, e a visão de pessoas e coisas vivas [será obscurecida (?)]. “Os demônios - Gallu virão e agarrarão [Lacuna]. Aqueles que estão despídos [Lacuna] aquele que se opõe a eles. Os Anunnaki virão e pisarão em coisas vivas. Até eu me cingir com armas, quem pode fazê-los voltar? (DALLEY, 2000, p. 290-292. Tradução nossa. Adaptação nossa).

A ruína, conforme o trecho descrito, é a consequência da ausência divina em relação ao seu lar. A ira, o descuidado, a imprudência são aspectos que caminham unidas ao desastre, o templo é destruído, a cidade também, algo perturbou o ambiente em si semelhante a um castelo de cartas, ora, se as cartas importantes forem removidas o castelo cairá. As águas inundariam a terra, as estrelas mudariam de lugar, a fartura seria reduzida a nada, e logo criaturas malignas surgiriam para causar a desordem. Até os próprios deuses estariam em

desarmonia. Depois da fala do rei, Erra garante que tudo ficará bem “até que você entre novamente naquela casa, e Gerra limpa tuas vestes, e tu voltes ao teu lugar” (DALLEY, 2000, p. 292). Ele se “compromete” em governar o céu e a terra com firmeza; dará ordem aos deuses no céu, os Igigi; Desceria até o Apsu para comandar os Annunaki, combateria os demônios gallu.

Na tábua II, Erra atrapalha os artesãos que tentavam enfeitar os adornos de Marduk, ele dizia “você não pode chegar perto do trabalho! [Lacuna] Vou cortar sua vida, vou esticar...” (Ibidem, p. 294). Além disso, Erra também proclama uma série de intenções terríveis contra o mundo, contra os deuses, contra os habitantes das cidades vassalas de Babilônia. Haveria destruição, fome, dor e os estrangeiros profanariam os santuários.

Prometo que destruirei os raios do Sol. Eu cobrirei a face da Lua no meio da noite. Eu direi a Adad: "Retenha (suas) fontes, Afaste as nuvens e corte a neve e a chuva." Para Marduk (?) e para Ea eu vou trazer um lembrete: Aquele que cresce em tempos de fartura será sepultado em tempos de privação. Quem viaja por um caminho com água retornará por um caminho de tempestades de poeira. Eu direi ao rei dos deuses: "Fique em Esagila!" As pessoas de cabelos negros o insultarão e você não aceitará suas orações. Vou acabar com a terra e considerá-la como ruínas. Devastarei as cidades e farei delas um deserto. Destruirei montanhas e derrubarei seu gado. Vou agitar oceanos e destruir seus produtos. Vou cavar juncos e sepultar e queimá-los como Gerra. Abatarei pessoas e [não deixarei vida], não reterei uma única [Lacuna] Não deixarei de fora nenhum gado de Shakkan nem qualquer animal selvagem [qualquer]. De cidade em cidade tomarei aquele que governa. Um filho não perguntará pela saúde de seu pai, nem o pai de seu filho. Uma mãe planejará com prazer o mal para sua filha. Vou deixar um [bárbaro] entrar no santuário de um deus onde os homens maus não devem ir (DALLEY, 2000, p. 297. Tradução nossa).⁴¹

Em sequência, na tábua IV, é possível notar as promessas de Erra realizadas quando ele destrói a Babilônia. Erra modifica a natureza das coisas, causando perturbação no recinto conhecido, como se um vínculo estivesse rompido devido às suas ações. Ele entra em Babilônia e incita seus habitantes à rebelião. Logo toda a cidade é lançada ao caos. O gordo é mais rápido que o velocista, o fraco supera o mestre da força, os que eram pacíficos agora guerreiam, santuários são maculados e saqueados.

Ó guerreiro Erra, você não temeu o nome do príncipe Marduk? Você desatou o vínculo de Dimkurkurra, cidade do rei dos deuses, o vínculo das terras! Você mudou sua natureza divina e se tornou como um humano! Você vestiu suas armas e entrou, No coração da Babilônia, e falou como um fanfarrão (?), que você iria tomar a cidade. Os filhos de Babilônia, que não têm

⁴¹ No 1º capítulo alertamos ao leitor acerca dos conceitos diferenciadores como o termo “bárbaro”. Nesta tradução a autora britânica Stephanie Dalley (2000) opta pelo termo “barbarian”, talvez, a designação mais interessante seria “estrangeiro”. De qualquer forma a adversidade com relação ao outro, invasor, por exemplo, também pode ser observado no Oriente Médio Antigo.

ninguém para tomar conta deles, como juncos em uma moita de juncos, todos se reuniram ao seu redor. Aquele que ignora as armas está desembainhando seu punhal, Aquele que ignora os arcos está armando seu arco, Aquele que ignora a batalha está fazendo guerra, Aquele que ignora as asas está voando como um pássaro. O fraco cobre o mestre da força; O gordo está ultrapassando o velocista. Ao governador encarregado de seus santuários eles proferem grandes blasfêmias. Suas mãos represaram o portão da cidade de Babilônia, a artéria de sua riqueza. Eles lançaram tições nos santuários da Babilônia como saqueadores do país. Você é aquele que marcha à frente, e você assume a liderança por eles. Você pressiona flechas sobre Imgur-Ellil até que ele diga "Ai de mim!" Você fundou uma morada para Muhra, guardião do portão da cidade, no sangue de homens e mulheres jovens. Você é o engodo para os habitantes da Babilônia, e eles são o pássaro; Você os prendeu em sua rede e os capturou e os destruiu, guerreiro Erra. Você deixou a cidade e foi para outro lugar; Você colocou o rosto de um leão e entrou no palácio. O exército viu você e vestiu suas armas. O governador, que tratou bem a Babilônia, enfureceu-se, Mandou suas tropas saquearem como saqueadores inimigos, Incitou o líder do exército ao crime: "Você é o homem que enviarei para aquela cidade! Você não respeitará nem deus nem homem (DALLEY, 2000, p. 302-303. Tradução nossa).

Pessoas velhas e jovens são assassinadas. Bebês não são poupados. As riquezas de Babilônia são roubadas. Marduk, observando a devastação é preenchido pela tristeza e raiva, neste ínterim, sua boca lança maldições. Uma de suas palavras foi não entrar no seu próprio templo Esagila. Neste trecho da tábua IV o rei dos deuses transparece decepção. Todas as frases precedidas pelo termo “ai” é uma expressão da insatisfação diante dos acontecimentos dentro da sua cidade.

Coloque jovens e velhos à morte. Não deixarás nenhuma criança, mesmo que ainda chupe leite. Você deve saquear a riqueza acumulada da Babilônia. "As tropas reais foram colocadas em unidades e entraram na cidade [...] O grande senhor Marduk viu e gritou "Ai!" e agarrado ao seu coração. Uma maldição irredimível está colocada em sua boca. Ele jurou não beber as águas do rio. Ele evita seu sangue e não entrará em Esagila “Ai da Babilônia, que eu fiz tão alta quanto uma copa da palmeira, mas o vento a murchoou. Ai da Babilônia, que enchi de sementes como uma pinha, mas cuja abundância não frutifiquei. Ai da Babilônia, que plantei como um luxuriante pomar, mas nunca provei seus frutos. Ai da Babilônia, que lancei no pescoço de Anu como um selo cilíndrico de pedra elmešu. Ai da Babilônia, que tomei em minhas mãos como a Tábua dos Destinos e não entregarei a mais ninguém". Então o príncipe Marduk falou assim, [Lacuna] que desde tempos imemoriais [Lacuna] Doravante aquele que cruzar do cais deve atravessar a pé. Doravante a corda que desceria ao poço não salvaria a vida de um único homem (DALLEY, 2000, p. 304. Tradução nossa).

A guerra civil se instaura em Babilônia, e Marduk, aparentemente, entrega sua cidade à própria sorte. Aliás, um dos aspectos mais genéricos nos inscritos mesopotâmicos, a autoglorificação, não assume um papel importante neste épico. Em diversos inscritos, sejam hinos (Assurbanipal), épicos (Enuma Elish/Epopeia de Gilgamesh), esse tema é bastante

explorado, a glória. Contudo, como afirma Andrew George (2013) em *The Poem of Erra and Ishum: A Babylonian Poet's View of War*.

A ausência de glória deixa claro que o poema é um repúdio contundente à guerra. É legítimo ir mais longe e afirmar que neste poema Erra é uma personificação divina da guerra em geral, e que a principal afirmação do poema é o horror incomparável e a força irresistível da guerra (GEORGE, 2013, p. 48. Tradução nossa).

A guerra é um horror em qualquer contexto da história humana, todas as desgraças advindas através dela não deveria ser tão diferente aos olhos de um babilônico, tal como é para nós. O medo de perder tudo, seus bens materiais, seus recursos mais básicos, como a terra e suas rações, e, mais importante, suas vidas e a vida dos seus familiares. Embora sejam argumentos impactantes, talvez, o maior de todos os problemas seja a deturpação da ordem social, e os diversos impasses que tal evento proporcionava à realeza babilônica, ou qualquer que fosse o grupo no poder.

Ademais, insurgências eram muito comuns nessa época. De qualquer jeito, saber que seu deus padroeiro não se encontraria na cidade (estátua adorada), provavelmente, era melhor se comparado com a incerteza do seu retorno. Sendo a estátua de Marduk uma parte do todo deste deus ou sua plenitude em forma de imagem, o impacto da sua ausência pode ter sido muito angustiante, isto é, a sensação de não haver escudos para proteger seu lar.

Portanto, como se deu e qual o significado do retorno da estátua de culto (Marduk)?

6.5. O retorno de Marduk a Babilônia

O centro da inquietude, das relações incômodas entre Babilônia e Assíria pode ser analisado em menor escala, visualizado por meio de um ângulo específico, a materialização “Marduk” entre os homens. É possível que o golpe desferido contra a realeza babilônica ou contra seu povo tenha sido drástica o suficiente para gerar uma crise interna. Talvez, até mesmo criando uma ferida vestida de vergonha pelo “abandono da divindade”. A situação delicadíssima em que se encontravam os assírios diante dos vizinhos babilônicos poderia ser alterada?

Em 676 a 673 a.e.c. o governo de Essaradão, filho mais novo de Senaqueribe, estava alcançando seu período intermediário. Seus planos visavam a restauração dos monumentos que considerava os mais importantes para causar uma boa impressão entre as famílias poderosas da época, assírios e babilônicos. As tentativas de apaziguamento foram constantes, Essaradão realmente parecia buscar um envolvimento menos problemático com seus vassalos “estrangeiros”, além, do seu próprio lar.

Os epítetos continuam o entrelaçamento de elementos assírios e babilônicos, primeiro referindo-se a Essaradão como "precioso, amado de Esarra", o templo de Assur na Assíria, e logo em seguida chamando-o de "ele das mãos puras, sacerdote isipu, que limpou as estátuas dos grandes deuses (da Babilônia)". Na mesma linha, os epítetos o caracterizam primeiro como "construtor do templo de Assur" e depois, na mesma passagem, como "o criador de Esagila e Babilônia que devolveu os deuses despojados das terras aos seus lugares [...] "o estabelecedor das liberdades de Nippur, Babilônia, Borsipa e Sippar" (PORTER, 1993, p. 122. Tradução nossa).

A cegueira, a desinformação ou insciência das complicações óbvias que pairavam sobre seus estados subalternos, muito provavelmente não passavam despercebidas pelos olhos e ouvidos do rei e seus conselheiros. A Babilônia até então representava em algum grau um sentimento anti-assírio. Os esforços observados nas inscrições transmitem a mensagem. A preocupação, contínua, com a restauração das imagens de veneração durante todo o reinado de Essaradão assumiu a forma de "promessas", mas, isto não é tão claro. Tais preocupações migraram futuramente para a liderança de Assurbanipal, filho de Essaradão.

A passagem que descreve a construção real das estátuas revela um novo aspecto do projeto: "(Os deuses) Bel, Beltiya, Belet Babili, Ea (e) Madanu, grandes deuses, nasceram verdadeiramente no meio de Esarra, a casa de seu pai, e (sua) forma era graciosa". [...] O ponto significativo é que Esarra, o templo de Ashur, é aqui caracterizado como a "casa de seu pai", e a reconstrução das estátuas é representada como uma espécie de nascimento, um uso tradicional nas descrições das estátuas (PORTER, 1993, p. 124. Tradução nossa).

Após a reconstrução da estátua, o próximo passo de Essaradão seria devolvê-la para a Babilônia, onde finalmente receberia todas as honrarias necessárias para, na teoria, estabelecer o "golpe de mestre" alcançando então a desejada estabilidade com seus vizinhos. Mas, havia uma insatisfação assíria, ao que tudo indica. As honrarias direcionadas à Babilônia descontentaram alguns grupos seletos aparentemente.

A proposta de Esarhaddon de reparar a estátua capturada de Marduk - Uma figura um tanto controversa na Assíria, como veremos - e devolvê-la com todas as honras à Babilônia foi anunciada por volta dessa época, e também pode ter contribuído para ressentimentos contra o rei em alguns círculos (Ibidem, p. 135. Tradução nossa).

Assurbanipal, muito possivelmente, foi o responsável pela devolução da estátua sagrada de Marduk, anos depois. Na procissão para entregar a estátua ao seu lar, Essaradão foi forçado a retornar, pois, houve um problema (desconhecemos sua natureza) no caminho até Babilônia (Ibidem, p. 147). A inscrição insinua uma tentativa de devolução da estátua, em um percurso. A inscrição, diga-se de passagem, está danificada no final.

Do meio de Ehursaggalkurkurra, eles agora tomaram a estrada para Suanna, uma maneira festiva, assim como Samas (o sol) sai brilhando para a terra. De Baltil até o cais da Babilônia, pilhas de mato foram acesas a cada 1/3 de milha dupla; cada milha eles abatiam um boi gordo, e eu, Esarhaddon, peguei a mão de sua grande divindade e [caminhava?...] diante dele. No meio da Babilônia, a cidade de sua honra, alegremente os fiz entrar. Nos bosques de árvores frutíferas, pomares, canais e jardins de Ekarzagina, um lugar puro, através do conhecimento dos especialistas, (através dos rituais de) Lavagem da Boca, Abertura da boca, lavagem e purificação perante as estre [las dos céus] - (perante) os deuses [Ea], Samas, Asariluhi, Mah, Kusu, Ninahaku[ddu, Ninkurra, Ninagal, Guskin-banda, Niniginagargid, Ninzadim], eles entraram... (Ibidem, p. 145).

A inscrição implica uma quantidade superinteressante de momentos que podem caracterizar uma extensa purificação. A perspectiva, no entanto, é assíria. Mesmo assim é útil para a pesquisa, pois, a cosmovisão assíria não se distinguia demasiadamente se comparada à babilônica. Sobre a devolução da estátua de Marduk, nossa hipótese se desenvolve na seguinte colocação: os assírios foram responsáveis, pelo visto, por um dos eventos, ao que parece, mais traumáticos da história babilônica, então o processo ou o retorno de Marduk pode ter sido realizado com certos ritos purificadores, porém, apenas no reinado de Assurbanipal.

A purificação é uma das características mais comuns no mundo mesopotâmico. Nossos exemplos vão dos rituais, já citados, da criação das estátuas até a construção dos templos. São aspectos semelhantes entre os dois fenômenos, isto é, estão interligadas, pois, o conceito de sujeira não é apenas literal, mas, em algum ponto invisível. Um templo, aparentemente, não pode ser habitado por algo ou alguma coisa suja. Ambas são estruturas complexas, com significação mor, na verdade, nenhum simbolismo é pífio.

O que vale para as estátuas dos deuses vale também para os templos como suas moradas: da mesma forma que uma estátua não é apenas uma mera imagem, mas é na verdade a divindade após seu ritual de purificação, um templo não é apenas uma mera estrutura de alvenaria onde a estátua é armazenada, mas na verdade é idêntica à morada original, primitiva e transcendente, às vezes “celestial” da divindade após sua inauguração. Assim, o santuário Eabzu é a contrapartida da habitação de Enki no oceano subterrâneo. O templo Ebabbar, um edifício feito pelo homem que existe duas vezes na terra nas cidades de Sippar e Larsa, é a contrapartida da morada celestial do deus-sol Áamaã, e o santuário Esagila na Babilônia é a representação e sucessor do templo construído lá originalmente pelos deuses para Marduk (HEIDELBERG, 2010, p. 141. Tradução nossa).

A purificação é recorrente em quase toda extensão documental existente sobre os povos da Mesopotâmia. Preocupar-se com o conceito de “limpeza” na antiguidade oriental desembocava, extensivamente, em algo sobrenatural. Então havia purificação quando sinais sinistros surgiam nos sonhos, nos céus, em desastres. A precaução talvez seja um sintoma desta realidade tão viva para os longínquos. Antes da construção do templo (ao decorrer),

antes da finalização de uma imagem (ao decorrer), antes dos ritos festivos, a preferência pelos rituais limpos e purificadores foi constante. O processo de construção templário (templo) passava por essa etapa.

Para (o deus) Ningirsu, meu senhor, eu cavei [em um...] lugar [...] côvados de profundidade. Eu fiz a terra (retirada do poço) brilhar como pedras preciosas (e) eu a purifiquei (a sujeira) com fogo como metal precioso. Como um monte (de cevada), empilhei-o (para armazenamento) em um lugar amplo. (Então) Eu preenchi esta terra novamente e completei o preenchimento da fundação (-plataforma). Em cima dele, eu construí um soco de dez côvados de altura (e) eu construí sobre este soco, (o templo) Eninnu-(sendo-um)-reluzente-Anzÿ-pássaro, trinta côvados de altura (HEIDELBERG, 2010, p. 146).

A inscrição é curta, data do século XXI a.e.c., e pertence à cidade de Ur-Baba na Suméria. Características rituais semelhantes da construção deste templo sobreviveram até o período de Nabonidus (século VI a.e.c.), a “Babilônia Tardia”. O motivo para trazermos algumas dessas inscrições à tona é evidente, elas se somam na consolidação da narrativa da devolução da estátua de Marduk em nossa perspectiva. Porém, cabe ressaltar outro fator essencial, algo próximo a “diferenciação” entre os povos registrados em inscrições. Mesmo compartilhando múltiplos traços culturais em comum, não pareciam tão solícitos às diferenças culturais e sociais. Em nossa perspectiva havia, de certa forma, agregação e exclusão. Os sumérios, por exemplo, viam alguns modos “estrangeiros” um tanto incômodos. Na sua cosmovisão, uma deusa suméria pensa em se casar com Martu, um deus amorita dos amorreus (semitas).

Agora ouça, suas mãos são destrutivas e suas feições são de macacos; (Um amorreu) é aquele que come o que (o deus-lua) Nanna proíbe e não mostra reverência. Eles nunca param de vagar..., eles são uma abominação para as moradas dos deuses. Suas idéias são confusas; eles causam apenas perturbação. (O amorreu) está vestido de couro de saco..., vive em uma tenda, exposto ao vento e à chuva, e não pode recitar corretamente as orações. Ele mora nas montanhas e ignora os lugares dos deuses, desenterra trufas no sopé, não sabe dobrar o joelho (em oração) e come carne crua. Ele não tem casa durante sua vida e, quando morrer, não será levado para um local de sepultamento. Minha namorada, por que você se casou com Martu? (BECKMAN, 2013, p. 204).

Podemos observar duas percepções, a tentativa de aproximação pelo casamento e uma resistência evidente contra seus vizinhos. O que observamos é, provavelmente, uma representação da socialização humana, diferenças de comportamento, ao mesmo tempo, em que superam distâncias, existe um “estranhamento” que “expelem” as pessoas uma das outras. Ainda assim, estabelecer um “conceito fixo” de identidade e diferença é complexo neste contexto, paradoxalmente, há a constatação de uma percepção, minimamente, limítrofe do

“eu” e o “outro”, mesmo no mundo antigo. Diversas centúrias depois, em meados do século XIV a.e.c., o rei hitita Šuppiluliuma I avisa um aliado sobre as diferenças entre sua cidade (povo) e a cidade (povo) do então vassalo.

Além disso, esta irmã que eu, minha majestade, dei a você como sua esposa tem muitas irmãs de sua própria família, bem como de sua família extensa. eles (agora) pertencem à sua família estendida porque você levou a irmã deles. mas para hattī é um costume importante que um irmão não leve sua irmã ou prima (sexualmente). não é permitido. em hattī quem comete tal ato não permanece vivo, mas é morto aqui. porque sua terra é bárbara, está em conflito (com essas normas). lá um leva regularmente sua irmã e primas. mas em hattī não é permitido (BECKMAN, 2013, p. 204).⁴²

No século IX a.e.c. o rei Assurnasirpal II (neo-assírio) afirma em seus anais que as pessoas de Zipermena, localizada na região oriental de Zamua, “gorjeia como mulheres” (BECKMAN, 2013, p. 204). Então a caracterização “pejorativa” sobre o “outro” não é um aspecto particular de uma cultura determinada, isto é, o estrangeiro antes de ser visto através da sua natureza é observado e julgado pelo seu comportamento. É sempre interessante que mesmo com as resistências nitidamente observáveis, nas entrelinhas existe também uma tentativa de aproximação.

O processo de “limpeza” assírio poderia ser um indicativo da intenção de consertar os erros cometidos por Senaqueribe, anterior à Essaradão e Assurbanipal, como se quisessem fazer uma retribuição, reconstrução e um convite à pacificação levando Marduk mais uma vez até a Babilônia. Por outro lado, seria uma garantia de ordem territorial estratégica.

Apenas quando Assurbanipal se tornou rei da Assíria que constatamos descrições do evento da devolução da estátua de Marduk. Foi um período de ânimos variados entre os dois irmãos, Assurbanipal e Šamaš-šumu-ukīn, filhos de Essaradão. A seguir um amplo quadro de discursos se estabelece pela legitimação como rei e provedor das boas novas que repercutiram em Babilônia. Embarcaram em uma “nau” na cidade de Assur, os dois irmãos, e adentraram o recinto babilônico no mês de Ayyāru no ano 668 a.e.c (ITO, Apud GRAYSON 1975, p. 131). Assurbanipal se empenhou bastante nas inscrições em diferenciar-se (em termos de feitos) do seu irmão, nesta ocasião, em superioridade, ele é o rei que promoveu o retorno de Marduk e a coroação de Šamaš-šumu-ukīn como o rei da Babilônia (ITO, 2015, p. 162). Assurbanipal também justifica o motivo da devolução da imagem divina “durante meu reinado, o [grande] senhor, o deus Marduk, que durante o reinado de um rei anterior residiu em Baltil (nome cerimonial de Assur) na presença do pai que o criou, entrou na Babilônia em meio à alegria” (Ibidem, p. 162). Se o seu plano era a dissolução das inquietações “sussurrantes” entre os

⁴² Gary Beckman (2013) também opta pela palavra “barbarian”.

grupos reais (poder) babilônicos, o apaziguamento social e o controle do ímpeto insurreto a devolução da estátua foi uma ferramenta importante. O conteúdo da inscrição também pode ser a construção de uma narrativa favorável para o Assurbanipal, nos anais reais.

Šamaš-šumu-ukīn nos apresenta também duas inscrições distintas, uma (I), presumivelmente, muito anterior à insurgência contra seu irmão e outra (II) próxima deste evento. A primeira (I) possui conteúdo moderado, significando estabilidade político-sagrada, “aquele durante [cujo] reinado o Enlil dos deuses, o deus Marduk, teve piedade, entrou na Babilônia em meio à alegria e fixou residência em Esagila para todo o sempre” (Ibidem, p. 163). A segunda (II) afirma “O rei dos deuses, o deus Asari, veio feliz comigo de Baltil até 'a Sede da Vida.' O grande senhor (e) herói, o deus Marduk, alegremente assumiu sua residência sagrada em Esagila, o palácio do céu e do submundo” (ITO, Apud Shibata, 2014, p. 87). São estes os dados referentes às tentativas planejadas de contato e pacificação social entre assírios e babilônicos.

As evidências mais contundentes afirmam que a estátua foi devolvida durante o reinado de Assurbanipal (como analisamos) ou, pelo menos, o projeto desta ação política-religiosa já havia sido iniciada pelo rei anterior Essaradão. Podemos dizer que foram necessários dois governos para que o plano fosse consumado. Como a realeza babilônica encarou a empreitada assíria é mais nebuloso, contudo, como apresentamos com a “Estela de Nabonidus”⁴³ perdurou uma Assíria inimiga na memória. Então para os babilônicos os ritos assírios poderiam não importar⁴⁴ tanto, principalmente, se o deus foi reconstruído longe da Babilônia.

A *devolução da estátua de Marduk* foi um indicativo da tensão primária existente entre dominador e dominado. As relações assírias com a Babilônia durante o reinado de Essaradão foram, por um tempo, pacíficas, sugerindo competência governamental até a eclosão das revoltas pós-Assurbanipal. A Babilônia parece não ter aceitado a derrota ou ser subalterna de outro alguém, principalmente, estrangeira, não radicalmente (Senaqueribe). Na época de Nabonidus (rei babilônico) no século VI a.e.c. a Assíria já havia se desagregado em termos de força e consistência. A guerra é a violência, a violência fez o sofrimento um elemento guardado cuidadosamente na memória, nesse caso, literária.

Pensando o quanto a deportação da estátua de Marduk repercutiu, quase como um evento cosmogônico, nos reinados de Senaqueribe, Essaradão e Assurbanipal, decidimos levar os produtos gerados desta inter-relação assírio-babilônica até os educandos da Unidade

⁴³ Uma revisão histórica babilônica do século VI a.e.c.

⁴⁴ Evidentemente, estamos nos referindo a um processo longo.

Vocacional Integrado Estado do Ceará. Abordamos temas como traumas, guerra, violência, diplomacia, sensibilidade como características complexas da humanidade.

Trabalhou-se, igualmente, com as cosmovisões mesopotâmicas e suas grandes questões. O apreço dos antigos pelos deuses, suas frustrações com os deuses, seus medos, aproximações (devolução da estátua de Marduk), as diferenças culturais, as semelhanças culturais entre grupos humanos. As “Histórias Conectadas” funcionam como um intercâmbio, mesmo que respaldado nas tensões e dificuldades enfrentadas entre poderosos. Nossa intenção construindo uma narrativa que respondesse ao fenômeno “godnapping”, como se deu e seu significado, foi de aproximar o 3º ano do Ensino Médio dos sujeitos históricos que viveram a mais de dois mil anos atrás. Tal aproximação se deu pelas relações sensíveis, por exemplo, usar a imaginação para compreender o passado não como algo “alienígena”, mas, como algo inegavelmente humano. Pensamos a guerra como algo assustadoramente mundano, em contrapartida, entender que é possível observar, a exemplo o “Épico de Erra”, explicações que podem seguir um sentido contrário ao conflito. O produto educacional foi um *website* chamado de “historiasconectadas.com.br” como veremos no próximo capítulo.

7. ANTIGUIDADE EM SALA DE AULA: DA MESOPOTÂMIA AO WEBSITE “HISTÓRIASCONECTADAS.COM”

Neste capítulo apresentam-se os parâmetros da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e como se integram à pesquisa, além disso, destacam-se os princípios educacionais elaborados por Paulo Freire, o diálogo, a curiosidade, a ética e o entusiasmo pelo ensino, nesse caso, ensino de História Antiga. Com esse propósito pretendemos demonstrar a natureza do produto didático elaborado “*historiasconectadas.com.br*”; as ferramentas utilizadas para criação das postagens; e, em seguida, um tutorial para elaboração de vídeos para publicação no *YouTube*. Por último, descrever a utilização do *website* em sala de aula, a interação entre professor e educando, e os resultados advindos desta dinâmica libertadora. Para aproximação entre o passado e o presente ajustou-se à dinâmica educacional, a sensibilidade, sobre o viés “violência”, “guerra” e “pacificação”. Abordou-se a crítica ao eurocêntrismo associado às mídias e no ensino. Elaboraram-se questões de cunho histórico filosófico, à linguagem dos antigos mesopotâmicos, a fim de incentivar a imaginação e criatividade, elementos estes ligados ao produto educacional.

7.1. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): como se integra à pesquisa

Praticar o equilíbrio, exercendo a lei e citando nossos direitos é o melhor caminho para a comunidade se comparado a qualquer outro. Podemos dizer que a BNCC respalda suas afirmações baseada nos ideais de justiça e derivados. No capítulo destinado ao Ensino Médio “A Etapa do Ensino Médio” tópico “5.4. A área de ciências humanas e sociais aplicadas”.

Tal compromisso educativo tem como base as ideias de justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, ou seja, a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza (BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, p. 561).

1º, consideramos justo criar espaços em que temas como “cosmovisão”, “diplomacia” ou “conflito” – temas trabalhados no 2º capítulo *A deportação da estátua de marduk: lá e aqui mais uma vez* – possam garantir, criticamente, aberturas para a compreensão da realidade. 2º, a solidariedade é uma competência mor, pois, através dela a sensibilidade humana é um intermediário entre o passado e o presente. Neste caso, o povo “alvo” da violência, foi a Babilônia, e o nosso esforço esteve em aproximar os estudantes do terceiro

ano do ensino médio, do Estado do Ceará⁴⁵, estabelecendo ligações “sensíveis” (sensibilidade) com situações contemporâneas⁴⁶ sem recorrer ao anacronismo.⁴⁷ 3º, a autonomia é preciosa para nós, porque, sem reflexão, ponderação e criticidade, um indivíduo não tem argumentação para questionar. 4º Liberdade para compreender o diferente e respeitar a multiplicidade social ou construir uma perspectiva própria sobre o assunto. Dessa maneira contribuimos para um processo de ensino pacífico em São Luís do Maranhão, um exemplo a se seguir. As pessoas enxergam tais ações.

As seguintes perspectivas são direcionadas ao Ensino Fundamental ao passo que, por sua vez, abrangem o Ensino Médio em grau de complexidade elevada.

No Ensino Fundamental, a BNCC se concentra nos processos de tomada de consciência do Eu, do Outro e do Nós, das diferenças em relação ao Outro e das diversas formas de organização da família e da sociedade em diferentes espaços e épocas históricas. Para tanto, prevê que os estudantes explorem conhecimentos próprios da Geografia e da História: temporalidade, espacialidade, ambiente e diversidade (de raça, religião, tradições étnicas etc.), modos de organização da sociedade e relações de produção, trabalho e poder, sem deixar de lado o processo de transformação de cada indivíduo, da escola, da comunidade e do mundo (BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, p. 561).

A presente pesquisa se enquadra aos parâmetros exigidos para o Ensino Médio, abordando temas delicados como identidade. Quando enfatizamos questões identitárias, a referência é o *tempo próximo* e o *tempo presente*, atingindo os conceitos como violência e exclusão, um exemplo disso é o etnocentrismo, anteriormente, analisado. No momento em que abordamos o *passado longínquo* (Antiguidade), as questões identitárias se tornam relativamente nebulosas⁴⁸, não obstante, ainda recorremos ao conceito de violência, mas, paralelamente, de interrelação. Toda violência produz um elemento a se considerar como objeto de estudo, no caso dos assírios e babilônios, analisar o processo da *deportação da estátua de Marduk* é, simultaneamente, um dos produtos da relação entre ambos os povos.

Dessa forma, “pintamos uma tela” ressaltando o quanto a humanidade é plural e a inércia incomum. Somos andarilhos, até quando estamos “parados”, pela razão da criatividade, memória, oralidade, sobrevivência, história, contos, épicos, ciências, cosmovisões, imaginário, etc. Não importa se é um jeito rudimentar de pescar ou construir

⁴⁵ Localizado no bairro da Coheb do Sacavém em São Luís do Maranhão.

⁴⁶ Guerra entre Ucrânia e Rússia, por exemplo.

⁴⁷ Não é uma comparação política, religiosa ou econômica, tentanto, em vão, buscar semelhanças estruturais entre dois contextos muito diferentes. Nossa intenção é apontar os problemas da violência, da guerra, de certa forma, da perda ou possíveis traumas humanos, ou seja, a deportação da estátua de Marduk é uma maneira de explicar tal situação. Essa informação é abordada no 3º capítulo *Antiguidade em sala de aula: da Mesopotâmia ao website “historiasconectadas.com.br”*.

⁴⁸ Observaremos essa afirmação no 2º capítulo.

uma casa com taipa, navegar em pequenas embarcações, ensinar o ofício do artesanato, criação de vidro ou esculturas feitas de madeira, o conhecimento continua sendo belo e relevante. Fazer um indivíduo (educando) entender que a guerra produz, destruição, sofrimento, adversidade, além de outros tipos de relações, como o desejo pela estabilidade, percepções que já eram conhecidas pelos antigos mesopotâmicos à sua maneira, em outras palavras, é um exercício de imaginação para entendermos nosso mundo também. Tornar o estudante consciente do seu papel como agente da História.

A exploração dessas questões sob uma perspectiva mais complexa torna-se possível no Ensino Médio dada a maior capacidade cognitiva dos jovens, que lhes permite ampliar seu repertório conceitual e sua capacidade de articular informações e conhecimentos. O desenvolvimento das capacidades de observação, memória e abstração permite percepções mais acuradas da realidade e raciocínios mais complexos – com base em um número maior de variáveis –, além de um domínio maior sobre diferentes linguagens, o que favorece os processos de simbolização e de abstração (BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, p. 561).

Concluimos que a proposta da dissertação, por meio do ensino e aprendizagem, seria melhor compreendida pelo 3º ano do Ensino Médio, esse foi o motivo pela escolha da turma. Além dessa competência, é responsabilidade do professor convergir por todos os conceitos seguintes: diálogo, domínio, hipóteses, argumentos, dúvida sistêmica, protagonismo juvenil, problematização, território, fronteira, indivíduo, natureza, sociedade, cultura, ética, política, trabalho, habilidades (BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, p. 561-569).

Sobre diálogo, o docente deve insistir não em um ensino retrogrado, mas, insistir no elemento que motive o estudante a expor seu ponto de vista sobre determinado assunto. O domínio é recíproco, o professor precisa estar ciente daquilo que diz para não produzir um efeito dominó do errôneo, eventualmente, o estudante pode se espelhar nisso. Hipóteses e argumentos são bases da ciência, a elaboração desses conceitos precisa ser discutida coerentemente, não é ético criar informações simplesmente do nada. As hipóteses são discursos que precisam se firmar, minimamente, no real, ou seja, “A estátua de Marduk transitou em duas culturas distintas, assíria e babilônia”, para que esse discurso tenha alguma legitimidade e coerência é preciso evidências (argumentos à altura da hipótese formada). Da mesma forma, os estudantes precisam entender que não é ético inventar conhecimento que não existe.

Dúvida sistêmica, problematização e protagonismo juvenil são amigos. É preciso que o estudante aprenda a questionar, não tolamente, pelo contrário, instigado a perguntar com inteligência, isto é, sem ofensas. Daí a problematização sobre determinados assuntos, como o eurocentrismo e, por fim, entenderem a si mesmo enquanto protagonistas de um mundo transitivo que pode engolir todos eles se se permitirem.

Pode ser complicado entender território, fronteira, individualidade, natureza e sociedade à primeira vista, mas, nos esforçamos para tornar esses conceitos compreensíveis. Território: compreender-se com parte de um lugar; fronteira: entender-se como não sendo o único protagonista no palco mundano; individualidade: encontrar seu papel no mundo; natureza: buscar entender por que nós somos o que somos, e vislumbrar o que podemos nos tornar (espécie humana); sociedade: respeito, democracia, aceitabilidade, bom senso e senso crítico sobre as mazelas da cotidiana.

Cultura, ética, política, trabalho e habilidades podem ser descritos como: cultura, aquilo que define os homens e as mulheres das outras criaturas, as coisas que os homens e as mulheres produzem no espaço e no tempo, e as inter-relações que os homens e mulheres produzem, entre si, objetiva e subjetivamente. Ética: buscar meios para nos relacionarmos com integridade, paz e ordem, principalmente, quando o “mundo” insiste em fazer o oposto. Política: compreender-nos como cidadãos conscientes, que valorizam a democracia e instituições, precipuamente, quando apontamos falhas em seu seio, buscando melhorias. Trabalho: tudo o que envolve o sustento. Habilidades: tudo o que se aprende enquanto a dinâmica ensino-aprendizagem, aos moldes de Paulo Freire, se desenvolve.

O Estado do Maranhão compreende, teoricamente, todas as competências estabelecidas pela BNCC no âmbito legal, a dizer no intitulado “Documento Curricular do Território Maranhense – Ensino Médio (Volume II)” de 2022. Neste amplo aglomerado de componentes, a descrição dos deveres educacionais é expressa no geral e especificamente. Ademais, como é de se esperar, carregam todos os parâmetros da BNCC, isto é, os conceitos citados acima, mas, na intenção de preencher as necessidades do Maranhão, obviamente.

No “Novo Currículo para o Ensino Médio do Maranhão”, o reconhecimento às diversidades dos cidadãos existentes em nosso Estado é prioridade, bem como, o respeito aos diferentes tipos de contextos escolares. A diversidade sociocultural é característica do lugar onde nós vivemos, e, por isso, deve ser um norte dos princípios que regem o currículo. Conceitua-se aqui tal diversidade enquanto “maranhensidade”.

Pensando lucidamente, a proposta curricular transmite uma ideia agregadora, ou seja, abraçando qualquer identidade pertencente ao Maranhão, e, paralelamente, não descarta, pelo contrário, motiva os estudos para um contexto social globalizante. Complementando, “considera cada indivíduo não só como um ser que pertence a muitos espaços de uma nação chamada Brasil, mas, também pertence a um contexto mundial” (BRASIL. Ministério da Educação. Documento Curricular do Território Maranhense, 2022, p. 15). O indivíduo só seja tal se compreende a si mesmo como parte de uma totalidade. O então Currículo Escolar se molda nesta premissa e a considera uma pauta importante para construir um sujeito ativo, um ser social.

Relativo ao que diz à BNCC, o “Documento Curricular do Território Maranhense” é claro ao afirmar.

A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas tem por objeto de estudo o sujeito e suas relações construídas pelos diferentes indivíduos, grupos, segmentos e classes sociais. Analisar o sujeito e o viver em sociedade faz da área uma importante aliada no processo de construção de conhecimento para a convivência social, a partir da construção de uma articulação entre os componentes filosofia, geografia, história e sociologia, permitindo o desenvolvimento de competências e habilidades importantes para a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e o combate à intolerância e preconceitos de qualquer natureza (BRASIL. Ministério da Educação. Documento Curricular do Território Maranhense, 2022, p. 57).

Quando pensamos uma forma de ensinar Antiguidade, Mesopotâmia, Babilônia ou Assíria em uma rede pública de ensino, nós nos preocupamos, imensamente, com a realização de uma prática instigante. Ora, é preciso ser de alguma forma relevante para os estudantes do Ensino Médio, entendemos assim. Nossa meta principal foi, na prática, relatar as antigas sociedades como “questionadoras do cosmos”, “sensíveis às realidades que as cercavam”, “sensíveis uns entre os outros”, “ambiciosas”, “diplomáticas”, “frágeis”, humanos. Discernir o mundo através desta lente é um sinal animador da procura pelo “diferente”, conhecer melhor o desconhecido, em uma sociedade micro e macro. Enquadramo-nos às determinações esperadas por essa razão.

Consideramos um meio significante para atender as demandas educacionais da Educação Básica no território maranhense, embora, o tema pareça distante, o espírito humano (natureza humana) encontra um meio de torná-la útil. Através das experiências do passado, das relações conflitantes entre os povos, do fenômeno da pilhagem de deuses, das histórias conectadas, nos desafiamos nesta pesquisa para florescer o senso crítico do público alvo a muito citados por nós. Os babilônios resistiram aos assírios, contudo, houve acordos,

cerimônias, além disso, eram pessoas complexas, com expectativas, anseios, deveres, como nós. A guerra pode ser indesejada, mas, nunca abandonou o curso da nossa História, entendê-la é mister.

Nesse sentido, competências e habilidades para a área formam o alicerce para o desenvolvimento dos estudos voltados para o ser humano e a sociedade, na construção de um currículo alicerçado na identificação desse jovem e na criação de um ambiente propício para a valorização do protagonismo juvenil, a partir de um currículo comum, composto de especificidades inerentes aos aspectos locais, de forma a atender a diversidade da juventude maranhense e ressignificar essa educação na compreensão de diferentes identidades, mas sob o eixo de aprendizagem essenciais comuns da área, garantidas a todos (BRASIL. Ministério da Educação. Documento Curricular do Território Maranhense, 2022, p. 99).

A fim de legitimar nossa missão, somos igualmente amparados pela Constituição Federal, garantidora dos direitos do povo brasileiro e da Democracia, afinal a educação deve ser encarada com seriedade e respeito. A liberdade para ensinar conhecimentos filosóficos, históricos, arqueológicos – principalmente, quando são essenciais para um pensamento ético construtivo – é garantida ao povo brasileiro, conseqüentemente, aos seus professores.

Na “Constituição da República Federativa do Brasil” (Supremo Tribunal Federal), do “Título VIII – Da Ordem Social – Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto – Seção I – Da Educação” afirmam-se as seguintes palavras.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: (EC no 19/98 e EC no 53/2006) [...] II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas [...] VI – gestão democrática do ensino público, na forma da lei (BRASIL, 2022, p. 173-174).

Portanto, a então pesquisa, por nós elaborada, atende aos parâmetros determinados pelas entidades do Estado (Governo brasileiro). Mas, ter respaldo às normas jurídicas do Brasil e, paralelamente, do Maranhão não é o suficiente, quer dizer, foi preciso um método de interação com os estudantes do 3º ano do Ensino Médio do Estado do Ceará. Ora, na construção do diálogo em sala de aula escolhemos a sabedoria de Paulo Freire.

7.2. Paulo Freire: ensinar é dialogar

Antes de escolher uma instituição escolar para realização do processo de ensino/aprendizagem, o educador (mestrando), em todas as circunstâncias, acaba parando um pouco para pensar, um alguém com grandes expectativas sobre o amanhã. As suas maiores

preocupações são, “será se me sairei bem?”, “será que os estudantes construirão algo de relevante interagindo comigo?” ou, por último, “No fim das contas esse esforço vale apenas?”. O maior terror, neste ínterim, é a dúvida: ele (ela) está ali exposto apenas com o fim de obter um diploma ou preocupado em dar o melhor de si para contribuir ou conseguir produzir alguma mudança?

O currículo se abre (parcialmente), se torna mais dinâmico (relativamente), mas, o espírito e as raízes do mercado ainda são poderosíssimos, as avaliações para ingresso em bons vestibulares, as matrículas em cursos técnicos, cada módulo visando adentrar no conhecido mercado de trabalho selvagem. Não há possibilidade de culpar pais que esperam que seus filhos se tornem bem-sucedidos, porém, mesmo encarando o “currículo oficial” como uma sucessão cronológica de eventos, o docente não pode abandonar sua vontade crítica, aquela paixão (inteligente) tão inerente à humanidade. Trata-se não de ensinar “como ensinar”, por outro caminho, é dialogar para se fazer enquanto sociedade, dentro de sala, o saber crítico.

Paulo Freire (2021) foi, para o ensino, nossa principal fonte de inspiração com o tipo de produto que tínhamos em mãos. A saber, anteriormente à aplicação, conhecemos suas obras relevantes, tais qual, “Direitos humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo”, aprendemos teoricamente, bebendo desta fonte semelhante a alguém com muita sede. O principal objetivo ao adentrar no interior de uma instituição escolar pública era fazer com que nosso tempo e o tempo dos estudantes valessem apenas. Foi inevitável buscar arduamente uma forma de compreender os futuros sujeitos históricos que nós, uma hora ou outra, conheceríamos. Como uma escola deve ser? Concordamos com a seguinte colocação.

A escola precisa ser um espaço vivo democrático, onde todas as perguntas sejam levadas a sério, espaço privilegiado da ação educativa e de um sadio pluralismo de ideias [...] Precisa de professores que valorizem a unidade teoria-prática, professores curiosos que respeitem a linguagem da criança, que pensem rigorosamente a poesia, que proponham uma forma científica de pensar o mundo, sendo assim capazes de fazer uma reflexão crítica sobre a própria prática (FREIRE, 2021, p. 63).

Desse modo, não seria prudente entrar em uma sala de aula, olhar para cada um deles (o educando), pessoas que riem, choram, enraivecem, se entendiam, se compadecem, futebolistas, pessoas caseiras (assistem filmes e séries) e, simplesmente, falar sobre a Antiguidade ou as interações sociais entre assírios e babilônios milênios atrás, ou como uma estátua foi protagonista neste contexto histórico. Nós estávamos cientes que, de algum jeito, deveríamos conquistar um espaço para tentar algo diferente do habitual na instituição pública de ensino.

Paralelamente, o produto educacional também precisaria fazer sentido. Não sejamos hipócritas, ao citar democracia, e saber desde o princípio que o Maranhão é um dos Estados brasileiros com maior índice de pobreza e miséria. Dinamizar um produto virtual pode ser tão interessante quanto desastroso, e o docente precisa estar ciente disto. O acesso à internet, por exemplo, é possível no local da aplicação? Existem meios para acessar o website, de certo modo, pode ser um fator limitador, mas, acreditamos que nenhum mar calmo fez um bom marinheiro.

Então, para o desenvolvimento desta pesquisa nos preocupamos em investigar, antecipadamente, se as ferramentas tecnológicas (aparelhos telefônicos) estavam disponíveis para os alunos do 3º ano do Ensino Médio e concluímos que sim.

As tecnologias avançam a cada dia, com grande velocidade e são parte inerente do cotidiano, querendo ou não precisamos englobar estes recursos ao ambiente escolar. Creio que nunca houve um momento na história, desde o surgimento do computador ou da internet, que seja tão necessário acompanharmos, aprendermos e utilizarmos tais tecnologias em sala de aula como um fator positivo. Entre 1989 e 1991 Paulo Freire (2021) enxergava essa realidade, 31 anos depois este tema continua desencadeando debates.

Todos os meios de comunicação, inclusive televisivos, audiovisuais e a informática – importante meios de educação moderna – devem ser incentivados. O aproveitamento construtivo desses meios utilizados criticamente associa-se à ideia de uma democratização do próprio ensino, tornando-o mais ativo (FREIRE, 2021, p. 66).⁴⁹

A ingenuidade é um conceito que o professor não pode se dar ao luxo de ser refém, principalmente, quando o assunto é “informação”, “cibernética” ou os dois conceitos empregados a uma só sentença. A natureza humana é versátil de tal forma que podemos esperar ações belíssimas e conhecer, igualmente, o que há de pior nas pessoas. Embora com a internet alguns benefícios como o acesso ao conhecimento rápido e de qualidade mostraram-se primorosos, por outro lado, há a difusão do ódio, notícias falsas e da ignorância exponencialmente.

As diferentes mídias sociais são responsáveis por quase toda a interação na internet, no entanto, eventualmente, as pessoas utilizam esta ferramenta de maneira ofensiva. Com isso, surgem os discursos discriminatórios, também denominados Discursos de Ódio ou *Hate Speech*, que consiste em uma expressão de pensamento de maneira depreciativa voltado a um determinado grupo da sociedade, com o intuito de desqualificar, menosprezar e humilhar indivíduos. Frente aos abusos da liberdade de expressão, os discursos de

⁴⁹ Pesquisar por “Direitos humanos e educação libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo” de Paulo Freire (2021)

incitação ao ódio às minorias sociais ultrapassam os limites estabelecidos naturalmente pelos direitos do outro (COSTA, 2021, p. 324).

Não podemos ignorar este fato. Havia um intenso sentimento em prol do respeito, na verdade, estes ideais nunca foram considerados secundários. Quando refletimos sobre o papel da Antiguidade, da Mesopotâmia, das estátuas de culto, do protagonismo do deus Marduk, das relações entre assírios e babilônios durante o I milênio a.e.c. compreendemos que existiam conhecimentos importantes que poderiam ser vislumbrados criticamente. Em uma região tão pequena como a Mesopotâmia, tantas interações culturais fizeram dela uma aglomeração de narrativas completamente humanísticas.

As grandes questões estavam por toda parte. “Quem nós somos?”, “Como nós surgimos?”, “O que são todos esses fenômenos que compõem todas as partes deste mundo?”, “Qual o significado da vida?”, “Qual é o propósito?”. Explicações tão específicas e abrangentes, os homens e as mulheres, da sua maneira, responderam a partir dos seus próprios sentidos tanto quanto poderiam. Havia ambição, medo, frustração, arrependimento, ira, diplomacia (à moda assíria), também existia luta, guerra, poder, poderes incompreendidos até certo ponto (divindades) e devastação.

Consideramos mister expressar, conversando com os discentes, que todos nós somos, em alguma medida (não anacrônica), como os antigos eram. Assim poderíamos derrubar a barreira da distância, tão ilusória por vezes, conferida à Antiguidade. Ora, um “vizinho de fora” adentra a sua morada lhe tira tudo o que você tem, desola seu lar, retira o patrono deus (Marduk) da sua cidade sede (Babilônia) e, esperamos que nada se produza deste evento, tanto na esfera real (realeza) quanto na esfera populacional? As guerras eram eventos ritualísticos; os sonhos eram interpretativos; os sacrifícios aos deuses, corriqueiros; e cada um dos reis tentava ocultar seus erros, fazer lembrar seus acertos e se distanciar do mau agouro. Finalmente, a Babilônia nunca se rendera aos invasores, embora, durante o reinado de Essaradão (século VII a.e.c) a paz vigorou por anos, entre assírios e babilônios. São muitas contradições, e talvez essa seja a única palavra que importa para desenvolver senso crítico.

Como lidamos com as contradições? Um país, este é o caso do Brasil, é proeminente na exportação de açúcar e café, um grande exportador de soja, carne de frango e outros insumos básicos (CHAMMA, 2021, p. 19) e, simultaneamente, é um dos principais países com imenso índice de fome (FALÇONI, 2022, p. 21). A perspectiva global, como se sabe, exemplifica nosso ponto. A guerra entre Rússia e Ucrânia é noticiada desde o dia 24 de fevereiro de 2022, com implicações que o historiador só poderá analisar com os anos que se seguirão. O ano é 2023 e nossa espécie, em diferentes contextos, continua incapaz de

abandonar traços tão infames quanto à violência. Podemos compreender este quadro no passado, mas, hoje em dia, é inaceitável.

Devemos entender, dentro do contexto abordado (século VIII e VII a.e.c), que os babilônios possuíam particularidades que eram próprias deste povo, como a adoração (em maior grau) à Marduk, a desobediência (os grupos dominantes, aristocracia, não aceitavam subserviência). Entender que os assírios também detinham suas especificidades, adoração tamanha à Assur (embora fossem politeístas), intenso desejo de expansão e desenvolvimento bélico. Não menos importante, também possuíam elementos comuns, semelhantes ou convergentes, ambos os povos concebiam a pluralidade dos deuses e os citavam em suas inscrições, possuíam arcabouço legislativo, falavam línguas comuns (semelhantes) com alguns graus de diferença. Contudo, seria perigoso estabelecer fronteiras tão nítidas sobre onde uma identidade começava e outra findava. O mundo é múltiplo e, dificilmente, deixará de ser, e isso não deve ser visto com negatividade. Por isso a Antiguidade é tão importante e pode contribuir tanto para o ensino/aprendizagem dos jovens estudantes.

Presentemente devemos ensinar não o “repúdio tolo” ou “respeito ingênuo”, todavia, incentivar o respeito através do “bom senso relativístico”, isto é, observando, analisando e aceitando as diferenças entre as pessoas sem destruir a ética humana. O “respeito ingênuo” é aquele que diz “é preciso respeitar o governo iraniano que impede a liberdade das mulheres, afinal essa é a cultura muçulmana” e o “repúdio tolo” é aquele discurso vazio “por mim as cotas raciais mais separam as pessoas ao invés de uni-las”. O respeito coerente, forjado pelo “bom senso relativístico”, diz o seguinte, “compreendo a cultura muçulmana como milenar e o quanto os povos árabes foram determinantes para produção literária, contudo, existem aspectos que não concordamos como a falta de liberdade e perseguição a determinados grupos sociais”, olhando para si próprio e observando como em sua casa (país) esses traços questionados também podem ser visualizados, e se “o crítico” não fizer desse modo será considerado um hipócrita. São as contradições que precisam ser analisadas.

A curiosidade, além da criticidade (pode-se dizer que elas podem caminhar facilmente juntas), foi outro elemento essencial na construção do produto didático, nos estudos anteriores à sua aplicação e durante a realização das aulas com suporte tecnológico. Não parecia correto nem “relatar um conteúdo” e nem expressar perspectivas sem que aquilo não produzisse algum “incômodo” sensato no público-alvo. Para alcançar algum interesse por parte do corpo estudantil era preciso convencê-los o quão divertido (intrigante) pode ser escrever seus pensamentos com suas próprias palavras. Acreditamos que originalidade (no sentido

sinceridade) seja fundamental, para saber separar “o que você fala” daquilo que “você fala sem saber” e que foi “dito por outro antes”. A curiosidade proporciona bons momentos em sala de aula, basta que o professor não levante um muro (desinteresse, apatia, autoritarismo, etc.) entre ele próprio e os estudantes.

Se há uma prática exemplar como negação da experiência formadora é a que dificulta ou inibe a curiosidade do educando e, em consequência, a do educador. É que o educador que, entregue a procedimentos autoritários ou paternalistas que impedem ou dificultam o exercício da curiosidade do educando, termina igualmente tolher sua própria curiosidade. Nenhuma curiosidade se sustenta eticamente no exercício da negação da outra curiosidade. A curiosidade dos pais que só se experimenta no sentido de saber como e onde anda a curiosidade dos filhos se burocratiza e fenece. A curiosidade que silencia a outra se nega a si mesma também. O bom clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo, à custa de sua prática mesma, que sua curiosidade, como sua liberdade, deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício (FREIRE, 2021, p. 81).⁵⁰

Relativizar o eurocentrismo é uma forma de incentivar a busca por respostas que não sejam as padronizadas pelas mídias. É, também, uma forma do próprio “estar consciente” do mundo ativamente, em outras palavras, ele consegue realizar mudanças dentro de si e nos outros como um ser histórico. Este entende, por meio da criticidade, que ele próprio existe! Em “Educação e Mudança” Paulo Freire (2021) afirma.

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolavelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso. É um imerso no mundo, no seu estar, adaptado a ele e sem ter dele consciência. Sua imersão na realidade, da qual não pode sair, nem “distanciar-se” para admirá-la e, assim, transformá-la, faz dele um ser “fora” do tempo ou “sob” o tempo ou, ainda, num tempo que não é seu. O tempo para tal ser “seria” um perpétuo presente, um eterno hoje [...] Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isso, de comprometer-se (FREIRE, 2021, p. 19-20).

A curiosidade se constrói, reciprocamente (estudante e professor), e o estudante questiona a natureza, o comportamento, as decisões, as aparências, as formas do universo em que o mesmo vive ou viveu por tanto tempo. Talvez, a vontade de conhecer visões novas não cesse nunca mais, contudo, é preciso estimular esse fenômeno, não com o doloroso tédio,

⁵⁰ Pesquisar por “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire (2021).

mas, com a incômoda busca do propósito. Às vezes uma conversa “cara a cara” seja uma opção mais interessante, ao invés do professor “Comandante” da turma.

O educador precisa estar ciente que ele mesmo não é detentor do conhecimento, não é dono das informações que externa e muito menos é dono da vontade daqueles que o escutam. Os estudantes não podem ser entendidos, se visamos uma educação instigante, como uma “massa etérea” manipulada (passivamente) pelo docente. Tanto o educador quanto o estudante, nessa relação, interferem entre si. Por isso, é de suma importância que o professor não seja um mero narrador de fatos. Em “Pedagogia do Oprimido” Paulo Freire (2021) afirma.

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos [...] Não pode haver conhecimento pois os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador. Não realizem nenhum ato cognoscitivo, uma vez que o objeto que deveria ser posto como incidência de seu ato cognoscente é posse do educador e não mediatizador da reflexão crítica de ambos [...] Deste modo, o educador problematizador re-faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também (FREIRE, 2021, p. 96-97).

Não aceitar as informações, questionando-as apropriadamente, quais quer que elas sejam é ver no estudante um brilho de esperança para uma geração despertada de um sono perigoso. Mais investigadores e menos receptáculos de informações estáticas. Em suma, baseado nos princípios éticos tão brilhantemente apresentados por Paulo Freire, partimos a direção da instituição escolar “IEMA – Estado do Ceará” com esperança de que poderíamos fazer alguma diferença. Se nós conseguimos alcançar, pelo menos, um adolescente nos dias em que se aplicou o produto, como nós acreditamos e constatamos, então foi o suficiente. A seguir a descrição da aplicação do *website* “historiasconectadas.com.br”.

7.3. Descrição do produto educacional: aprendendo a fazer seu conteúdo

O *website* “historiasconectadas.com.br”⁵¹ foi idealizado durante o primeiro semestre de 2022, e só ganhou forma através da empresa “Tocaia Digital”⁵², *web designer* em São

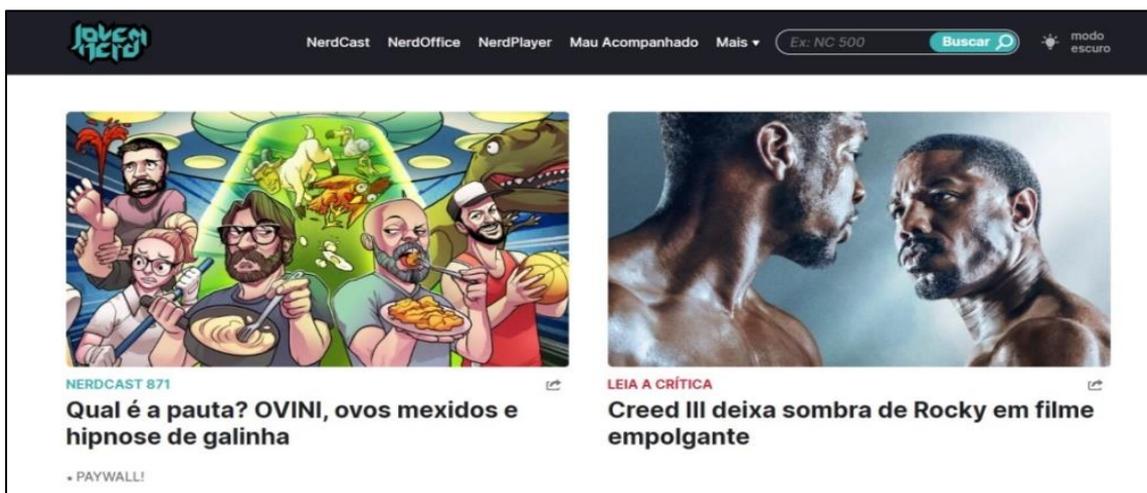
⁵¹ O nosso *Website* (Blog) passou por uma atualização completa. Confira nosso mais novo link: <https://hamuitotempo.com.br>. O tema “historiasconectadas” se tornou um **item** dentro do nosso mais novo *site*. 22/06/2023.

⁵² A Tocaia Digital: sites, aplicativos, gráfica, programa de PDV. Contato: (98) 98581-8041. Nome do designer: Aurélio.

Luís, Maranhão. Quando conversei com o *web designer* o questioneei sobre o orçamento, quanto custaria criar um “sítio eletrônico”. No dia 24 de março de 2022 ele estimou os seguintes preços, 500 reais (sem produtos para vender) e 700 reais (site completo).

Por três meses nos focamos, minha orientadora e eu, na estruturação do 2º capítulo. A preocupação com o seu desenvolvimento mudou nosso foco, estávamos à procura de uma bibliografia à altura do problema estabelecido. Apenas em 15 de julho de 2022 que retornamos ao desenvolvimento do produto educacional. No dia seguinte, 16 de julho, visitei a residência/empresa do *web designer* e, em seguida, informei como eu queria a aparência da “página eletrônica”. A estrutura, considerada interessante, precisaria ser de fácil acessibilidade das suas funções para o público-alvo, em outras palavras, o 3º ano do Ensino Médio. O visual do nossa página foi inspirado na arte do *site* “Jovem Nerd”.⁵³.

Figura 20. Página do Jovem Nerd



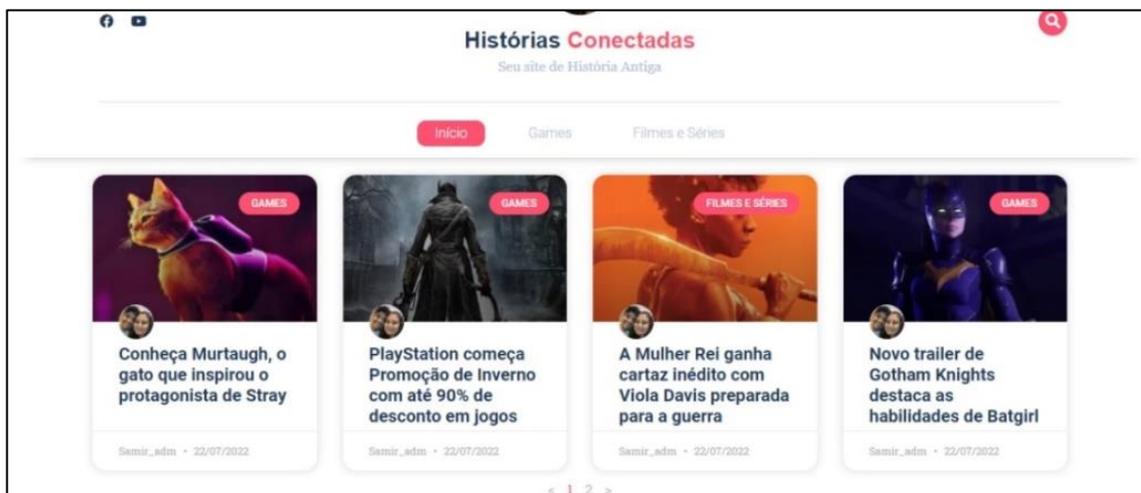
Fonte: <https://jovemnerd.com.br>

Juntos, decidimos as cores da futura página, optamos pela cor branca e vermelha, como palheta padrão. Após pensarmos questões visuais básicas seguimos para a próxima etapa, comprar um “domínio” e “hospedar” o *website* em um servidor. O domínio custou 153 reais e 84 centavos no “www.hostgator.com.br”, uma página que hospeda todo tipo de sítio cibernético. Posteriormente, o conteúdo criativo foi liberado para o *web designer* seguir com

⁵³ O Jovem Nerd é um blog brasileiro de notícias bem humorado sobre entretenimento, cinema, séries televisivas, ficção científica, fantasia, jogos eletrônicos, etc. Foi fundado em 2002 por Alexandre Ottoni de Menezes e Deive Pazos Gerpe, em 2021 foi comprado pelo “Magazine Luiza”.

seu trabalho, como o mesmo disse a mim, acessando a plataforma iniciou a criação da primeira aparência do “https://historiasconectadas.com.br”. Preste atenção⁵⁴.

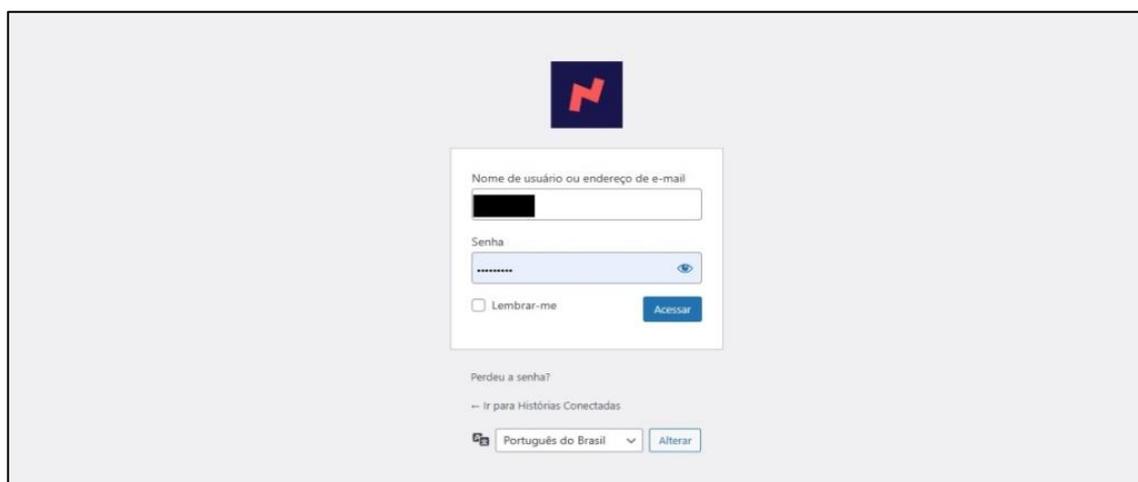
Figura 21. Histórias Conectadas 1ª versão



Fonte: Autoria de Tocaia Digital

O *web designer* finalizou a estrutura em 09 de agosto de 2022. A plataforma, finalmente, poderia ser utilizada. Precisei aprender como utilizar a “conta” para acessar o espaço virtual onde estavam localizadas as ferramentas para, de maneira solo, criar as postagens. Ele, então, enviou-me dois vídeos didáticos, um deles ensinava-me como entrar na conta (fazer o *login*) e acessar as áreas básicas; o segundo vídeo, como criar um *post* por meio de um exemplo elaborado por ele.

Figura 22. Área do login (administrador)

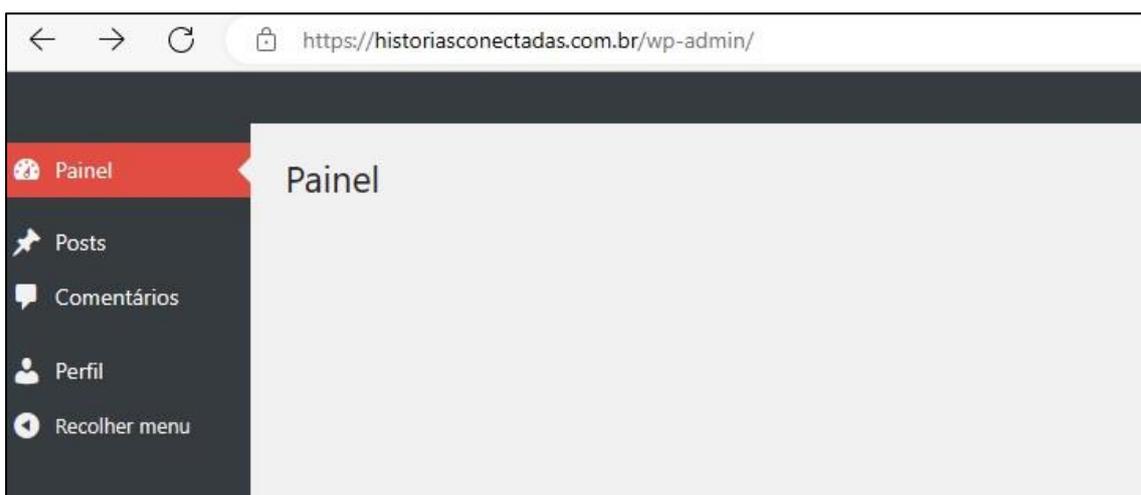


Fonte: Autoria de Tocaia Digital

⁵⁴ Para melhor visualização das imagens acione o “zoom”, “ampliar” ou “reduzir”, e poderá compreender caracteres menores.

As primeiras postagens para aplicação em sala de aula foram publicadas. Houve indagação pessoal (autoria própria) sobre quais temas abordar inicialmente. O conteúdo escolhido foi uma introdução às Histórias Conectadas. Houve grande empolgação na elaboração do *post*. Mostra-se, a seguir, a construção de uma postagem até sua publicação *on-line*. Diversas funções podem ser usadas para produzir algo belo, dinâmico e acessível. O professor pode ter ao seu dispor muitos recursos diferentes.

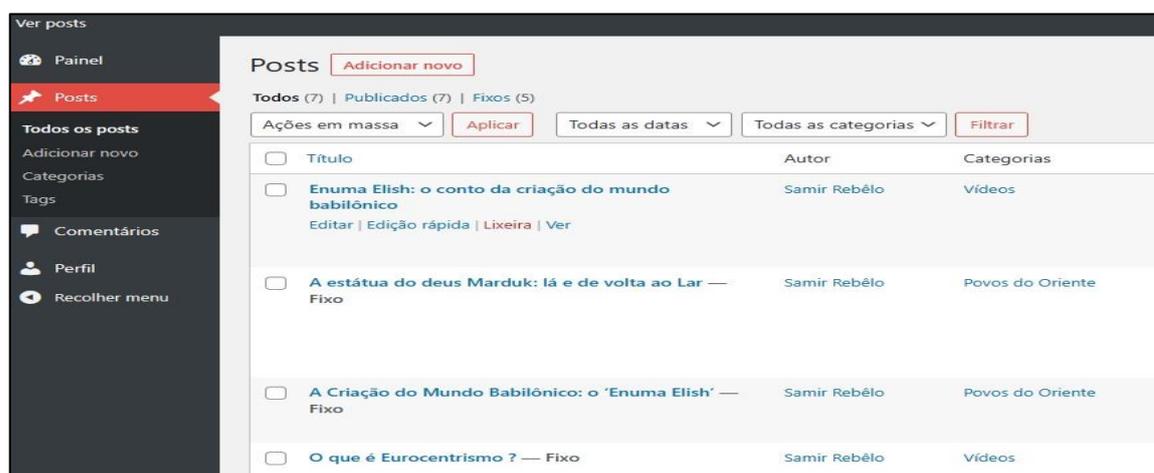
Figura 23. Elaborador de postagens e administrador dos comentários



Fonte: Autoria de Tocaia Digital

Acessando a opção “Posts”, um novo seguimento surge. Através deste seguimento, obtemos todas as “ferramentas” úteis para dar à luz a uma ótima publicação. Basta, apenas, que o autor seja criativo com o conteúdo apresentado, ele, rapidamente, se adapta às funções da plataforma, se tornando experiente ao produzir informações. No nosso caso, abordamos o mundo antigo, e em razão disso utilizamos vídeos, imagens e referenciamos as fontes usadas.

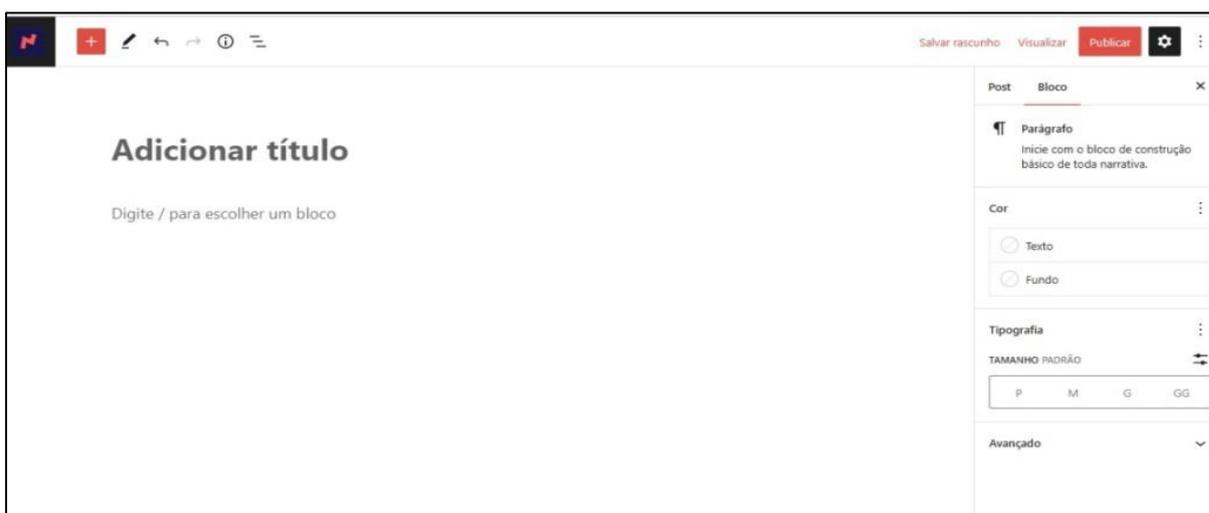
Figura 24. Criação e manutenção da postagem



Fonte: De autoria própria

Nota-se, à direita da figura 26, o quadrante onde todas as postagens ficam salvas e armazenadas. Neste espaço podemos, sempre que quisermos (obviamente, se tiver acesso à internet) alterar, corrigir ou excluir uma publicação, tal decisão fica a critério do administrador. Pressionando a opção “adicionar novo” nós somos abduzidos à página seguinte, no seu interior estamos livres para exercer a criatividade. Usar seus apetrechos virtuais é bem simples, e, com o tempo, o autor se percebe um publicador de conteúdos. É possível inserir *links*⁵⁵ do *YouTube* ou, simplesmente, digitar parágrafos inteiros sobre um determinado assunto. Imagens também podem ser usadas, e são encontradas no *Google*, *Facebook* ou qualquer rede que possibilite o seu *download*⁵⁶, sendo assim, poderá ser postada na página.

Figura 25. Processo criativo



Fonte: De autoria própria

O autor pode adicionar um título para a sua postagem, pode escolher também o tamanho da fonte digitada, as várias cores para embelezar o conteúdo à sua própria maneira. Os textos podem ser alinhados nos formatos, esquerdo, direito e centralizado. Além disso, poderá enfatizar em qual categoria sua postagem pertence, se o assunto for Mesopotâmia estará categorizada em “Povos do Oriente”. Por meio desse recurso é muito fácil pesquisar dentro do *site* o tema que você tem interesse, ou olhar as novas notícias salvas no histórico

⁵⁵ Um hiperlink, ou um link, é um endereço na web. Pode ser conceituado também como um elo que nos leva de um ponto “a” a um ponto “b” dentro da rede on-line.

⁵⁶ É um ato de fazer uma cópia de um arquivo da internet até o armazenamento do seu aparelho eletrônico, computador, celular, tablets, etc.

abaixo. Nenhuma informação é perdida em seu interior e sua acessibilidade é tão simples quanto respirar.

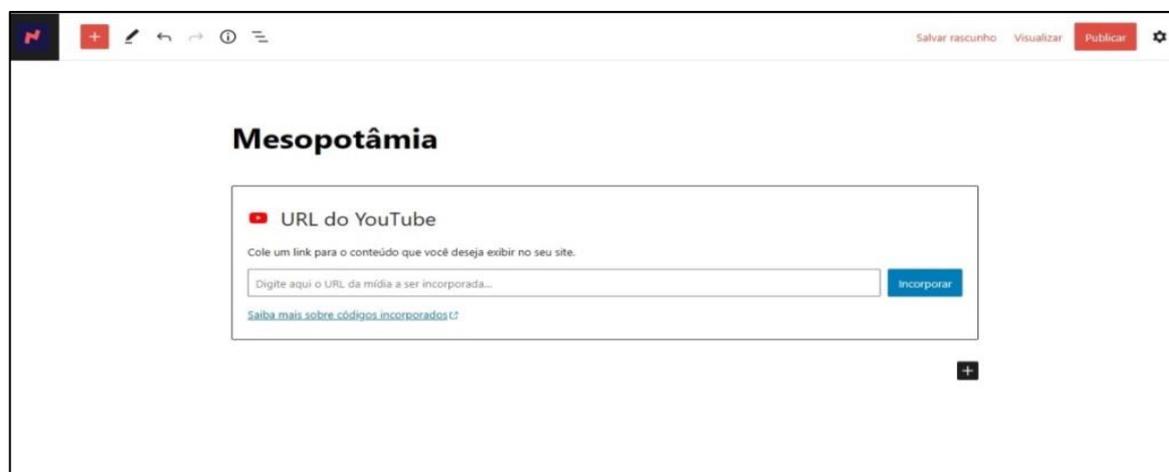
Figura 26. Inserção de itens



Fonte: De autoria própria

A “adição” (símbolo preto), à direita da figura 28, quando clicado, expande um quadrante que disponibiliza as funções. Existe um módulo para parágrafos, imagens, vídeos (armazenados ou não no computador), citação de fontes ou *hiperlinks*. Se o autor se tornar experiente o suficiente, poderá com facilidade usar módulos (recursos) avançados, dessa forma, ao seu alcance poderá usar itens específicos. É possível usar tabelas, áudios, arquivos e o criador poderá alterar a “apresentação” (aparência da postagem) detalhadamente, modificando, até mesmo, a posição dos blocos⁵⁷.

Figura 27. Adicionando um vídeo do Youtube

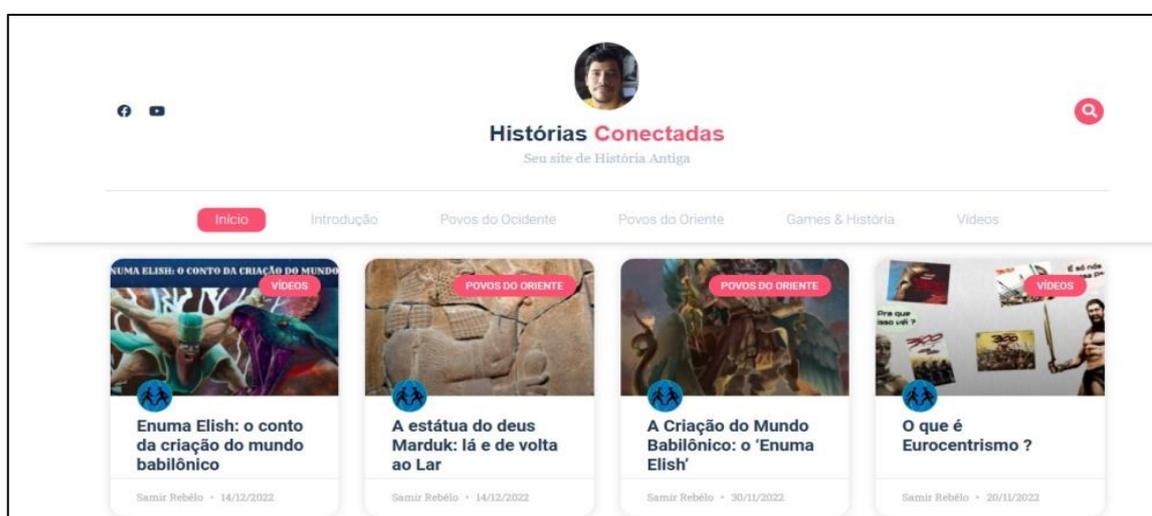


⁵⁷ Entenda um bloco como o espaço vazio onde podemos adicionar um parágrafo, vídeo, etc.

Fonte: De autoria própria

Adicionou-se um título qualquer, na figura 29, com viés explicativo. A opção que representa o símbolo “YouTube” (figura 28), ao ser tocada, faz surgir uma lacuna “URL do YouTube” descrevendo o próximo passo. Tal quadrante indica o lugar onde devemos inserir o *link*. Logo o vídeo, automaticamente, faz parte da página, deixando sua postagem elegante, refinada e densa. No fim, o professor, autor, criador poderá clicar em “visualizar” e poderá observar o estado da sua postagem. Se não gostar, o mesmo retorna e repara, mas, se gostar, deverá clicar em “Publicar” (acima, na figura 29) e a postagem estará pronta para ser compartilhada para quem o administrador quiser mostrar.

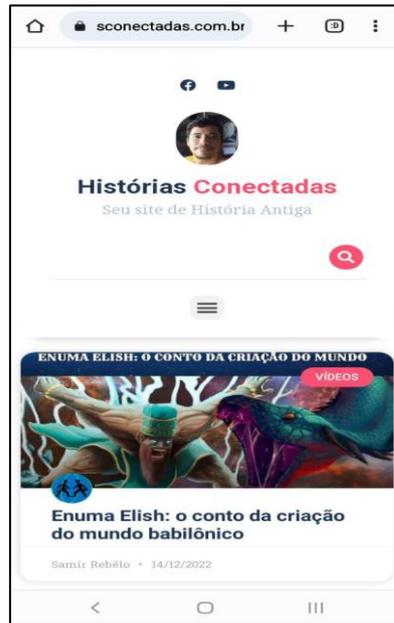
Figura 28. Página inicial



Fonte: De autoria própria

Existem dois formatos para apresentarmos o *website*. O primeiro é a versão para computador (acima) e o segundo é uma versão para celular. As duas formas são igualmente eficazes, isto é, não há poluição estética, ou seja, a exploração é minimalista e objetiva. A natureza da publicação faz-se evidente, pois, cada postagem detém um aviso, “vídeos”, “povos do oriente” (figura 30), etc. Torna a busca do público mais rápida e, conseqüentemente, ele não perderá tanto tempo. Isto foi pensado, justamente, para o leitor atual não perder seu interesse, tendo em vista que o mundo se torna cada vez mais rápido.

Figura 29. Apresentação do website pelo celular

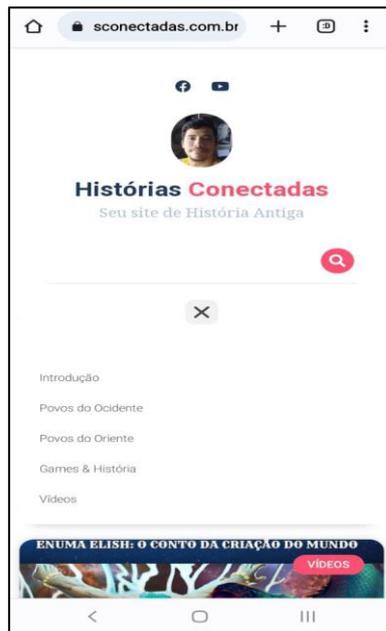


Fonte: De autoria própria

A pesquisa é representada pelo ícone “lupa” em vermelho. Se o estudante quiser procurar por algum tema específico ou termo específico, ele digitará na barra de pesquisa e o processamento acontecerá. Clicando no signo “três barras” abaixo do espaço de pesquisa, uma nova aba dinâmica se ativa. Particularmente, a estética do *site* pelo aparelho celular é ainda mais delicada e intuitiva. Os vídeos acionados através do computador e pelo aparelho telefônico (*smartphone*) podem ser visualizados no interior do *website*, aliás, pode ser direcionado diretamente para os servidores do *YouTube* se o usuário desejar. O costume é uma qualidade respeitada, às vezes o visitante prefere a dinamicidade da própria plataforma *YouTube* para assistir os vídeos, e nós respeitamos essa decisão. Se este quiser realizar um *download*, deve inserir na URL (link) do vídeo as letras “ss” dessa maneira: “https://sswww.youtube.com...” e será enviado para “savefrom.net” e poderá baixar o vídeo em mp4.

Assim podemos manter, tranquilamente, o site rápido e os servidores permanecerão funcionando com estabilidade. O melhor sobre todas as funcionalidades do “Histórias Conectadas” é a facilidade e clareza do seu acesso.

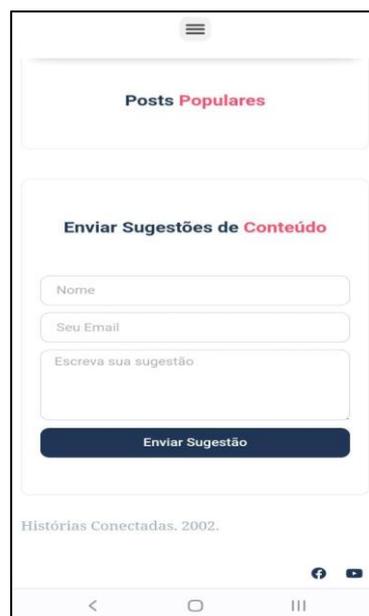
Figura 30. As categorias



Fonte: De autoria própria

A aba indicará todas as categorias disponíveis, contudo, só existe conteúdo produzido para “Introdução”, “Povos do Oriente” e “Vídeos”. As categorias “Povos do Ocidente” e “Games & História” são projetos, tendo em vista, que essa proposta não se encerrará com o Mestrado.

Figura 31. Envio de sugestões



Fonte: De autoria própria

O sítio eletrônico ainda conta com uma “janela” indicando os “Posts Populares”, e, além disso, conta também com uma área para os visitantes sugerirem conteúdos novos sobre algo que seja do seu interesse. Este lugar também é um espaço para críticas construtivas. Nós iremos ler atentamente e vamos nos esforçar para melhorar o sistema e as informações. A segurança dos visitantes foi uma prioridade sem igual, quer dizer, para acessar a caixa de comentários, recurso disponível, é necessário inserir o *E-mail* (Correio Eletrônico). O endereço de *e-mail* não é publicado, por isso, ao deixar um comentário o público pode se tranquilizar. Os campos obrigatórios para comentar são: comentário, nome e *e-mail*. Os dados ficam salvos e são administrados pelo autor do *website*, então sempre que o usuário retornar as informações produzidas por ele estarão intactas.

Quando um indivíduo clica em “Publicar comentário” suas palavras são dirigidas para um banco de dados onde o criador de conteúdo poderá analisar e aceitar sua publicação. Ora, isso permitirá que conteúdos nocivos ou ofensivos não se perpetuem em nossos domínios.

Figura 32. Caixa de comentários



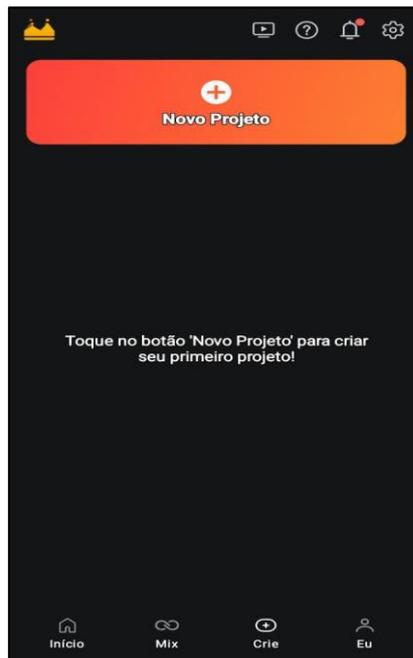
O formulário de comentários apresenta o seguinte layout:

- Um ícone de menu (três linhas horizontais) no topo.
- O título "Deixe um comentário".
- O texto "O seu endereço de e-mail não será publicado. Campos obrigatórios são marcados com *".
- O campo "Comentário *" com uma área de texto grande.
- O campo "Nome *" com uma linha de texto.
- O campo "E-mail *" com uma linha de texto.
- O campo "Site" com uma linha de texto.
- Um checkbox com o texto "Salvar meus dados neste navegador para a próxima vez que eu comentar."
- Um botão "Publicar comentário" em um fundo rosa claro.
- Ícones de navegação padrão de um aplicativo móvel (seta para trás, círculo, seta para frente) na base.

Fonte: De autoria própria

Os vídeos presentes em nossa página foram elaborados por nós, porém, mostraremos a seguir uma forma mais simples de elaborar vídeos. Veja o nosso tutorial para editar um material audiovisual. Primeiramente, escolha no seu aparelho celular a opção “Playstore”, em seguida procure pelo termo “KineMaster”. O “KineMaster” é um dos melhores editores, gratuitos, para celular. Uma vez aberto o aplicativo surge na tela. Tocando na opção “Novo Projeto”, uma nova área aparece na tela do celular.

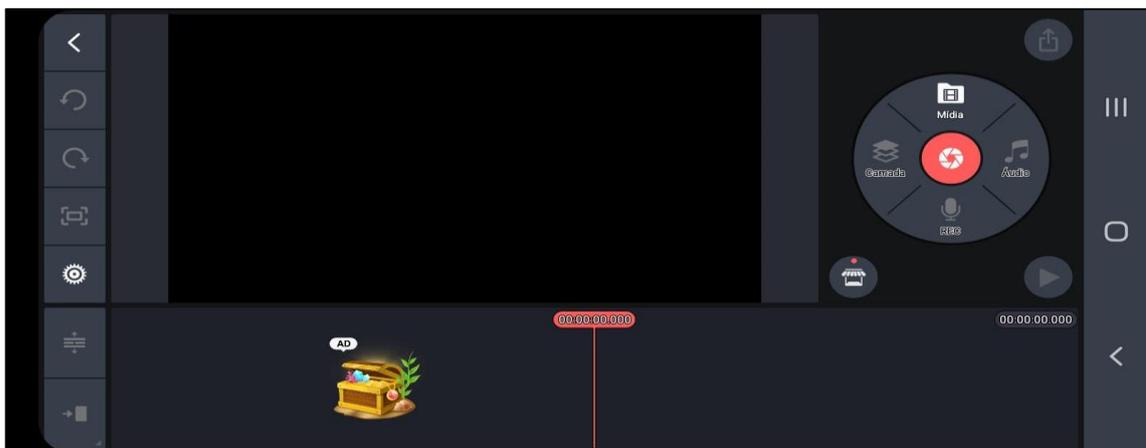
Figura 33. O aplicativo



Fonte: KineMaster, NexStreaming (www.kinemaster.com)

Neste ponto começa, realmente, a criação de conteúdo. Pressionando a opção “Mídia” você terá a seu dispor vários recursos, por exemplo, papéis de parede para preencher que espaço será editado. O leitor poderá baixar vídeos na internet e inserir no “Editor” se preferir, também estará em “Mídia”.

Figura 34. O tutorial

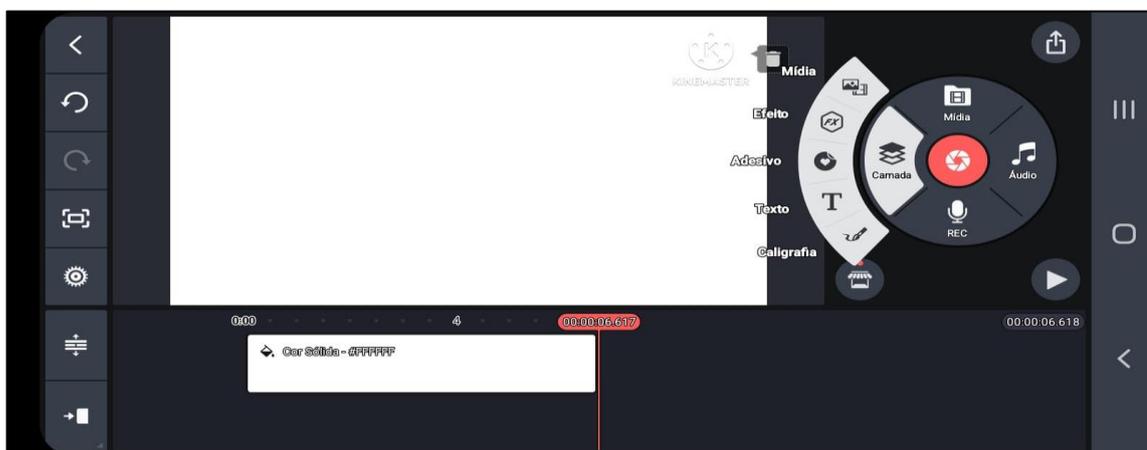


Fonte: De autoria própria

Depois, o papel de parede estará visível no campo de edição. Pode ser observado na figura 37, ou seja, um espaço em branco. Dentro do quadro em branco o editor (sujeito) pode inserir outras imagens, à medida que ganha experiência ele poderá usufruir de funções mais

complexas, mas, isso dependerá, relativamente, da versão (*premium*) usada pelo criador. Abaixo, um retângulo (branco) com o símbolo (lata de tinta) destaca a versatilidade ao ser tateado pelo criador. Essa é uma demonstração da sua funcionalidade.

Figura 35. Segunda etapa do tutorial



Fonte: De autoria própria

Na figura 38 notamos que, ao ser contatado, o retângulo branco é cercado por uma silhueta amarela, o que significa que agora você poderá esticar ou diminuir o papel de parede. Tal função é interessante por conceder mais espaço para elaboração do vídeo, em outras palavras, aumenta sua duração (segundos, minutos, horas).

Figura 36. Terceira etapa do tutorial

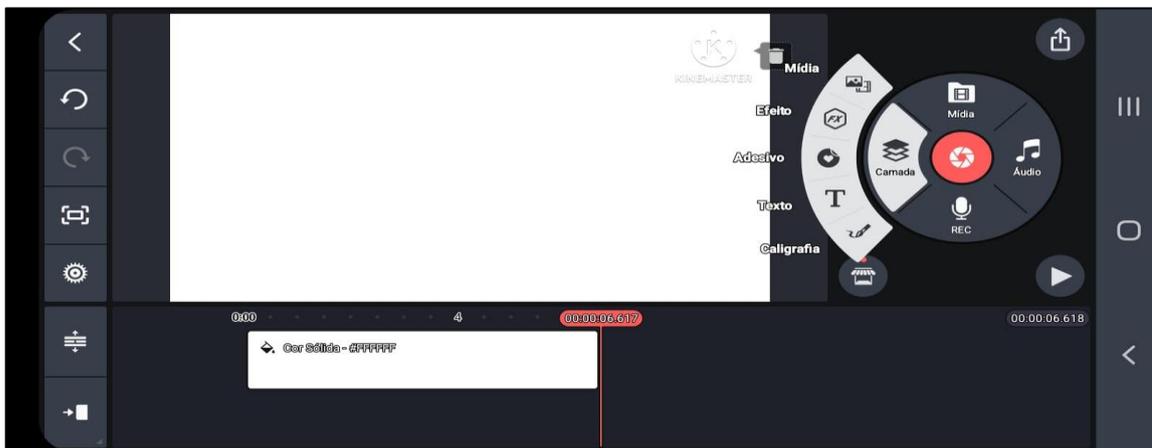


Fonte: De autoria própria

Após descobrir a importância de algumas ferramentas, o editor (sujeito) poderá embelezar sua obra, tornando-a mais descritiva e autoexplicativa. Ora, tocando em “Camada”

uma aba irá sugerir algumas opções, “Imagens”, “Efeito”, “Adesivo”, “Texto” e “Caligrafia”. “Imagens”, “Texto” e “Camada” são as melhores alternativas para iniciantes.

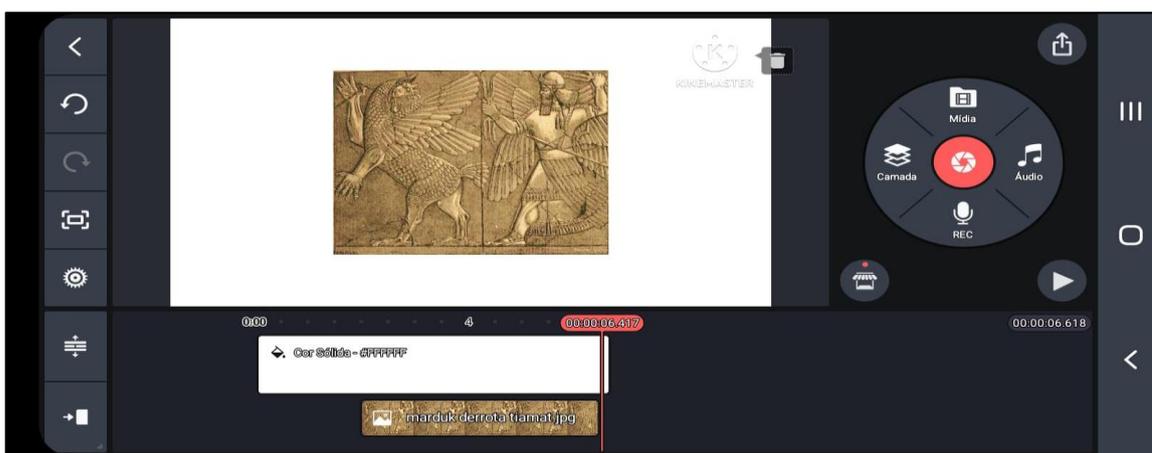
Figura 37. Quarta etapa do tutorial



Fonte: De autoria própria

As demais aplicabilidades podem ser ignoradas no início, mas, você é livre para explorar se preferir. Inserindo algum conteúdo pictórico o quadro ganha um aspecto distinto, poderá falar sobre um “relevo em pedra” e apresentá-lo sincronicamente com sua fala. Veja como ficou a figura 40.

Figura 38. Quinta etapa do tutorial

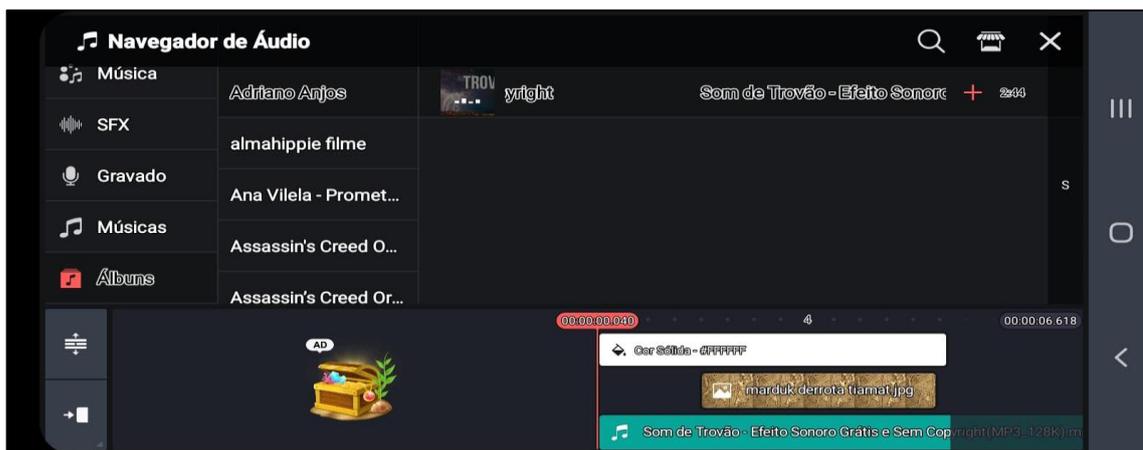


Fonte: De autoria própria

Outras aplicações conferem um novo rosto para o vídeo, tocando a opção “Áudio” poderá selecionar gravações “salvas” da sua própria fala ou se divertir, como um maestro, manipulando a atenção e a emoção do público inserido trilhas sonoras. Eventualmente, sua audição vai se tornando mais sensível, garantindo boas edições sonoras somadas a edição

visual, por exemplo, alguns momentos para serem épicos precisarão de uma trilha sonora épica. Não tem como tornar seu vídeo interessante, para o que ele se propõe, se em um momento triste o editor colocar uma música carnavalesca. Para adicionar a trilha sonora ou gravação no espaço/edição se dirija ao sinal (adição) na figura 41.

Figura 39. Sexta etapa do tutorial



Fonte: De autoria própria

Se o autor desejar, poderá tocar na opção “REC” e, no próprio aplicativo, fazer a gravação da sua voz explicando algo sobre algum assunto geral ou específico que o mesmo cogitar. Basta tatear em “Iniciar” e proferir o seu discurso. A figura 42 exemplifica esta funcionalidade.

Figura 40. Sétima etapa do tutorial



Fonte: De autoria própria

Vale ressaltar que o tamanho dos itens pode ser alterado, recortado ou excluído. A qualquer momento os retângulos abaixo do “quadro geral” podem ser modificados, isto é,

opções como “cortar” (símbolo de tesoura) aparecerá indicando a exclusão de uma parte da imagem, áudio ou vídeo irrelevante, diminuindo a duração do “vídeo total”. Por fim, para salvar é preciso sair desta tela pressionando no símbolo “porta dos fundos” na extremidade acima da figura 43 à direita (quadrado com uma seta indicando “acima”).

Figura 41. Etapa final do tutorial



Fonte: De autoria própria

O editor (sujeito) escolhe o formato do vídeo e salva uma cópia (demora alguns minutos) no aparelho celular, posteriormente, será compartilhada se você permitir. Agora seu vídeo pode ser enviado em redes sociais ou partilhar no *YouTube*, *Instagram*, etc. Finalizando o tutorial podemos, enfim, partir para a descrição da nossa participação na instituição escolar “Estado do Ceará”, onde compartilhamos e construímos saberes, conhecemos pessoas comprometidas e estabelecemos excelente interação com a coordenação e corpo estudantil.

7.4. Aplicação do produto “historiasconectadas.com.br” em sala de aula: ação

A instituição escolhida para o desenvolvimento do produto educacional foi o IEMA (Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão), Unidade Vocacional Integrado Estado do Ceará, localizado no bairro Coheb do Sacavém em São Luís do Maranhão. Seu endereço é Rua 25, s/n, Coheb Sacavém; CEP, 65.040.000. A direção e supervisão são ocupadas por Vânia Nogueira dos Santos e Luís Alex Lopes Correia. A professora de História e, evidentemente, a supervisora em sala de aula se chama Edna Maria de Carvalho Chaves.

No dia 17/06/2022 iniciou-se a primeira visita oficial a rede de ensino “Estado do Ceará”, e, conseqüentemente, o contato inicial com os estudantes (3º ano do Ensino Médio). Não foi possível aplicar, neste dia, o produto educacional, pois, ainda estava em desenvolvimento, fora que o período era de realização das avaliações, tendo em vista que o

mês de julho estava próximo e as férias logo à frente também. O mês de junho foi, sobretudo, um recorte observacional, quer dizer, sabíamos que apenas em agosto as aplicações seriam possíveis, mesmo assim, continuou-se a observação.

Figura 42. Vista ampla do “Estado do Ceará”



Fonte: De autoria própria

Figura 43. Unidade Vocacional Integrado Estado do Ceará



Fonte: De autoria própria

O contexto durante esses dias era de imenso pessimismo, do ponto de vista Global, a guerra entre a Rússia e a Ucrânia tomou proporções que a maioria das pessoas não acreditava. Neste momento conturbado da História era quase impossível não tentar associar tal contexto bélico com o planejamento das nossas abordagens didáticas, isto é, descrever a “violência” e

“guerra” partindo do viés histórico como um exercício imaginativo. A ideia era, a partir do diálogo, despertar no corpo estudantil, em suas individualidades as sensibilidades reflexivas da história, de outro modo, aproximar as temporalidades de maneira controlada. O ambiente belicista entre Rússia (de Vladimir Putin) e Ucrânia (de Volodymyr Zelensky) poderia se transformar (infelizmente) em uma oportunidade. Ora, o momento para compreendermos a dor, o sofrimento das pessoas que foram forçadas a retirar-se do seu próprio lar, que perderam familiares, amigos e seus bens preciosos (materiais e imateriais) devido à força dos homens.

A nossa hipótese – associada ao 2º capítulo desta dissertação, e que buscamos responder com veemência os questionamentos elaborados – diz que a relação entre assírios e babilônios foi de imenso sofrimento. A perspectiva assíria assume a “persona” justificadora das suas ações, pois, removeram uma divindade tutelar (Marduk) não por vontade própria, mas porque o deus decidiu. Todavia, as impressões babilônicas reiteram uma visão anti-assíria, abandonados e dispostos a pacificação do seu deus. O conceito de “abandono” não é vago, há uma carga emocional poderosíssima se considerarmos uma divindade tão importante quanto Marduk. Os efeitos reverberados no imaginário e subjetividades mundanas foram intensos, afinal, o rei Nabonidus, no século VI a.e.c (anos depois), não citaria em seus anais tal informação se não fosse relevante para o orgulho e história desse povo (babilônico).

A aproximação que relatamos foi através desse prisma, subjetivo, e não uma associação imprudente diante de dois contextos históricos diferentes política, econômica e culturalmente. A aproximação se deu pelo “sensível” inerente à natureza humana. Confessamos que, naquele momento, seria uma boa opção quando aplicássemos o produto em setembro, outubro, novembro e dezembro.

Quando retornamos em agosto à escola, começamos a exploração em seu interior. O espaço é amplo com uma área de circulação, bebedouro, refeitório, sala para aulas práticas científicas (indisponível), e espaços para o 1º ano, 2º ano e 3º ano do Ensino Médio. A instituição também possui um espaço para a diretoria e secretaria, sala dos professores e um lugar especial para palestras. A escola, anteriormente, quase foi desagregada, encerrada ou dissolvida pelo baixo índice de alunos, descaso governamental, etc. Contudo, passou por uma reforma total, revigorando-se em termos estruturais, com professores competentes e uma gerência que leva a sério seu profissionalismo.

Figura 44. Área de circulação



Fonte: De autoria própria

Figura 45. Auditório



Fonte: Autoria de Luís Alex Lopes Correia

Após o período de observação, ao lado da professora Edna, programamos os dias exatos para ingressarmos a turma. Vale destacar que no início os horários não estavam muito bem definidos, havendo uma rotação de professores nas turmas. Posteriormente, uma data fixa foi oficializada, o que foi extremamente útil para locomoção até a instituição escolar. A professora Edna concordou com a escolha de aplicar o produto no 3º ano do Ensino Médio. Além disso, foi preciso estabelecer quais dias seriam interessantes para estar presente na escola. O currículo segue um fluxo que deságua nas preocupações geradas pelos vestibulares e o mercado de trabalho. Burocraticamente, é necessário seguir a cartilha, então precisaríamos ser prudentes e nos encaixarmos, como de fato aconteceu. Dessa maneira, não consideramos

sensato ir todos os dias em que se apresentava a aula de História. Em suma, conseguimos realizar uma dinâmica “à parte” do programa padronizado.

Figura 46. Os horários definitivos

SEXTA FEIRA			
HORÁRIO	1º ANO	2º ANO	TERCEIRÃO
7:15 às 8:05	ARQUIT. DE COMPUT Rodrigo	SOC Edna	QUI Thays
8:05 às 8:55	ARQUIT. DE COMPUT Rodrigo	SOC Edna	QUI Thays
8:55 às 9:45	QUI Thays	PRT Geziel	HST Edna
9:45 às 10:00	INTERVALO		
10:00 às 10:50	HST Edna	BIO Luciana	PRT Geziel
10:50 às 11:40	PRT Geziel	QUI Thays	BIO Luciana
11:40 às 12:30	PRT Geziel	QUI Thays	BIO Luciana

Fonte: Autoria de Luís Alex Lopes Correia

O produto foi aplicado no terceiro horário, às sextas-feiras, das 08h45min até 09h45min da manhã. O primeiro dia em que finalmente iniciaram-se as realizações das dinâmicas tecnológicas foi em 16/09/2022, quando fizemos uma introdução às Histórias Conectadas (Método) e abordamos o assunto (paralelo) da disseminação tecnológica relacionada ao artigo citado no 1º capítulo “No borders for innovations: A ca. 2700-year-old Assyrian-style leather scale armour in Northwest China” de Patrick Wertmann (2022)⁵⁸. Nossa publicação data de 13/09/2022, foi durante essa semana que aplicamos o primeiro conteúdo do *website* em sala de aula.

Todos os estudantes portavam seus celulares e acompanharam a aula através dos aparelhos eletrônicos. Nesse momento o professor precisa, minimamente, acompanhar as novidades, as séries e filmes atuais ou que são conhecidos por quase todos. O professor deve despertar neles a vontade de querer participar, foi o que fizemos para “quebrar o gelo” inicial, falamos sobre conteúdos culturais diversos que não são produzidas pelo ocidente, como filmes e seriados de serviço de *streaming*. Falamos sobre filmes indianos, *Baahubali*⁵⁹, lançado em 2015 e dirigido por S. S. Rajamouli, até os dramas (coreanos). O professor precisa ter bom ânimo. A educadora Edna ficou contente com a utilização da abordagem cibernética,

⁵⁸ Procurar a página 21.

⁵⁹ Fantasia inspirada em épicos Hindus, tais qual, o *Mahabharata*. Procurar por *Mahabharata: o clássico poema épico indiano recontado em prosa* por William Buck de William Buck (2014).

a utilização do *website* foi inédita. Foi necessário convencê-los que não éramos monólitos estáticos diante deles. A utilização da caixa de comentários dentro do *website* aconteceu meses depois, como recapitulação e registro. Quando não conseguíamos terminar um tema em 50 minutos, continuávamos na próxima oportunidade.

Nesta data, 21/10/2022, o vídeo “A China e a Assíria se aproximaram na Antiguidade?” foi visualizado pelos estudantes em tempo real. Depois dessa “experimentação” discutimos sobre a diversidade e como os seres humanos estão sempre em movimentação, como um ímã, precisam uns dos outros na composição dos quadros econômicos, políticos, religiosos, etc. Porém, precisávamos saber se eles poderiam compreender que a história envolve mais do que o passado, abarca o presente e, de certo modo, o futuro. Realizar uma aproximação entre os mesopotâmicos e nós era essencial.

No dia 04/11/2022 fizemos uma recapitulação sobre as “Histórias Conectadas” e o, provável, compartilhamento tecnológico entre Assíria e China. Os comentários podem ser observados nas postagens. Seguidamente dialogamos sobre o eurocentrismo. Este dia 18/11/2022 conversamos sobre o etnocentrismo europeu, houve muita participação, pois, os estudantes se empolgaram com as séries televisivas que eles assistiam como, por exemplo, “Vikings”. Talvez nos questionem sobre a natureza da proposta, antiguidade. Pode parecer difícil de acreditar, mas, quando conversamos sobre o eurocentrismo, eles sempre se voltavam aos conteúdos nórdicos. Não há, definitivamente, nenhum problema em gostar da cultura nórdica, embora, percebeu-se que não estávamos errados em abordar um tema como o etnocentrismo. Eles puderam notar isso também, o foco obsessivo à Europa, com exceção das estudantes (que consumiam cultura coreana e indiana), os estudantes majoritariamente citavam os vikings. De 2018 até 2020 a temática “Viking” ganhou uma notoriedade gigantesca na cultura popular, nos jogos eletrônicos e séries televisivas. O vídeo foi aplicado no dia 25/11/2022.

No ano 2018 o jogo eletrônico produzido pela *Sony Interactive Entertainment* e desenvolvido pela *Santa Monica Studio* foi lançado na indústria, *God of War. Assassin's Creed Valhalla* foi produzido e desenvolvido pela *Ubisoft Montreal*, lançado em 2020 com temática nórdica. A série de televisão *Vikings* foi publicado em 2013, pela *History Channel*, e finalizada em 2020 pela *Netflix*. A continuação de *God of War* (2018) ganha destaque em 2022 se chamando *God of War Ragnarok*. Não é de se surpreender que tenha repercutido por anos, a tendência.

Houve tempo no dia 18/11/2022 para explorarmos questões filosóficas e não só, necessariamente, histórica. Através das grandes perguntas, como os antigos (a sua maneira) fizeram no passado. Foi possível notar que eles (o 3º ano) precisavam de mais liberdade para exercer sua própria visão, sinceridade, autenticidade sobre a realidade, seja a física ou a metafísica. Acreditamos que isso só é possível quando o professor afrouxa mais os conteúdos curriculares, torna a aula desejada, um momento não discursivo, mas, de silêncio para que eles contemplem a si próprios, e também o espaço ao seu redor. Obtive respostas interessantes e que eu jamais conheceria se não tivesse interagido dessa maneira. Não foi preciso se preocupar com o tempo ou com avaliações, apenas incentivamos o exercício da imaginação, investigando a si mesmo primeiro.

“Qual o sentido da vida?” foi uma das perguntas feitas. João Marcos (3º ano) felicitou o nosso dia com uma resposta que, facilmente, o próprio Paulo Freire diria “Acho que o sentido da vida estar na ideia de ‘buscar pelo sentido’, buscar a felicidade, talvez o sentido esteja na jornada pela busca”. Pedi apenas que eles escrevessem em seus cadernos, não era necessário, nesse momento, utilizar o *site*. Não visamos uma substituição dos recursos didáticos, isso é completamente irreal. O *website* foi, e é, uma contribuição ao conhecimento histórico (Antiguidade). Precisamos incentivar ainda mais a liberdade de pensar do estudante (eticamente), que não zombem de suas respostas, que não o tomem por tolo, que exista respeito por parte do corpo docente (estamos nos dirigindo ao leitor que visa fazer o mesmo). Todos eles podem ter não, necessariamente, um futuro “brilhante” vendido pelo neoliberalismo, mas, o futuro que anseiam para si.

Seguimos com os nossos planos para o mês de dezembro, quando finalizaríamos a aplicação do produto Educacional. Nesta etapa nós estávamos prontos para falar sobre o objeto da pesquisa, a estátua de Marduk, as relações entre assírios e babilônios e, de fato, o fizemos. Aproximamos os estudantes com o universo antigo por meio das sensibilidades como havíamos pensado antecipadamente.

No dia 16/12/2022, usando nosso vídeo publicado no *website* “historiasconectadas.com.br” e no *YouTube*, dialogamos sobre as “cosmovisões”, como os “mitos” não são mentiras, mas, uma linguagem distinta, as respostas que os antigos davam aos fenômenos e questionamentos que eles mesmos vivenciaram. Elaboramos um vídeo inteiro sobre esse tema “Enuma Elish: o conto da criação do mundo babilônico” que eles assistiram em tempo real em sala de aula.

Discorremos que mesmo em uma sociedade politeísta, havia um sentimento complexo associado à barganha, e, talvez, até mais do que isso, criando relações entre pessoas e divindades de tal modo que a preferência por uns, Inanna⁶⁰ ou Marduk, era uma realidade concebível. Desse modo, Marduk era um deus central em Babilônia, e sua destruição e deportação para a Assíria, quando Senaqueribe invadiu e destruiu Babilônia, foi um golpe muito poderoso no seio social para ser esquecida facilmente. Quando usamos uma imagem, e deciframos seu conteúdo, geralmente, estamos nos referindo ao espírito da época (contexto), caos, civis fugindo, sofrimento, medo e insegurança acompanham as vítimas desta violência (guerra). Unidamente ao conteúdo abordado foi preciso, também, dissociar de suas mentes que o passado se resume a combates. O “Épico de Erra” foi citado rapidamente, apenas para efeito contextual, sobre os problemas da guerra e a necessidade do seu fim.

Sobre o “tempo presente” conversamos sobre os efeitos da guerra, obviamente em proporções diferentes, mas, não menos dolorosas. A guerra entre Rússia e Ucrânia e a Guerra na Síria foram citadas. Utilizamos o tempo da aula para falar das mortes (civis) e da destruição generalizada na Síria (AGUILAR; *et al*, 2014, p. 4). Falamos a respeito da dor das pessoas que foram obrigadas a fugir “existem mais de 400 mil refugiados sírios no Líbano. Fugir não era o desejo dessas pessoas, porém, elas se viram forçadas por causa das ameaças de mortes sofridas na Síria” (CAMPOS, 2013, p. 14). Com relação à Ucrânia, destacamos sobre as perdas imateriais, a vida das pessoas, os danos ao patrimônio e a destruição em si.

Oito meses de guerra deixaram mais de seis mil mortes civis na Ucrânia; cerca de 30% da população abandonou suas casas em algum momento [...] Os constantes bombardeios, alarmes, toques de recolher e carências na infraestrutura crítica civil podem causar traumas coletivos de longo prazo (JUNIOR, 2022, p. 41).

Não fizemos comparações culturais, políticas, econômicas, etc. O que decidimos foi que seria interessante pensar ao lado do 3º ano alguns dilemas humanos que são observados durante um longo período da História humana. Não finalizamos com um aspecto pessimista, mas, reforçando a necessidade de haver respeito e reconciliação entre as pessoas, como – respeitando as circunstâncias temporais e espaciais – Essaradão e Assurbanipal, estrategicamente, tentaram fazer no século VII a.e.c. A História Antiga, em sua diversidade, pode ser muito útil para reflexão em sala de aula, foi assim que encaramos durante todo o processo.

⁶⁰ Procurar a página 68.

O tipo de visão decorrente dessas informações agrega não um conhecimento factual, mas, interpretativo, questionador. Na atualidade a realidade é dura, as guerras não cessaram, só aumentaram seu campo de destruição, as “estátuas de adoração”, agora, não são deuses, são “personagens políticos” e seus discursos duvidosos justificando seus erros. O que é roubado, tomado, sequestrado é muito maior, é a dignidade humana que afeta, hoje em dia, todo o globo.

Figura 47. Turma do terceiro ano (Terceirão)



Fonte: De autoria própria

Figura 48. Professora Edna e o 3º ano do Ensino Médio



Fonte: De autoria própria

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação por séculos foi um benefício estritamente vinculado ao grupo dominante do contexto em que lhe cabe. Dessa maneira, pode-se dizer que uma estrutura complexa foi criada, gradualmente, favorecendo indivíduos seletos e perpetuando um ciclo excludente. Separando, intencionalmente, os sujeitos e aumentando as diferenças entre uma massa

“ignorada” e o grupo detentor dos poderes necessários, ditos hegemônicos. Assim, muitos foram induzidos a acreditar que o seu papel era praticamente irrelevante, principalmente, na realidade brasileira.

A história dos povos indígenas e africanos foram violentamente silenciadas, e, de maneira homóloga, a ancestralidade, referência e subjetividades associadas a um povo, europeu, foi inteiramente suprida, valorizada e lembrada. Durante o século XVIII a “razão” foi, gradualmente, transformada em uma aspiração modelo na França revolucionária, por exemplo, edificando quadros em favorecimento de uma chamada “elite” intelectual. O conhecimento se instauraria, intensamente, no saber e sua natureza básica. Apenas alguns são detentores das “luzes”, apenas alguns deverão possuir direitos, etc.

No decorrer do século XIX, a grande valorização do homem europeu, setentrional, como o centro do mundo, aliado ao nacionalismo característico da época, produziu poderosíssimas ferramentas de domínio e violência contra os povos considerados "inferiores". A idealização do povo europeu considerando a si mesmos “superiores”, além, é claro, do racismo científico repercutiu. A repercussão destes ideais no meio educacional da época desenvolveu um “conhecimento alicerce” daquilo que entenderíamos, posteriormente, como “História Universal” (História do Ocidente).

No início do século XX "os discursos racistas e eugenistas atribuíram uma hereditariedade inferior aos brasileiros de origem africana" (SANTANA; SANTOS, 2016, p. 37). São, em conta, três séculos de construção de uma engrenagem difícil de combater. A miscigenação ao longo das primeiras décadas do século XX foi forjada, não se deu aleatoriamente, e é possível verificar que foram políticas estatais pensadas especificamente para atingir um fim.

Os discursos racistas e eugenistas atribuíram uma hereditariedade inferior aos brasileiros de origem africana. Diziam, inclusive, que a debilidade biológica dos negros era bem-vinda, pois, assim, o elemento inferior desapareceria na miscigenação. A parte boa prevaleceria. O campo eugênico brasileiro encampou a ideologia do branqueamento. A mestiçagem aliada com a imigração seletiva levaria ao embranquecimento da população brasileira e à depuração da raça. Para além das “querelas científicas” que identificavam as diferenças conceituais, reconhecemos as identidades próprias e particulares que o racismo, o nazismo e o eugenismo possuem, apesar das semelhanças (SANTANA; SANTOS, 2016, p. 37).

Não devemos esquecer-nos dos discursos proferidos no passado, pois, do ponto de vista histórico, os processos sociopolíticos citados aconteceram, praticamente, “ontem”. O eurocentrismo presente no seio da história curricular e no currículo de História (disciplina do

ensino básico) é possível de se constatar. Mas, são estruturas que desde a década de 80 são alvos de críticas acadêmicas, dentro da História e, na atualidade, no interior da História Antiga (como método de estudo no Brasil).

A História Antiga tem passado por críticas, revisões, construções de novos paradigmas para o desenvolvimento do saber multiforme, integrado, relacional entre as culturas. Obviamente, podemos nos referir a culturas distantes ou, relativamente, distantes no espaço (geográfico), dentro da mesma região, no âmago de uma cidade (circulação social) e suas formas de convivência. Dessa maneira, a pesquisa se alia, profundamente, com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (ao nível Federal e Estadual), propondo conciliação entre diálogo, protagonismo juvenil, problematização, indivíduo e ética, todas em contato com a diversidade.

Considera-se, neste íterim, o método das Histórias Conectadas como uma maneira de enxergar a realidade passada através da lente interativa, pois, poucos estão sujeitos ao isolamento para sempre, não estiveram no passado, não estão no presente ou estarão no futuro. As confluências entre as sociedades humanas geram “produtos” interessantes, intrigantes e contraditórios, como uma rede sistêmica irregular (conturbada). Embora, nós estejamos conscientes da dificuldade em aproximar culturas tão antigas em relação ao presente, esse esforço está à mostra. Não é mistério que a humanidade é complicada, mas, nunca é desperdício nos lembrarmos, tendo em vista as fontes e bibliografia, da fragilidade da vida e a preocupação com o que está por vir. Acreditamos, a partir da pesquisa realizada, que os antigos mesopotâmicos também tinham tais preocupações. Tal como nós, reféns da realidade e das adversidades perenes.

Existem evidências acerca da deportação da estátua de Marduk, entretanto, é importante destacar que o passado longínquo pode ser reinterpretado conquanto novas evidências surjam à tona, sendo elas palco para questionamentos variados e reformulações dos pressupostos. Edificamos uma hipótese, que a estátua de Marduk foi levada para a Assíria e de volta à Babilônia por meio de ritos purificadores e que esse fenômeno produziu tensões e tentativas de aproximação.

Elaborou-se uma narrativa histórica. Para tal, contextualizamos a linguagem conhecida por assírios e babilônios, o acadiano (escrita literária) e suas variações (dialeto). Cabe frisar que durante o I milênio a.e.c. o aramaico também foi difundido e, muito possivelmente, conhecido entre assírios e babilônios.

Narrativas sagradas, tais qual, o *Enuma Elish*, o *Épico de Gilgamesh*, *A exaltação de Inana*, a *Profecia de Marduk* e o *Épico de Erra* foram escolhidos para nos auxiliar, como um indício, do comportamento, do imaginário, das relações e considerações entre o homem e as deidades. Para compreender melhor a realidade dos antigos assírios e babilônios foi necessário analisar sua cosmovisão. Concomitantemente, foi possível analisar suas preocupações, seus anseios, sonhos, desejos, discursos, irritações e lamúria. Dessa forma, o passado é sentido com humanização. É plausível que a cidade, o templo e as pessoas tivessem uma ligação subjetiva, observável até nos seus nomes próprios (os sujeitos).

Senaqueribe, em seu reinado, foi responsável pela destruição da cidade de Babilônia, entre os séculos VIII e VII a.e.c. A ordem para a deturpação (destruição) das imagens de culto e sua “extradição” para Assíria, como os indícios sugerem, partiu de Senaqueribe. Por anos tentou findar violentamente os conflitos com os babilônios, talvez, este último golpe tenha sido drástico para a incitação babilônica anti-assíria.

O sentimento adverso amenizou-se, apenas, durante os governos seguintes. Essaradão (filho de Senaqueribe) e Assurbanipal (filho de Essaradão) buscaram estratégias diferentes focando sua atenção à Babilônia com perspectivas político-religiosas reformistas, isto é, investindo seus esforços na reconstrução e manutenção estrutural (muros, santuários e templos) da cidade.

É possível que Essaradão tivesse a intenção de devolver a estátua de Marduk, no seu tempo, todavia, provavelmente, essa ideia fracassou. Os documentos e bibliografias mais contundentes indicam que este evento se deu quando Assurbanipal subiu ao trono, por volta de 669 e 668 a.e.c. Em suma, as relações entre assírios e babilônios foram de intensa irregularidade, diplomacia, rancor, revolta, pacificação, reestruturação, rebelião, ordenamento, guerra e aproximação. Até as transições dos governantes geravam tensões internas, ou seja, no interior da cultura em si, como a Assíria. Sobre a estátua, os ritos de purificação foram, com grande possibilidade, realizados pelos assírios em louvor à Marduk (estratégia para apaziguarem os babilônios revoltados).

Por que se importar com culturas diversas? Neste espaço, os estudos voltados à Mesopotâmia são tão importantes quanto estudar Revolução Francesa, Cristianismo, Império Romano e podem contribuir, profundamente, na construção de um corpo estudantil capaz de mensurar os problemas advindos do conflito bélico, por exemplo, como insensato e incoerente, tendo em vista o histórico antigo dos danos causados a vida humana desde a Antiguidade. Entender também, a partir do fenômeno *a deportação da estátua de Marduk* o

valor que mesmo hoje, determinados objetos detêm para as mais diferentes culturas como as imagens dos santos católicos, dos orixás de matriz africana, respeitando suas particularidades contextuais. Dessa forma, construindo um espaço de respeito ao diferente, um lugar democrático.

O que interessa é o valor do objeto estudado (a estátua de Marduk) para os antigos assírios e, principalmente, babilônios. Ora, os reinados subsequentes à Senaqueribe entenderam a importância do retorno de Marduk à Babilônia. Este sentimento, em graus distintos, pode se reverberar no mundo contemporâneo, a partir dos “laços afetivos” associados a uma escultura, por exemplo, que nós consideramos memória importante a zelar. Precisávamos oferecer aos educandos do Estado do Ceará, através do diálogo, o direito de poder pensar a respeito. É possível que no fim seja tudo o que importa, isto é, pensar.

Paulo Freire pavimentou o caminho, metodológico, para entender o espaço educacional, ou melhor, entender qual papel nós podemos assumir. Queríamos englobar cada elemento descrito por Paulo Freire, isto é, a ênfase ao diálogo, a criticidade, a curiosidade, a mutualidade do saber e a liberdade de optarmos por outras percepções acerca da realidade, utilizando a Antiguidade. Ora, nós nos forjamos pela confluência cultural dos nativos brasileiros, africanos e europeus, porém, a relação histórica foi chocante, violenta e de intensão dominante. O colonizador determinou a língua falada, o que deveria ser ensinado e a história memorizada. Visualizamos a pesquisa sobre o Oriente Médio Antigo, paralelamente, como uma tentativa de ensinar história sem recorrer ao “destino sagrado” da Mesopotâmia ser, praticamente, um berçário dos povos ocidentais.

Sobre o produto educacional, o *website* “historiasconectadas.com.br” integrou alguns elementos básicos da contemporaneidade, a tecnologia, a curiosidade, a necessidade e o hábito. Nossa intenção não foi uma substituição dos materiais didáticos, mas, uma forma diferente de ensinar História dentro de sala de aula. O celular, hoje em dia, para o bem ou para o mal, é quase uma continuidade de um membro corpóreo humano. Por que não usar para a realização de algo útil para a mente, para a construção do conhecimento e contribuição para o interesse pela História e Antiguidade? Foi o que buscamos arduamente fazer.

Os resultados obtidos na Unidade Vocacional Integrado Estado do Ceará foram satisfatórios. É possível realizar dinâmicas interessantes entre o educando e o educador com a utilização de tecnologias, como *websites* e *YouTube*. O incentivo ao pensamento e reflexão nunca foi tão necessário e urgente quanto nos dias atuais, por isso, não podemos considerar os recursos cibernéticos “inimigos”, mas, um meio de integração humanística. João Marcos,

Weslane Larissa, Maria Eduarda, Júlio Guilherme, João Vitor, e todo corpo estudantil do 3º ano (Ensino Médio), foram fundamentais na aplicação do produto “historiasconectadas.com.br”. Observação, reflexão, visualização das postagens e vídeos, e, por último, conscientização, passamos por todos estes momentos durante os últimos meses de 2022.

OBS: O nosso *site* (Blog) passou por uma atualização completa. Confira nosso mais novo link: <https://hamuitotempo.com.br>. O tema “historiasconectadas” se tornou um **item** dentro do nosso mais novo *site*. **22/06/2023**. Nosso *Blog* se tornou abrangente.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Sergio L.C; *et al.* A guerra civil Síria, o Oriente Médio e o sistema internacional. **Série Conflitos Internacionais**. São Paulo, V. 1, n. 6. p.1-6, Dezembro, 2014. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/a-guerra-civil-siria-final.pdf>. Acessado em: 12/01/2022.

AMIN, Osama Shukir Muhammed. **Siege of Lachish Reliefs at the British Museum**. 2017. Sala XXXVI do palácio sudoeste, painel 7. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/313759294_Siege_of_Lachish_Reliefs_at_the_British_Museum. Acessado em: 22/04/2022.

ANASTASIA, Carla; RIBEIRO, Vanise. **Coleção encontros com a História**. Curitiba: positivo, p. 08-175, 2006.

ANNUS, Amar. Divination and interpretation of signs in the Ancient World. (Org). In: JEAN, Cynthia. **Divination and races at the neo-assyrian palace: the importance of signs in royal ideology**. N. 6. Chicago, Illinois, 2010. Disponível em: <https://isac.uchicago.edu/sites/default/files/uploads/shared/docs/ois6.pdf>. Acessado em: 18/03/2022.

ALVÁRO, Bruno Gonçalves; SANTOS, Lenalda Andrade. **O islamismo na península ibérica medieval (séculos viii-xi)**. p. 98-107, 2018. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/09543418102012Historia_Medieval_I_Aula_09.pdf. Acessado em: 16/06/2022.

ALOMIA, K. Merling. **Lesser Gods of the Ancient Near East and Some Comparisons with Heavenly Beings of the Old Testament**. 1987. Dissertation (Doctor of Philosophy), Andrews University, USA, Michigan. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/dissertations/6/>. Acessado em: 04/02/2022.

ARAÚJO, Waldísio. **O Enuma Elish, poema babilônico da criação do mundo**. p. 1-6, 2018. Disponível em: <https://docplayer.com.br/69662063-O-enuma-elish-poema-babilonico-da-criacao-do-mundo.html>. Acessado em: 04/02/2022.

ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de; *et al.* Escravidão antiga e moderna. **Tempo**, Vol. 3 - nº 6, p.1–7. Dez, 1998. Disponível em: www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg6-1.pdf. Acessado em 28/12/2022.

BARBATO, Luís Fernando Tosta. O clima tropical na história: relações de ambivalência. **Élisée**. Anápolis, v.4, n.1, p.68-90, Jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/3128>. Acessado em: 20/12/2022.

BEAULIEU, Paul-Alain. **The Reign of Nabonidus King Of Babylon 556 a.C. – 539 a.C.** New Haven and Lodon, Yale University Press. 1989. Disponível em: [https://babylonian-collection.yale.edu/sites/default/files/files/YNER%2010%20-%20Beaulieu%20-%20The%20Reign%20of%20Nabonidus%20King%20of%20Babylon%20556-549%20BC%20\(1989\).pdf](https://babylonian-collection.yale.edu/sites/default/files/files/YNER%2010%20-%20Beaulieu%20-%20The%20Reign%20of%20Nabonidus%20King%20of%20Babylon%20556-549%20BC%20(1989).pdf). Acessado em: 21/04/2022.

BECKMAN, Gary. Foreigners in the Ancient Near East. **Journal of the American Oriental Society**, University of Michigan. p. 203-215, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/48247692/Foreigners_in_the_Ancient_Near_East. Acessado em: 05/05/2022.

BERNAL, Martin; *et al.* Textos Didáticos. In: BERNAL, Martin. **A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia**. 2. ed. n. 49, 2005, p. 5 - 62. Disponível em: www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/49.pdf. Acessado em: 25/12/2022.

BERNARDO, Gabriel Cabral; PORTER, Jason Douglas. Escravidão e a eflorescência econômica de Atenas: A Escravidão de Moinho como estudo de caso. **Mare Nostrum**, v. 10, n. 2, p. 51 – 77. 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268365192.pdf>. Acessado em: 25/12/2022.

BISPO, Manuela. Erra/Isum. Contributo para a análise do divino, na babilónia, à luz do poema de erra. **CADMO** Revista de História Antiga. Universidade de Lisboa, v. 20. p. 295-316. Indisponível online (Disponível em cópia física).

BODA, Mark J; NOVOTNY, Jamie. From the Foundations to the Crenellations: Essays on Temple Building in the Ancient Near East and Hebrew Bible. (Org). In: HEILDEBERG, Hanspeter Schaudig. **The Restoration of Temples in the Neo- and Late Babylonian Periods: A Royal Prerogative as the Setting Political Argument**. Ugarit-Verlag, Münster, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/7817191/_The_Restoration_of_Temples_in_the_Neo_and_Late_Babylonian_Periods_A_Royal_Prerogative_as_the_Setting_for_Political_Argument_in_Mark_J_Boda_and_Jamie_R_Novotny_eds_From_the_Foundations_to_the_Crenellations_AOAT_366_Münster_2010_pp_141_164. Acessado em: 03/05/2022.

BORTOLUCI, José Henrique. Formas e categorias do pensar eurocêntrico. **CSONline Revista Eletrônico de Ciências Sociais**. Ano 2, Volume 5, Dezembro 2008. Disponível em: https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/formas_e_categorias_do_pensar_eurocentrico.pdf. Acessado em: 19/06/ 2022.

BORTOLUCI, José Henrique. **Pensamento Eurocêntrico, Modernidade e Periferia: Reflexões sobre o Brasil e o Mundo Muçumano**. 2009. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24112009-102949/pt-br.php>. Acessado em: 19/06/2022.

BOUZON, Emanuel. **As cartas de Hammurabi**. Vozes, Petrópolis, p. 1986.

BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **Epopéia de Gilgámesh**. Autêntica clássica, 2021.

BUCK, William. **O Mahabharata: o clássico poema épico indiano recontado em prosa por Willian Back**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

CAMPOS, Lucien Vilhalva de. **A guerra civil na Síria e seus refugiados: uma reflexão sobre a atuação do alto comissariado das Nações Unidas para os refugiados (acnur).** João Batista da Silva. 2013. p. 10 – 65. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Relações Internacionais, Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/10794/1/109230_Lucien.pdf. Acessado em: 09/12/2022.

CARAMELO, Francisco. **A religião mesopotâmica: entre o relativo e o absoluto.** Lisboa, 2007, n° 19, Edições Colibri, p. 165-175. Disponível em: <https://fdocumentos.tips/document/a-religiao-mesopotamica-francisco-caramelo-1pdf-generalizacoes-devem.html>. Acessado em: 08/02/2022.

CARDASCIA, Guillaume. *Les lois assyriennes*. Paris, Les éditions du cerf, 1969.

COGAN, Mordechai. Sennacherib and the angry gods of Babylon and Israel. **Israel Exploration Journal**, vol. 59, n. 2, Israel, Jerusalém, p. 164-172, 2009. Disponível em: www.academia.edu/3720371/Sennacherib_and_the_Angry_Gods_of_Babylon_and_Israel. Acessado em: 20/04/2022.

CILLIERS, L; RETIEF, F.P. Mesopotamian medicine. **South African medical journal SAMJ**, Feb. 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/6429561_Mesopotamian_medicine. Acessado em: 23/04/2022.

CORRÊA, Margarida Maria da Silva. **Da construção do olhar europeu sobre o novo mundo ao (re) descobrimento do reino tropical.** 1997. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias), Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/CORR_A__Margarida_Maria_da_Silva._1997.pdf. Acessado em: 16/06/2022.

COSTA, Kevin Kesley Rodrigues da. Liberdade de expressão e discurso de ódio nas mídias sociais. **Revista Eletrônica do Ministério Público do Estado do Piauí**. Ano 01. 1ª ed. P. 324. Jan/Jun 2021. Disponível em: www.mppi.mp.br/internet/wp-content/uploads/2022/01/Liberdade-de-expressao-e-discurso-de-odio-nas-midias-sociais.pdf. Acessado em: 15/01/2023.

CHAMMA, Ana; *et al.* **Produção de alimentos no Brasil**: Geografia, cronologia e evolução. São Paulo: IMAFLORA, 2021. 137 pp. Disponível em: www.imaflora.org/public/media/biblioteca/producao_de_alimentos_no_brasil_geografia_cronologia_e_evolucao.pdf. Acessado em: 15/01/2023. ISBN: 978-65-86902-08-2.

DALLEY, Stephanie M; SIDDALL, Luis R. **A conspiracy to murder sennacherib?** a revision of saa 18 100 in the light of a recent join. IRAQ, p. 45-56. 2021. Doi:10.1017/irq.2021.5. Disponível em: https://www.academia.edu/50932789/A_Conspiracy_to_Murder_Sennacherib_A_Rrevision_of_SAA_18_100_in_the_Light_of_a_Recent_Join. Acessado em: 17/03/2022.

DALLEY, Stephanie. **Myths from Mesopotamia**: Creation, the Flood, Gilgamesh, and Others. Oxford University Press. 2000. Disponível em: <https://zlibrary.to/pdfs/myths-from-mesopotamia-creation-the-flood-gilgamesh-and-others-oxford-worlds-classics-pdf>. Acessado em: 24/04/2022.

DIOP, Cheikh Anta. **A origem africana da civilização**: Mito ou Realidade. 1955. Disponível em: https://www.academia.edu/49425626/DR_Cheikh_Anta_Diop_A_Origem_Africana_da_Civilizacao_Mito_ou_Realidade_. Acessado em: 20/06/2022.

DUPLA, Simone Aparecida; PETRUSKI, Maura Regina. Ano novo, vida nova: a renovação com o festival de akitu na babilônia. **PHOÏNIX**, Rio de Janeiro, 23-2: 27-40, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/phoenix/article/view/32954/18426>. Acessado em: 08/02/2022.

DURÃO, Gustavo de Andrade. Antiguidade e Afrocentrismo: crítica e mito na História Antiga. **Faces da história**, Assis-SP, v.4, nº2, p. 28-41, Jun.-Dez., 2017. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/168>. Acessado em: 20/06/2022.

DUSSEL, Enrique. **1492**: o encobrimento do outro, a origem do mito da modernidade. Vozes, Petrópolis, 1993. Disponível em: https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/45.1492_O_encobramento_do_outro.pdf. Acessado em: 15/06/2022.

ELIADE, Mircea. Initiation, rites, sociétés secrètes, Paris, Gallimard, 1959, p. 23-96. In: ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**, p. 9-167. Disponível em: <https://doceru.com/doc/n5nsv81>. Acessado em: 06/02/2022.

ELLISON, Elizabeth Rosemary. **A study of diet in Mesopotamia (c.3000 - 600 bc) and associated agricultural techniques and methods of food preparation**. 1978. Thesis (Doctor of Philosophy), University of London in the Faculty of Arts. Disponível em: https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/1349279/1/454702_vol1.pdf. Acessado em: 22/04/2022.

ESTEVIÃO, Roberto da Freiria; LISBOA, João Pedro Leal da Cruz. **A legitimidade da escravidão na antiguidade por meio do código de hamurabi e seus efeitos para formação do estado**. 2019. Disponível em: <https://aberto.univem.edu.br/bitstream/handle/11077/1909/Artigo%20Científico%20-%20João%20Pedro%20Leal%20da%20Cruz%20Lisbôa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 25/06/2022.

FALÇONI, Sabrina Fernandes Santos; *et al.* Máquina do tempo: o Brasil de volta ao mapa da fome. **Observatório das desigualdades**. Minas Gerais. n. 14. Fev. 2022. Disponível em: <https://uenf.br/portal/wp-content/uploads/2022/02/Boletim-14-O-Brasil-de-volta-ao-Mapa-da-Fome.docx-1.pdf>. Acessado em: 16/01/2023.

FARIAS, Mayara Helenna Veríssimo de; MAIA, Fernando Joaquim Ferreira. Colonialidade do poder: a formação do eurocentrismo como padrão de poder mundial por meio da colonização da América. **SciELO**. Interações, Campo Grande, MS, v. 21, n. 3, p. 577-596, jul./set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/wbtt55LdndtrwfkvRN5vqb/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 16/06/2022.

FLORES, Guilherme Gontijo; SCANDOLARA, Adriano. **Inana**: antes da poesia ser palavra era mulher. São Paulo: sobinfluencia edições, 2022, p. 7 – 130.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba; HIRATA, Elaine Farias Veloso. Estudos sobre a Cidade Antiga. In: GUARINELLO, Norberto Luiz. **Modelos Teóricos sobre a Cidade do Mediterrâneo Antigo**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2009, p. 109-119.

FRAME, Grant. Babylon: Assyria's Problem and Assyria's prize. Journal, **The Canadian Society for Mesopotamian Studies La Société canadienne des études mésopotamiennes**. Vol. 3. Fall/Automne, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/30881671/_Babylon_Assyrias_Problem_and_Assyrias_Prize_Journal_of_the_Canadian_Society_for_Mesopotamian_Studies_3_2008_21_31. Acessado em: 12/03/2022.

FREIRE, Paulo. **Direitos humanos e educação libertadora**: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021, p. 11 – 351.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 52ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022, p. 7 – 189.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 47ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021, p. 7 – 110.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021, p. 9 - 140.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 78ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021, p. 11 – 253.

GARELLI, Paul; NIKIPROWETZKY, V. **O Oriente próximo asiático**: impérios mesopotâmicos-israel. Pioneira, São Paulo. 1982.

GEORGE, Andrew. **Babylonian and Assyrian**: a history of Akkadian. University of London. 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/303824303_Babylonian_and_Assyrian_A_history_of_Akkadian. Acessado em: 03/02/2022.

GEORGE, Andrew. **The Poem of Erra and Ishum**: A Babylonian Poet's View of War. SOAS, University of London, p. 39-71, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/25834083/The_poem_of_Erra_and_Ishum_A_Babylonian_Poets_View_of_War_In_Warfare_and_Poetry_in_the_Middle_East_2013_39_71. Acessado em: 02/05/2022.

GOODY, Jack. **O roubo da História**: como os europeus se apropriaram das idéias e invenções do Oriente. Editora Contexto, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5969793/mod_resource/content/2/GOODY%2C%20

Jack%2C%20“O%20Roubo%20da%20História%20Como%20os%20europeus%20se%20apropriaram%20das%20ideias%20e%20invenções%20do%20Oriente%2C%20Editora%20Conte xto%2C%202008.. Acessado em: 23/06/2022.

GRAYSON, Kirk; NOVOTNY, Jamie. **The Royal Inscriptions of Sennacherib, King of Assyria (704–681 BC), Part 1**. Winona Lake, Indiana. Eisenbrauns, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/46447118/The_Royal_Inscriptions_of_Sennacherib_King_of_Assyria_704_681_BC_Part_1_Royal_Inscriptions_of_the_Neo_Assyrian_Period_Vol_3_Winona_Lake_Eisenbrauns_with_Kirk_Grayson_. Acessado em: 12/03/2022.

HALL, Stuart; et al. Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. (In): SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. Disponível em: https://tonaniblog.files.wordpress.com/2019/03/tomaz-tadeu_identidade-e-diferenc3a7a.pdf. Acessado em: 10/02/2023.

HEIDEL, Alexander. **The babylonian genesis: the story of creation**. 1963. Disponível em: <https://isac.uchicago.edu/research/publications/misc/babylonian-genesis-story-creation>. Acessado em: 03/02/2022.

HUROWITZ, Victor Avigdor. The Mesopotamian God Image, from Womb to Tomb. **Journal of the American Oriental Society**, Vol. 123, N.1, Jan/Mar, pp. 147- 157, 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/1015639/The_Mesopotamian_god_image_from_womb_to_tomb. Acessado em: 09/02/2022.

HUNDLEY, B. Michael. **Divine Presence in Ancient Near Eastern Temples**. Religion Compass, University of Scranton, p. 203–215, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/8714759/Divine_Presence_in_Ancient_Near_Eastern_Temples. Acessado em: 09/02/2022.

ITO, Sanae. **Royal Image and Political Thinking in the Letters of Assurbanipal**. Dissertation (Faculty of Arts), University of Helsinki. Finland, p. 1-250. ISBN 978-951-51-0973-6. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/33733932.pdf>. Acessado em: 05/01/2023.

JOHNSON, Erika Diane. **Stealing the Enemy’s Gods: An Exploration of the Phenomenon of Godnap in Ancient Western Asia**. Thesis (Doctor of Philosophy), Institute of Archaeology

and Antiquity College of Arts and Law. The University of Birmingham, January, 2011. Disponível em: <https://etheses.bham.ac.uk/id/eprint/3187/>. Acessado em: 14/03/2022.

JONES, Chrstopher W. **New Light on the Assassination of Sennacherib**. N.A.B.U. Columbia University, n°2, jun. 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/39969783/New_Light_on_the_Assassination_of_Sennacherib. Acessado em: 17/03/2022.

JÚNIOR, Nazito Pereira da Costa. Ciência e tecnologia na antiguidade africana. **Revista LiberAção**, Campina Grande – Paraíba – Brasil, v. 2, n. 1, p. 129-148. Janeiro/junho 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/350394643_CIENCIA_E_TECNOLOGIA_NA_ANTIGUIDADE_AFRICANA. Acessado em: 21/06/2022.

JUNIOR, Vicente Giaccaglini Ferraro. A guerra na Ucrânia: Uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana. **Conjuntura Austral: jornal of the global South**. v. 13. N. 64, p. 25-50. Dezembro, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/128157>. Acessado em: 09/12/2022.

KÄMMERER, Thomas R.. Kings, Gods and People Establishing Monarchies in the Ancient World. (Org). In: JOHANDI, Andreas. **The Motif of Divine Abandonment in Some Mesopotamian Texts Featuring the God Marduk**. Ugarit-Verlag, Münster, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/35825411/The_Motif_of_Divine_Abandonment_in_Some_Mesopotamian_Texts_Featuring_the_God_Marduk_AOAT_390_AAMO_4. Acessado em: 19/03/2022.

KING, Leonard William. **Enuma Elish o épico da criação**. 1902. Disponível em: <https://cristianaserra.files.wordpress.com/2014/08/enuma-elish-em-portuguc3aas.pdf>. Acessado em: 05/02/2022.

KOSUH, Michael. **Temple, Economy, and Religion in First Millennium Babylonia**. Religion Compass, Auburn University. 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/251208/Temple_Economy_and_Religion_in_First_Millennium_Babylonia. Acessado em: 06/02/2022.

LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino americanas. (org). In: DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e eurocentrismo**. Colecciôn Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autônoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf. Acessado em: 15/06/2022.

LEISTEN, Beate Pongratz. The Animated Temple and Its Agency in the Urban Life of the City in Ancient Mesopotamia. **Religions**, New York, USA. p. 1-11, 2021. <https://doi.org/10.3390/rel12080638>. Disponível em: Religions | Free Full-Text | The Animated Temple and Its Agency in the Urban Life of the City in Ancient Mesopotamia Beate Pongratz-Leisten, NYU, ISAW (mdpi.com). Acessado em: 07/02/2022.

LEICK, Gwendolyn. The babylonian world. (Org). In: SALLABERGER, Walther. **The palace and the temple in babylonia**. Routledge, New York and London. p. 265-274, 2007. Disponível em: [https://library.mibckerala.org/lms_frame/eBook/Leick%20-%20The%20Babylonian%20World%20\(Routledge\).pdf](https://library.mibckerala.org/lms_frame/eBook/Leick%20-%20The%20Babylonian%20World%20(Routledge).pdf). Acessado em: 07/02/2022.

LETOURNEAU, Ch. **La psychologie ethnique: mentalité des races et des peuples**. Casa Fernando Pessoa. Paris: Librairie Schleicher Frères, [1901]. - VIII, p. 556. Disponível em: https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/3-39/2/3-39_item2/index.html. Acessado em: 20/06/2022.

LOBO, Hadock. **História Universal**. Editora Egéria Ltda. São Paulo, vol. 1. p. 7, 1981.

LUCKENBILL, Daniel David. **The Annals of Sennacherib**. Vol. 2. Chicago, Illinois. 1924. Disponível em: <https://isac.uchicago.edu/sites/default/files/uploads/shared/docs/oip2.pdf>. Acessado em: 14/03/2022.

MAIA, Raul. **Curso do estudante globalizado 1º e 2º graus concursos e vestibulares**. p. 03-783, 1998.

MACEDO, José Rivair. Org. **Antigas civilizações africanas: historiografia e evidências documentais**. In: Desvendando a história da África [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 13-27. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/yf4cf/pdf/macedo-9788538603832-02.pdf>. Acessado em: 19/06/2022.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. **Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodescendente**. 2015. Disponível em: <https://doceru.com/doc/x5sx8c1>. Acessado em: 22/06/2022.

MALERBA, Jurandir. **História da historiografia e perspectiva global: um diálogo possível?**. Esboços histórias em contextos globais, Florianópolis, v. 26, n. 43, p. 457-472, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2019.e65419/41001>. Acessado em: 20/07/2022.

MIEROOP, Marc Van De. Revenge, assyrian style. **Past & Present**, n. 179, may, 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/31036787/2003_Revenge_Assyrian_Style_Past_and_Present_179_2003_3_23. Acessado em: 13/03/2022.

MONTE, Marcel Luís Paiva do. Os deuses, os reis e a estatuária real no império neo-assírio. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, ano X, n. 18-19, p. 37-60, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/37681043/Os_deuses_os_reis_e_a_estatuária_real_no_império_neo_assírio. Acessado em: 10/02/2022.

MORALES, Fábio Augusto; SILVA, Uiran Gebara da. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 40, nº 83, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/gB9JWMhrKxwMvJCwGRd5Y9y/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 24/06/2022.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Antígona Editores Refractários. 1. ed. 2014, p. 9 - 306. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4108027/mod_resource/content/1/A%20crítica%20da%20razão%20negra%20Achille%20Mbembe.pdf. Acessado em: 25/12/2022.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008. Disponível em: <https://zoboko.com/book/8eelgq6n/a-matriz-africana-no-mundo>. Acessado em: 21/06/2022.

NADAI, Elza; BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Repensando a noção de tempo histórico no ensino**. Ensino de Historia e a Criação do Fato. Tradução. São Paulo: Contexto, 1990, p. 73 – 91.

NIAZI, Amjad Daoud. Plague Epidemic in Sumerian Empire, Mesopotamia, 4000 years ago. **The Iraq Postgraduate medical journal**, 2014. Disponível em: <https://www.iasj.net/iasj/download/8a1dcc441979a3f0>. Acessado em: 23/04/2022.

NILOCE, BRISCH. UK Higher Education Academy. **Based on data prepared by the HEA-funded AMGG Project**. Disponível em: Ancient Mesopotamian Gods and Goddesses - Ancient Mesopotamian Gods and Goddesses (upenn.edu). Acessado em: 21/04/2022.

PARPOLA, Simo. **Neo-Assyrian Treaties from the Royal Archives of Nineveh**. Journal of Cuneiform Studies, Boston, Vol. 39, No.2, p. 161-189, 2010. Disponível em: <https://www.atour.com/education/pdf/SimoParpola-NeoAssyrianTreatiesFromTheRoyalArchives.pdf>. Acessado em: 12/03/2022.

PARPOLA, Simo. State Archives of assyria studies. V. XXIX (Org). 2019. In: FALES, Frederick Mario. **The composition and structure of the neo-assyrian empire: ethnicity, language and identities**. Disponível em: https://www.academia.edu/41799910/2019_The_Composition_and_Structure_of_the_Neo_Assyrian_Empire_Ethnicity_Language_and_Identities_in_R_Mattila_G_B_Lanfranchi_R_Rollinger_Eds_Writing_Neo_Assyrian_History_Sources_Problem_and_Approaches_SAA_29_The_Neo_Assyrian_Text_Corpus_Project. Acessado em: 09/02/2022.

PONTES, Antonio Ivemar da Silva. **A “influência” do mito babilônico da criação, enumalish, em gênesis 1,1—2,4^a**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Recife. Disponível em: tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/886/2/dissertacao_antonio_ivemar.pdf. Acessado em: 04/02/2022.

PORTER, Barbara Nevling. **Images, power, politics: figurative aspects of esarhaddon's babylonian policy**. Filadélfia: American Philosophical Society, 1993.

REDE, Marcelo. Imagem da violência e violência da imagem: Guerra e ritual na Assíria (séculos IX-VII a.C.). **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 34, n. 64, p. 81-121, jan/abr 2018.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/vh/v34n64/0104-8775-vh-34-64-0081.pdf>. Acessado em: 13/03/2022.

ROAF, Michael. **Mesopotâmia: grandes civilizações do passado**. Barcelona: Folio, 2006

ROCHA, Justiniano José da Rocha. **Compendio de História Universal**. V. 1. Rio de Janeiro, 1860. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4103>. Acessado em: 24/06/2022.

ROSA, Ellen Aparecida de Araújo. **Rekhet – A Filosofia antes da Grécia: Colonialidade, Exercícios Espirituais e o Pensamento Filosófico Africano na Antiguidade**. 2017. Dissertação (Mestre em Filosofia), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica. Disponível em: <https://tede.ufrrj.br/handle/jspui/4490#preview-link0>. Acessado em: 16/06/2022.

ROSSI, Luis. **Cultura militar e de violência no mundo antigo: Israel, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia**. ed. 1. São Paulo: Annablume, 2008.

SANTOS, António Ramos dos. O sagrado na Babilônia Antiga. **CADMO**, v.3, p. 67, 1993. Disponível em: www.centrodehistoria-flul.com/uploads/7/1/7/0/7170743/osagradonababiloniaantiga.pdf. Acessado em: 05/02/2022.

SANTOS, António Ramos dos. Um lugar de encontro entre o homem e os deuses. **Revista portuguesa de ciência das religiões**, Ano II, n.º 3/4, p. 189-196, 2003. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/article/view/4605>. Acessado em: 08/02/2022.

SANTOS, António Ramos dos. Sargão e a ameaça de Merodach-baladan. **CADMO Revista de História Antiga**, Lisboa. 2013. DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0871-9527_23_1. Indisponível online (Disponível em cópia física).

SANTANA, Nara M.C.; SANTOS, Ricardo Augusto dos. Projetos de modernidade: autoritarismo, eugenia e racismo no Brasil do século XX. *Revista de Estudios Sociales*. N. 58. p. 28-38. Out-Dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/res/article/view/5990>. Acessado em: 17/01/2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.7440/res58.2016.02>.

SILVA, Uiran Gebara da. Outra História Global é possível? Desocidentalizando a História da Histiografia e História Antiga. **Esboços histórias em contextos globais**, v. 26, n. 43, p. 473-485, set/dez. 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2019.e65429>. Acessado em: 20/07/2022.

SILVA, Talita Nunes. **As estratégias de ação das mulheres Transgressoras em Atenas no V século a.C.** 2011. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1507.pdf>. Acessado em: 25/06/2022.

SUGIE, Takuma. The Reception of the Marduk Prophecy in Seventh-Century B.C. Nineveh. **ORIENT**, Vol. 49, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315966352_The_Reception_of_the_Marduk_Prophecy_in_Seventh-Century_BC_Nineveh. Acessado em: 21/04/2022.

SHEDD, Rusell. **Bíblia Shedd**. 1997.

TAYLOR, Kynthia. **The Erra Song: A religious, Literary, and Comparative Analysis**. 2017. Doctoral dissertation (Doctor of Philosophy) Harvard University, Cambridge, Massachusetts. Disponível em: <https://dash.harvard.edu/bitstream/handle/1/42061524/TAYLOR-DISSERTATION-2017.pdf>. Acessado em: 24/04/2022.

VALENÇA, Ubirajara da Silva. **Quem descobriu a pólvora**. Rio de Janeiro, p. 20-26, jan./mar. 1987. Disponível em: https://rmct.ime.eb.br/arquivos/RMCT_1_tri_1987/quem_desc_polvora.pdf. Acessado em: 24/02/2022.

VIEIRA, Ana Livia Bomfim. **O mar, os pescadores e seus deuses: religiosidade e astúcia na Grécia Antiga**. São Luís: Café & Lápis, Editora Uema. 2011, p. 13 – 157.

VIEIRA, Francisco Sandro Silveira. **Do eurocentrismo ao afropessimismo: Reflexão sobre a construção do imaginário da “África” no Brasil**. 2006. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9317/9317.PDF>. Acessado em: 22/06/2022.

VIEIRA, Trajano. **Os persas de Ésquilo**. São Paulo: Perspectiva. 1ª. ed. 2013, p. 9 – 143.

WERTMANN, Patrick; *et al.* No borders for innovations: A ca. 2700-year-old Assyrian-style leather scale armour in Northwest China. **Quaternary International** Volume 623, 20 June 2022, Pages 110-126. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1040618221005553?via%3Dihub>.

Acessado em: 10/04/2022.

KOCH-WESTENHOLZ, Ulla. **Mesopotamian astrology**: An Introduction to Babylonian and Assyrian Celestial Divination. Denmark, University of Copenhagen, 1995. Disponível em: https://www.academia.edu/441807/Mesopotamian_astrology_an_introduction_to_Babylonian_and_Assyrian_celestial_divination. Acessado em: 18/03/2022.

ZAIA, Shana. **State-Sponsored Sacrilege**: “Godnapping” and Omission in Neo-Assyrian Inscriptions. *Journal of Ancient Near Eastern History*, p. 19–54, 2015. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/State-Sponsored-Sacrilege%3A-“Godnapping”-and-in-Zaia/eb50be56fb647dbc9c31a62b6bf9d507d3397a9f>. Acessado em: 15/03/2022.

FONTE (LEGISLAÇÃO):

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acessado em: 28/12/2022.

BRASIL, Ministério da Educação. Documento Curricular do Território Maranhense: para a Educação Infantil e o Ensino fundamental. São Luís. v. 2. 2022, p. 15 - 175. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acessado em 28/12/2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Supremo Tribunal Federal, [2022]. Disponível em: www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf. Acessado em: 28/12/2022.